



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

CÂNDIDO PLÁCIDO DA COSTA

**Dignidade e sofrimento da pessoa,
Imagem de Deus como fundamentação.
Análise Teológica, Filosófica e Pedagógica
da Primeira Unidade Letiva do 6º Ano do
Ensino Básico na Disciplina de EMRC.**

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Prof. Doutor José Pedro Lopes Angélico.

Porto
2017

Agradeço a todos os meus mestres
(desde o primeiro, meus pais, até ao
último) que me ensinaram o encontro
com o sofrimento e a dignidade do
grande Mestre e Senhor Jesus Cristo,
fonte de vida eterna.

Índice:	I
Abreviaturas:.....	II
Resumo:.....	III
Abstract:.....	III
Palavras-Chave:.....	III
Keywords: :.....	III
Introdução.....	1
Parte I - Aprofundamento Antropológico-Teológico.....	5
Capítulo I: - A pessoa, dignidade e sofrimento – reflexão contextual.....	5
1.1. Contexto cultural atual e correntes de pensamento (<i>status quaestionis</i>)...	5
1.2. Caracterização da Escola e questionamento da problemática.....	9
1.3. Identidade da EMRC e perfil do professor perante a problemática.....	14
Capítulo II: - A “Imagem de Deus”, dignidade e sofrimento.....	21
2.1. Antigo e Novo Testamento.....	23
2.2. Tradição e magistério.....	37
2.3. Duas perspectivas teológicas contemporâneas.....	52
a) Adolphe Gesché.....	52
b) Ruiz de la Peña.....	60
2.4. A nova concepção da dignidade versus sofrimento na pós-modernidade..	65
Parte II - Aplicação Pedagógico-Didática.....	77
Capítulo III: - Relatório da Prática Letiva: Uma proposta de abordagem da UL 1 do 6º Ano - “A pessoa humana”.....	77
3.1. Caracterização da turma.....	77
3.2. Gestão do Currículo.....	79
a) Planificação anual e por período.....	79
b) Introdução à Unidade Letiva.....	86
c) Sequência do processo de ensino-aprendizagem e avaliação.....	91
d) Recursos ou documentos enriquecedores.....	107
e) Instrumentos de avaliação.....	108
3.3. Reflexão crítica da Gestão do Currículo.....	111
3.4. Atividades de Enriquecimento Curricular e de integração na comunidade educativa.....	116
a) Justificação.....	116
b) Planificações.....	117
3.5. Balanço crítico do desempenho.....	118
Conclusão.....	122
Bibliografia.....	126
Anexos.....	139

Abreviaturas

A.T. – Antigo Testamento
AAS – Acta Apostolicae Sedis
Act - Atos dos Apóstolos
AL – Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*
Ap – Livro do Apocalipse
Art. – Artigo
a.C. – Antes de Cristo
BAC – Biblioteca de Autores Cristianos
Can. – Cânon
Cap. – Capítulo
CCE (CIgC) – Catecismo da Igreja Católica
CDSI – Compêndio da Doutrina Social da Igreja
CEP – Conferência Episcopal Portuguesa
Cf, – Conferir
CIC – Codex Iuris Canonici (Código de Direito Canónico)
coord. – Coordenação
d.C. – Depois de Cristo
Dir. – Diretor
DL – Decreto-Lei
DP – Instrução *Dignitas Personae*
DSI – Doutrina Social da Igreja
Dt – Deuterenômio
DTI – Dicionário Teológico Interdisciplinar
DUDH – Declaração Universal dos Direitos do Homem
ed. – Edição
EG – Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*
EMRC – Educação Moral Religiosa Católica
Ex – Êxodo
GE – *Gravissimum Educationis*
Gn – Génesis
GS – *Gaudium et Spes*
Ib – *Ibidem* (autor e obra citados)
Id – IDEM (autor citado)
Jb – Livro de Job
Jo – Evangelho de S. João
LBSE – Lei de Bases do Sistema Educativo
Lc – Evangelho de S. Lucas
LG – *Lumen Gentium*
Mc – Evangelho de S. Marcos
Mt – Evangelho de S. Mateus
N.T. – Novo Testamento
ONG – Organização não governamental

p.(pp.) – Página(s)
PES – Prática de Ensino Supervisionada
PP – *Populorum Progressio*
Ppt – PowerPoint
PT – Pacem in Terris
rev. – Revista
SD – Salvifici Doloris
SE – Sagrada Escritura
SENC – Secretariado Nacional de Educação Cristã
Sl – Salmo
Tp – Tempo
Trad. – Tradução
UL – Unidade Letiva
UPC – Universidad Pontificia de Comillas
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e cultura
Vol. - Volume
v.(vv.) – Versículo(s).

Resumo: Este trabalho tem como objetivo ir ao encontro das interrogações dos alunos de Educação Moral Religiosa Católica (EMRC), numa clarificação da dignidade da pessoa humana, na confrontação com a problemática do sofrimento humano. Pretende uma definição atualizada do termo dignidade, desde a Bíblia, passando pelo pensamento filosófico, o magistério da Igreja e terminando com uma visão contemporânea e a sua relação com a biomedicina, na questão do sofrimento. É um tema fundamental para a educação dos jovens no respeito da dignidade humana, procurando contribuir para um maior humanização.

Abstract: This dissertation aims to go in encounter of the questions of the students of Catholic Moral and Religious Education, in a clarification of the dignity of the human person, in a confrontation with the problem of human suffering. It seeks an actualized definition of the term dignity, from the Bible, through the philosophical thought, to the teaching of the Church, ending with a contemporary view and its relation to biomedicine in the question of suffering. It is a fundamental theme for the education of young people in the respect of human dignity, searching to contribute to a greater humanization.

Palavras-Chave: Dignidade, Sofrimento, Respeito, Pessoa humana, Valor inalienável, Imagem de Deus, Criação.

Keywords: Dignity, Suffering, Respect, Human Person, Inalienable Value, Image of God, Creation.

Pensei: “ A arte de ensinar começa na arte de aprender”

Introdução

Madre Teresa de Calcutá dizia: “- *Nenhum de nós, nem os senhores nem eu, tem o direito de condenar qualquer ser humano. Por muito que os vejamos fazer coisas que nos parecem erradas, não sabemos por que as fazem. Talvez sejamos nós que os obrigamos a fazê-las. A maior pobreza não é a falta de dinheiro, ou a falta de pão e de comida, mas sobretudo uma fome terrível de reconhecimento da dignidade que cada um tem; e aí cometemos muitos erros, porque deixamos as pessoas de lado e vamos às nossas coisas e somente às nossas coisas*”¹.

Partindo deste texto e do texto “Balada de neve”² da unidade letiva um: “A pessoa humana”, do manual do 6º ano da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC)³, lançamo-nos num grande desafio de procurar clarificar o conceito de dignidade da pessoa que, por consequência da evolução tecnológica, vai sofrendo alterações e ganhando contornos complexos e confusos, mormente no confronto com a problemática do sofrimento humano a nível da biomedicina.

Este desafio partiu do momento que lecionei esta unidade, porque suscitou grande interesse e motivação nos alunos. Apresentou também diversificados desafios e questões pertinentes por resolver em sala de aula, o que me levou a enfrentar a questão mais difícil da existência da pessoa que é o sofrimento humano, que se reforça na frase do texto “Balada de neve”: “que quem já é pecador sofra tormentos, enfim! Mas as crianças, Senhor, porque lhes dais tanta dor?!” E quando se fala tanto do reconhecimento da dignidade humana, tive necessidade de aprofundar o tema da dignidade no confronto com o sofrimento. Quer queiramos quer não, em maior ou menor grau, todas as pessoas estão sujeitas a estas duas realidades.

Pretendo com este trabalho solidificar as bases da dignidade da pessoa humana, na medida, em que a dignidade confrontada com o sofrimento torna-se num desafio, repleto de infindáveis questões pertinentes que poderão melindrar a relação da pessoa com Deus. Por isso, este desafio de procurar possíveis alicerces capazes de suportar todos os conflitos que se colocam, e cada vez mais se vão colocar, à dignidade da pessoa humana, porque uma sociedade em constante e rápida evolução exige que a construção da mesma

¹ TERESA DE CALCUTÁ. [consulta 23 Mai. 2017]. Disponível em: www.portaldafamilia.org/artigos/artigo421.shtml.

² SECRETARIADO DA EDUCAÇÃO CRISTÃ – Manual do 6º ano de EMRC, “Estou contigo!”. Lisboa: SNEC, 2015. p. 35.

³ Passo a usar a sigla EMRC para designar a Educação Moral e Religiosa Católica.

seja assente em alicerces cada vez mais sólidos. A dignidade é o alicerce da pessoa humana e da própria sociedade por excelência, mas também precisa de ficar bem estruturada para melhor fazer a adaptação e evolução, que os novos desafios sugerem.

Nesta evolução é cada vez mais necessária a reflexão sobre a dignidade, na medida em que a sociedade vive momentos de muitas crises, mas a crise básica ou a maior, apesar de muitos apelos sociais, continua a ser a falta de reconhecimento da dignidade da pessoa. Porém, “em momentos de crises ou de interrogantes fundamentais, temos que voltar o olhar sobre as grandes sabedorias que constituem o tesouro da humanidade, não para repeti-las servilmente, sim para encontrar nelas novas fontes de inspiração”⁴, o que torna necessário uma reflexão cada vez mais aprofundada e atualizada sobre a dignidade da pessoa humana.

Concretamente, o tema da dignidade da pessoa humana *versus* sofrimento tem a sua razão de ser em todas as culturas e momentos da história da humanidade, por isso, existem duas razões para aprofundar esta temática: primeiramente porque a “dignidade da pessoa humana” é de transversalidade a todos os níveis de escolaridade da disciplina de EMRC; segundo pela necessidade pois, no contexto de crise atual por consequência da evolução dos diversos desafios da ciência e tecnológica, suscitou alterações e ganhou contornos complexos, o que torna necessário e urgente um esclarecimento da realidade concreta e atualizada da dignidade da vida humana.

Para além das razões sociais apresentadas, o objetivo pessoal que motivou este trabalho foi o facto de procurar dar resposta a algumas questões dos jovens, que sempre se interrogam com a problemática da sua vida, mormente o sofrimento. Pois, se criados por amor, dignificados por Deus, porque existe o sofrimento? Porque sofrem os inocentes? Se realmente existe Deus porque sofrem as crianças que não tem culpa? Em que medida a dignidade, fundamentada na imagem de Deus, é distorcida com o sofrimento?

A dignidade e o sofrimento da pessoa humana são realidades que tocam o homem no mais profundo de si como no seu todo. Por isso, em toda a reflexão filosófica, e toda a extensão religiosa, mormente no cristianismo estas duas realidades estão sempre presentes. Também no direito internacional o tema da dignidade está presente como realidade essencial e inerente em cada ser humano. Algo que sentimos, que temos, que os outros têm, e que nos eleva. Contudo, estas realidades mantêm-nos respeitáveis uns para com os outros, sem que seja necessário direitos e deveres para cumprir.

⁴ VALADIER, Paul – “La persona en su dignidade”. *Concilium*. 300. 2 (2003). p. 234

Perante uma sociedade que precisa de se livrar contra a crueldade, o terrorismo, a indiferença e desumanização (bem presente nos refugiados) e a banalização dos direitos humanos, torna-se urgente uma reflexão aprofundada para uma tomada de posição no sentido de um reforço do direito na defesa da dignidade da pessoa, que também se concretiza no respeito do ser (rostro) do próximo.

Existe a necessidade constante de clarificar e atualizar o conceito e de lutar pela nossa dignidade interna e externa, através de bons comportamentos. Portanto, defender a dignidade do homem é uma tarefa nobre e que requer todo o esforço e empenho de cada um e da própria sociedade em geral. Na verdade, são muitos os casos em que existem constantes abusos contra a dignidade da pessoa. Temos que ter a noção de que os abusos devem ser prevenidos e que deve ser construída uma mentalidade social com mais justiça e respeito pela dignidade da pessoa humana.

Nesta perspetiva, o resultado do trabalho de preparação, investigação, execução e avaliação da lecionação da primeira Unidade Letiva do 6º ano: “A pessoa humana”, temática de estudo que surge no contexto da relação e dignidade da pessoa humana, levanta a questão: qual a origem e fundamento da dignidade? A questão começou a ser lançada há muitos anos atrás, já na Bíblia, no salmo 8: “que é o homem, para Vos lembrardes dele, o filho do homem, para dele cuidares? (v. 5)”, ao que o salmista tenta responder: “pouco lhe falta para que seja um ser divino, de glória e de honra o coroaste”. Esta mesma questão é lançada no livro de Job: que é o homem, para lhe dares importância? (Cf. Jb 7,17).

Mas Job, mesmo sofredor, procura dar uma resposta afirmativa à presença de Deus e descobre a eminente dignidade do seu ser pessoa. Nesta perspetiva, é meu ensejo que os alunos procurem encontrar o sentido de esperança no meio do sofrimento e busquem a afirmação da dignidade.

Portanto, este trabalho de pesquisa teve como objetivo aprofundar os conhecimentos dos alunos de EMRC na Prática de Ensino Supervisionada na área de Educação Moral Religiosa Católica, que decorreu no Agrupamento de Escolas 2º e 3º Ciclos de Valongo, no ano letivo de 2015/16. Foi desenvolvido na turma do 6º H, onde procurei expressar todo o conhecimento dos recursos didático-pedagógicos.

Mormente, a finalidade última da disciplina de EMRC, nas nossas escolas, é conduzir o aluno a compreender a realidade humana, na perspetiva cristã da vida e de o capacitar para se relacionar com as situações e resoluções do quotidiano, numa relação e enquadramento com os outros saberes, no âmbito cultural e científico. Esta capacitação,

foi motivo para esta investigação, que pretende levar o aluno a um olhar crítico e analítico de forma a compreender a realidade humano-social da dignidade no confronto com o sofrimento, na perspetiva crítica do agir humano, livre e responsável, orientado por princípios e valores ético-morais, de matriz cristã, razão de ser do seu contexto cultural.

Concretamente, esta investigação procura lançar questões para encontrar respostas indagando um aprofundamento e fundamentação teóricos sobre a temática da “dignidade da pessoa humana” confrontada pelo sofrimento humano. Assim, o trabalho consta da seguinte divisão: enquadramento da disciplina de EMRC, seguida de uma fundamentação antropológico-teológica, no contexto da Prática de Ensino Supervisionada (PES), com apresentação das realidades do contexto escolar, da escola e a caracterização da turma onde se desenvolveu toda a Unidade Letiva, de seguida, apresenta-se a gestão do currículo do processo ensino-aprendizagem, com a planificação anual do 6º ano de escolaridade e da Unidade Letiva 1: “A pessoa humana”, com os critérios de avaliação adotados ao longo do ano, seguidamente a descrição das seis aulas da Unidade Letiva; a sequência do processo ensino-aprendizagem, os recursos e estratégias usadas e os instrumentos de avaliação, tendo presente uma reflexão crítica; por fim, faz-se uma justificação e planificação e conseqüente relatório das atividades de enriquecimento curricular, com o balanço crítico de desempenho. Em anexo apresentam-se os recursos relevantes apresentados em aula.

Parte I - Aprofundamento Antropológico-Teológico

Capítulo I: - A pessoa, dignidade e sofrimento - reflexão contextual.

A complexidade da dignidade fundamentada na “imagem” de Deus remete para infindáveis questões, nomeadamente a questão de Deus, devido às circunstâncias sociais atuais, como são os atentados e o desrespeito pela vida humana. Assim, torna-se urgente uma reflexão mais aprofundada na defesa da dignidade da pessoa, que eleva o ser pessoa. Contudo, esta elevação para ser concreta, será confrontada com um olhar paralelo à realidade mais degradante da vida humana que é o sofrimento.

1.1. Contexto cultural atual e correntes de pensamento (*status quaestionis*)

No contexto da sociedade atual deparamo-nos com a problemática da pessoa humana como ser de dignidade, muitas vezes com um tipo de dignidade ferida pela problemática do mal, mais propriamente do sofrimento (“mas as crianças, Senhor, porque lhes dais tanta dor?”⁵). A que o mal é uma realidade de que muitas vezes se culpa o homem, mas mais facilmente se culpa Deus. Mas dentro do mal existe o sofrimento, pelo qual passa todo o ser humano, e em regra se culpa a Deus. Porque o sofrimento, de alguma forma, esvazia a “imagem de Deus” que existe no homem, logo a dignidade é ofuscada.

No texto do 6º ano sobre a realidade do sofrimento, surgem as questões de sempre: O porque do sofrimento das crianças inocentes em conflitos de guerra, na situação dos refugiados, no contexto da separação dos pais, se são elas ainda as que mais sofrem? Podemos colocar as questões: Onde está a sua dignidade? Onde estão os seus direitos? Onde se fundamentam os direitos? Ou será que os direitos são para quem os consegue defender? Para quem os faz e promulga? Quase como se o direito estivesse relacionado com o poder: Quem tem poder tem direitos, quem não tem poder não tem direitos (o tempo do feudalismo já passou e a escravatura foi abolida)?

Perante a realidade social de um individualismo cada vez mais acentuado, onde se aprofunda cada vez mais uma crise de valores que perpassa e atravessa transversalmente a sociedade moderna, cada vez mais se reforça a dificuldade nas relações sociais, fruto daquilo a que apelidou o Papa Bento VI, do relativismo moral em que mergulhou a sociedade atual, onde muitas vezes os fins justificam os meios. Portanto, os tempos que se

⁵ SECRETARIADO DA EDUCAÇÃO CRISTÃ – Manual do 6º ano de EMRC. p. 35 (texto: “Balada de Neve”).

avizinham parecem indicar uma maior laicização, com menor receptividade ao anúncio da fé (fruto também do fanatismo religioso do islão), onde a liberdade individual se torna no único juiz da sua própria dignidade. E o conceito de dignidade humana se relaciona com o conceito de qualidade de vida, porque está presente a ideia de que não é qualquer vida que merece ser vivida, mas antes aquela vivida com qualidade de vida (ou “boa vida”).

A sociedade, cada vez mais, tem consciência de que é preciso solidificar e evoluir na definição e *práxis* da dignidade, porque perante os acontecimentos que se vão manifestando contrários à vida, como atentados, violações, eutanásia, distanásia, guerras, falta de direitos, surge a necessidade urgente de preservar, defender e evoluir nos valores e direitos da vida humana, fundamentados na dignidade.

Contudo, essa consciência parece não ser suficientemente responsável, capaz de responder aos novos desafios sociais, na medida em que continua a verificar-se uma constante revolta das pessoas, resultante do fanatismo religioso. Em consequência disso, a sociedade está envolvida num processo de amadurecimento físico e emocional (psicossomático) que exige uma compreensão e interiorização dos valores ético / morais e cristãos vinculativos à dignidade.

A sociedade mudou e evoluiu rapidamente, e cada vez mais se vai intensificar essa evolução, sendo que a própria sociedade em geral, nomeadamente os pais e até os próprios filhos terão dificuldade de adaptar-se criticamente ao *modus vivendi* social atual. Vivemos numa sociedade de mutação constante, caracterizada por: 1) Pelo individualismo, desejo de consumo imediato; 2) Relativismo, instrumentalismo, niilismo, que procuram reduzir valor da dignidade a atos morais e sem valor intrínseco à pessoa humana; 3) choque de culturas, com a questão atual dos refugiados e imigrações; 4) liberdade religiosa, que apesar de importante, muitas vezes serve para a imposição por fanatismo religioso das seitas; 5) o domínio dos mass media, que chegam a toda a parte, proporcionando a que todos possam conhecer modos de vida mais atrativos, onde se exalta o individualismo e a corporalidade do ser humano, que seduzem os adolescentes, tornando-se alvos fáceis de conquistar.

Consequentemente, em muitos casos, estas mudanças são portadoras de miséria, destruição e de valores contrários à dignidade da própria pessoa humana. Isto, tem provocado uma crise de valores, um “mal-estar” social, que põe em causa as estruturas sociais. Porque os desejos, anseios e ambições pessoais e sociais, não são, e não podem ser satisfeitos, provocando descontentamento, tristeza, revolta e até depressão. Neste

sentido, os alunos, às vezes, são já produto da inquieta e atordoada sociedade para o bem e para o mal.

Estamos perante uma sociedade em constante mutação. A própria família, que seria a base da estrutura social do indivíduo, está constantemente em mudança. E não havendo estabilidade familiar dificilmente haverá estabilidade de conduta. Os próprios condicionamentos sociais e económicos sobre as famílias e sobre os casais provocam riscos para a sua autonomia.

A perda de referências fortes, da herança de valores sólidos e universais, bem como dos costumes morais, têm provocado um “desnorte” das pessoas. Estamos perante uma cultura que valoriza excessivamente as vivências pessoais e a autonomia individual, numa procura constante e desenfreada pelo bem-estar, pelo que é apelativo, agradável, e pelo culto da imagem e da eficácia. Neste seguimento, está o aumento constante de divórcios, que ocasiona um grande “mal-estar” na família, nomeadamente nas crianças, adolescentes e jovens, que deviam crescer com toda a estabilidade e segurança, mas que acabam por ver o equilíbrio desestruturado e acabam por ser os que mais sofrem.

Muitas famílias são desmoronadas, o que provoca um grande trauma nos filhos, ficando as suas raízes e referências familiares confusas, desorganizadas e até desestruturadas. E “ninguém pode viver no meio da desordem sem ficar desorganizado”.

A nossa sociedade cultiva o “sim à vida”, mas apenas para os prazeres que são satisfatórios e emanam de um egocentrismo. Tudo se justifica, tudo vale, e a crise de valores é por mais evidente, em quase todas as faixas etárias e em todos os níveis das relações humanas e vivenciais. Por isso é que tem aumentado o suicídio em jovens, porque aqueles que não têm capacidade de singrar ou dar resposta aos prazeres da vida, não se sentem bem na sociedade de consumo do prazer pelo prazer.

A verdade é que numa sociedade onde as pessoas não são apoiadas a ter um espírito crítico, ficando sem referências familiares, tradições, costumes e muitas vezes sem objetivos, facilmente se convertem em delinquentes, deixando-se manipular por terceiros.

Por outro lado, têm aparecido e até massificado novos valores, a nova ética do mais forte, rápido, sexy, perfeito, poderoso, eficiente, bonito, sendo todos eles valores fugazes e passageiros que remetem o indivíduo para uma meta de desespero, infelicidade e solidão. A cultura do “*fast-food*”, da moda, do imediatismo, que aprisiona o indivíduo na sua própria liberdade absoluta, pode levar ao apagamento ou destruição do próprio

indivíduo. O próprio facilitismo atraente induz os adolescentes a uma preguiça mental, intelectual e religiosa que poderá ter consequências e sequelas graves na vida adulta.

É neste contexto de esquemas falaciosos para rentabilizar o dinheiro que se desafiam os nossos adolescentes e jovens, procurando sempre o seu “bem pessoal”, correndo o risco de procurarem sempre aquilo que é apelativo e facilitador, mas que os desvia dos verdadeiros e autênticos valores. Tudo foi apelidado perante uma libertinagem disfarçada de liberdade e progresso. A própria mentalidade, linguagem e comportamentos da sociedade são a prova de transformação para a degradação e mudança constante de valores na sociedade atual.

Os imperativos económicos e financeiros prevalecem sobre a pessoa humana, e muitas vezes até denigrem a dignidade. O próprio aspeto negativo do progresso e de uma visão liberal e economicista da nova realidade humana é a faceta cruel de um consumismo e materialismo prático que se instalou na sociedade e tardará em sair.

Partimos de um princípio que temos os adolescentes que formatamos, porque os jovens são fruto dos adultos que somos e exemplo que damos. Eles são o espelho dos adultos que a sociedade vai formatando, uma sociedade que procura o lucro a qualquer preço, que usa a sua criatividade para extorquir o bolso dos pais dos adolescentes. Até mesmo, as iniciativas com algumas dimensões humanas procuram e têm em vista o seu próprio lucro e não a realização e formação educativa dos adolescentes, que conseqüentemente se reporta numa crise de identidade para os jovens.

Esta crise de identidade a que assistimos tem provocado uma busca desenfreada do imediato e atraente, num “disfrutar por disfrutar”. O que levou, nestas últimas décadas, à existir um fosso no caminho entre o percurso feito pelos adultos e a juventude, com conseqüente perda de alguns laços geracionais e transmissão de valores.

Nesta complexidade, acresce dizer que também estamos perante uma juventude que procura por todos os meios o domínio das tecnologias, chegando mesmo ao consumo excessivo de modernas tecnologias como caminho para o sucesso. São as novas modas, como as marcas, os telemóveis topo de gama, a internet, o computador. Estas transformações, que embora sejam muito importantes para a vida moderna, onde o processo de globalização tem uma forte influência na educação pelo intercâmbio de conhecimentos, não deixam de ter conseqüente risco e perigo para o vício, relegando a juventude para o individualismo e hedonismo prático e vivencial. Porque a internet reportou para a globalização e individualismo, que se traduz na superficialidade de relações e conseqüente dificuldade em assumir compromissos e responsabilidades. Esta

realidade torna cada vez mais necessário um cuidado maior sobre a ética do uso da tecnologia, no sentido de procurar a harmonia pessoal e a defesa da dignidade humana.

Portanto, a disciplina de EMRC é um lugar privilegiado de desenvolvimento harmonioso do aluno, onde é considerado como pessoa, na integridade das dimensões corporal e espiritual, e de abertura à transcendência, aos outros e ao mundo que é chamado a respeitar e construir embelezando-o.⁶

A sociedade ocidental, apesar de parecer estar esvaziada de valores, é uma sociedade mais instruída, mais consciente da sua realidade, em constante procura a dar respostas às questões e interrogações. Mas em consequência disso, existem alguns grupos que partindo da investigação e interpretação científicas, embora com “boas intenções” conduzem a visões redutoras das pessoas descapacitadas, dos valores, com a afirmação e sobrevalorização do eu, do indivíduo e da liberdade pessoal. Por outro lado, surgem grupos que fazem caminho consciente na busca da verdade, que procuram a valorização e a reformulação dos valores, assim como os novos valores: solidariedade, cooperação, voluntariado, nas mais diversificadas ações de serviço ao próximo. Estes valores serão originários de uma educação integral como corolário legítimo da dignidade humana.⁷

1.2. Caracterização da Escola e questionamento da problemática.

Pensei inicialmente, com o professor orientador, realizar um questionário que de alguma forma fosse ao encontro da realização do nosso trabalho, que pudesse justificar melhor a problemática da dignidade humana face ao sofrimento. Pois, seria de extrema importância refletir com os alunos, através de um inquérito sobre a realidade da dignidade da pessoa que é abafada pelo sofrimento humano. Seria ainda mais proveitoso atendendo a que os alunos se deparam com realidades contrárias ao ensino da religião. Mas, a aplicação do inquérito não foi possível, devido às burocracias e sensibilidades que isso implicaria.

Perante a dificuldade da autorização da escola, e por ser uma turma ainda muito jovem, o que poderia constituir uma evasão da sua própria pessoa, não foram aplicados os questionários. Então, optei por, ao longo das aulas, ir observando e auscultando a grande sensibilidade que os alunos têm relativamente à realidade da dignidade confrontada com o problema do sofrimento da pessoa humana. Assim, procurei dar atenção a todos os

⁶ Cf. CONFERENCIA EPISCOPAL PORTUGUESA - *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade*. Lisboa, 2006. n° 9.

⁷ Cf. IDEM - *Carta Pastoral Sobre a Educação: «Direito e Dever - Missão Nobre ao Serviço de Todos»*. Lisboa, 2002. n° 28.

questionamentos e até sentimentos de revolta dos alunos perante as injustiças que iam detetando nas realidades humanas que os rodeiam, nomeadamente nas notícias dos meios de comunicação social, assim, como a alguma realidade de sofrimento que pudessem estar a viver.

Partindo da realidade do enquadramento e da tipologia da escola, da turma e dos alunos, podemos encontrar algumas reflexões de extrema importância. No que se refere à tipologia da escola, podemos dizer que ela sente o reflexo da sociedade, dos seus problemas, as condicionantes, as influências e as oscilações: político-económicas, tecnológicas e culturais da sociedade. Deste modo, a educação exige alguma mudança em vista ao desenvolvimento integral harmonioso e progressivo da pessoa humana até à maturidade.

Apesar da importância que os especialistas em educação dão ao papel e construção social da educação, grande parte das oportunidades educacionais das nossas vidas ocorrem no contexto extra ou fora da escola: com os pais, a família, os amigos, com forte pendor dos meios de comunicação sociais, mas é essencial compreender que a escola tem muita influência na crivação educacional de cada aluno em particular. É aí que se reflete o ambiente socioeconómico e cultural, com forte influência no futuro desenvolvimento do sucesso educativo de cada aluno.

Numa visão geral sobre as aulas de EMRC constatamos que os alunos, nesta idade, não têm grande capacidade crítica, nem os instrumentos cognitivos e hermenêuticos necessários para a sua descodificação e crítica avaliativa. E com a evolução repentina da sociedade, nem os pais, nem a maior parte dos educadores, nem os filhos souberam enquadrar-se criticamente. É o chamado fenómeno da *amoralização e anomia*⁸ provocado pela aceleração da história, que produz uma “sociedade fragmento”, uma sociedade de consumo, de confronto e por vezes choque de culturas, de insegurança e do terrorismo.

Aliado a esta ideia, os líderes (professores) podem moldar livremente a pessoa (aluno) e serem determinantes nas decisões importantes a tomar no futuro da vida do aluno, quer a nível pessoal quer profissional, sendo os grandes impulsionadores dos seus ideais. Apesar disso, nas mentes dos alunos, damos conta de um querer torna-se em adultos deificando e protagonizando nas suas vidas profissionais um individualismo hedonístico e doentio, procurando passar à frente do outro seu semelhante a todo o custo.

⁸ Cf. MONTEIRO, António - Os problemas éticos na cultura e sociedades contemporâneas. In *Semanas de Estudos Teológicos da Universidade Católica Portuguesa - Questão Ética e Fé Cristã*. Lisboa: Editorial Verbo, 1988, p. 15-38. p. 18.

Portanto, a tarefa do professor é ajudar o aluno a ter uma visão mais alargada e crítica da realidade e situações, na base dos valores éticos, capacitando-o a fazer um caminho autónomo e de autenticidade.

Neste seguimento, para melhor situar a nossa reflexão, devemos realçar algumas características significativas da turma estudada. Concretamente, a turma é formada por alunos provenientes do Concelho de Valongo e se uns pertencem a cidade, outros são provenientes do meio rural. Mas, em ambos os casos, com um meio sociocultural baixo e com poucas expectativas em relação à escola.

A turma é constituída por vinte cinco alunos, dos quais 18 alunos optaram por ter a disciplina de EMRC, sendo cinco do sexo masculino e treze do sexo feminino. Situam-se entre as idades dos 11/12 anos. Tem uma aluna filha de pais imigrantes, provenientes de país da Europa de Leste e outra de origem chinesa.

Os progenitores apresentam, em média, um baixo nível escolar profissional, não existindo nenhum com o curso superior. As famílias são constituídas por um a três filhos, vivendo os mesmos com ambos os progenitores, com exceção de dois, que vivem só com a mãe. Alguns necessitam de ajuda extra curricular, com acompanhamento diverso, sendo notória a dificuldade na disciplina de matemática. Constatam-se, nesse grupo, algumas dificuldades de compreensão, algum grau de défice intelectual, cognitivo, de atenção e concentração.

Atendendo a que alguns alunos não gostam muito de escrever, e visto tratarem assuntos com algum grau de dificuldade, recorreremos às novas tecnologias de forma a tornar mais apelativos os conteúdos, mas sempre com uma síntese final para transcreverem para o caderno diário, de forma a motivar para a escrita. Daí alguma preocupação em apresentar algumas sessões com PowerPoint e em expor um micro filme, sobre a história dos direitos humanos, de forma a captar a sua atenção e ajudar na aquisição dos conteúdos.

Apesar de serem alunos pouco motivados, exceção de algumas meninas, conseguimos motivar e cativar a atenção e interesse dos alunos, favorecendo a sua interatividade pelas temáticas expostas, nomeadamente na questão do sofrimento das crianças filhos dos refugiados, que observavam pela televisão. Em contrapartida foi possível a empatia professor-aluno e aluno-professor e entre os alunos, apesar de alguma profundidade de conteúdos, o que favoreceu o processo ensino-aprendizagem. Portanto, o interesse demonstrado pela temática foi muito positivo, o que de certa maneira revelou algum enquadramento com a sua idade.

No ambiente fortemente motivado nunca houve qualquer indisciplina ou mau relacionamento na turma. Os alunos mostraram-se sempre interessados e interativos, procurando, por entre algum desentusiasmo, melhorar o seu desempenho e aquisição de conhecimentos ao longo da aprendizagem.

No contexto geral, foi uma turma que cresceu no seu processo de ensino-aprendizagem, assim como na assimilação de conhecimentos de valores ético-morais e religiosos, onde prevaleceu o seu crescimento como pessoas. Possibilitou grande capacidade de adaptação à diversidade de situações sociais controversas, diferenciadas da nossa realidade letivo-formativo-profissional.

Perante o texto apresentado a “Balada de neve” foi particularmente flagrante a resposta da turma na abordagem e na discussão alargada em ambiente de sala de aula sobre a questão da pessoa humana como pessoa de direitos, confrontada com a realidade do seu sofrimento, e onde se coloca a discussão da presença de Deus e da dignidade da pessoa. Promoveu-se uma discussão para que os alunos sentissem o desejo e desafio maior de clarificar esta temática da dignidade da pessoa humana perante um sofrimento que tantas vezes alastra e destrói o próprio ser e a sua dignidade como ser. Alguns alunos expressaram a sua opinião com base em conteúdos televisivos, e não tanto como resultado de uma opinião eticamente refletida e correta. Verificou-se a escolha pela opção do “vale tudo”, com base numa justificação pessoal e casuística, dirigida pela obtenção e manutenção do seu bem-estar, o chamado relativismo moral e situacional, que procuramos inverter com alguns exemplos, nomeadamente o filme: “Cuerdas”, para o despertar da relação com o outro.

A reflexão e o espírito crítico sobre a integridade da pessoa, a realidade humana e social, é um dos grandes motivos pelos quais se justifica a disciplina de EMRC. Pois, “o que confere ao ensino religioso escolar a sua característica peculiar é o facto de ser chamado a penetrar no âmbito da cultura e de se relacionar com os outros saberes,”⁹ enquadrando a interpretação dos factos histórico-sociais a partir do reconhecimento e valorização da dignidade de todos os seres humanos à luz do Evangelho.

Neste contexto, em que os alunos estão em crescimento a todos os níveis: físico, intelectual, relacional, social e espiritual, torna-se fundamental o contacto profundo com os valores. Portanto, a disciplina de EMRC é o espaço onde podem começar a confrontar

⁹ Cf. CONFERENCIA EPISCOPAL PORTUGUESA - *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade*, nº 8.

valores, não tanto de uma forma crítica, mas de uma forma sentimental. Por isso, nesta fase os modelos de referência são fundamentais na estruturação da sua conduta.

Nesta fase etária os alunos têm um profundo desejo de saber, mas revelam mais facilidade de captação e de compreensão relativamente às realidades atuais, e no que diz respeito às suas vivências pessoais. Muitas realidades da sua aprendizagem são transmitidas pelos *media*, sem suporte crítico, e com reduzida capacidade crítica para os analisar e compreender, com pouco sentido de valores, ficam inseguros e desorientados, deixando-se cativar pelo imediato, facilitismo, procurando apenas aquilo que dá prazer. Nesse sentido, é fundamental uma disciplina que contribua especificamente para o seu desenvolvimento integral, espírito crítico, harmonioso e progressivo como pessoa humana até à sua maturidade.

Contudo, existe uma parte da juventude que começa a sentir necessidade de valores, porque sentem que existem princípios que devem ser fundamentais em toda a extensão da dignidade da pessoa, como: validade intrínseca da pessoa humana em qualquer fase; o próprio matrimónio/família como um bem intrínseco, bem básico e não mero contrato; a pessoa deve ser vista como uma unidade corpo/alma e não como um dualismo de alma/corpo, como reforço da vivência da dignidade. Como consequência, tem levado ao aparecimento de novos valores, como é o caso da solidariedade, altruísmo e voluntariado. Estes jovens precisam de fazer uma ligação/relação com o que existe, pela necessidade de serem enraizados em valores existentes para a sua solidez e continuidade, de forma a serem garantidas bases estruturantes da sua personalidade, nomeadamente para que não caminhem num seguidismo fácil e acrítico.

Certamente, que ao longo da lecionação fomos despertando os alunos para a posição crítica e olhar ético/cristão que deveriam ter para com toda a realidade social que os rodeia, de forma a estarem atentos e críticos nas suas relações sociais, em vista de um crescimento e maturidade saudáveis e à estruturação do seu próprio carácter. Foram ainda incentivados a ter presentes as relações humanas e a dignidade do homem como um valor intrínseco à própria vida social.

Na temática de estudo da dignidade no confronto com a problemática do sofrimento humano, foi possível constatar que existiu um grande envolvimento e sensibilidade por parte dos alunos. Discutiui-se largamente sobre as implicações que pode ter a subvalorização que damos à dignidade da pessoa humana, o que proporcionou diversas reações emocionais, porque o sofrimento toca a todos, de uma forma direta ou

indireta, ninguém fica indiferente, é uma manifestação absoluta¹⁰. Promoveu-se a procura e tomada de consciência de que é preciso dar o máximo de dignidade e qualidade de vida a quem sofre. Incutiu-se a necessidade de, pelo menos, estar atentos e evitar muitos sofrimentos.

Esta problemática é um conteúdo muito importante na medida em que vai preparar os alunos para a sua vida futura, como modo novo de olhar a vida, de encarar o sofrimento e o futuro. Porque viverão os próprios problemas da sua vida real, no aqui e agora e no amanhã, com um sentido de esperança. Sendo assim, é importante que o professor saiba proporcionar aos alunos uma visão mais cristã do sofrimento, como forma capaz de humanizar e de dignificar o próprio ser pessoa. Porque os alunos que forem capazes de o interiorizar, sentir-se-ão capazes de vivenciar o próprio sofrimento, preparando-se para as situações pessoais e relacionais da sua vida e, serão capazes de viver a vida com os seus próprios valores e transmitir esses mesmos valores. É que a vida de sofrimento também educa, torna o homem mais sensível a si e ao outro, torna o homem mais maduro, capaz de se interiorizar e relacionar humanizando, capaz de “sair de si” e ir ao encontro do outro. São aprendizagens uteis para a operacionalidade da vida moderna.

Perante isto, os alunos ficaram com aprendizagens e conhecimentos importantes para a concretização real das suas vidas, que servirá como pendão essencial para que sejam cidadãos responsáveis e sensíveis na promoção da dignidade da vida humana.

Finalmente, neste sentido é relevante dizer que os alunos cresceram em conhecimentos e maturidade, mas também suscitarão o crescimento do professor como pessoa e como docente, tornando bem claro que nunca é demasiado tarde para aprender. A nível didático, estas aprendizagens por nós realizadas, permitiram uma preponderante preparação intelectual e científica, e por outro lado uma eficaz preparação pedagógico-didática respeitante à dignidade da vida humana, o que reformulou a aquisição de novos conteúdos, novas maneiras de programar e maior eficácia na prática pedagógica.

1.3. Identidade da EMRC e perfil do professor perante a problemática.

A disciplina de EMRC fornece aos alunos a informação e formação cívica e religiosa necessária à sua maturidade como pessoas, mas também dá oportunidade ao professor de desenvolver a capacidade de conhecimentos, relacional e maturidade pessoal, em vista a sua realização. Até pelo facto, da disciplina ser um espaço de liberdade de

¹⁰ Cf. FUSTER, i C.; IGNASI, X. - *Sufrimiento humano: verdade y sentido*. Barcelona: Editorial Balmes, 2005. p. 33.

expressão, livre discussão dos problemas existenciais das suas próprias vidas, de um espaço aberto onde podem expressar os seus sentimentos. Portanto a teologia (Igreja) como linguagem científica deve estar nas escolas como as outras disciplinas ao serviço do conhecimento e da educação dos alunos. É que o professor em muitas situações faz a vez do psicólogo, pois escuta muitos sentimentos, dificuldades e sofrimentos dos alunos. Porque, apesar de ser uma disciplina opcional/confessional, torna-se facilitadora de uma forte componente relacional e espaço de partilha, constituindo uma formidável oportunidade no auxílio de crescimento pessoal e relacional.

Certamente, que é espaço de partilha ensino/aprendizagem, sendo bem orientado, prepara melhor os alunos para a sua vida futura, aprofundando ao mesmo tempo a sua religião, a sua fé e os valores que os podem projetar na vida. Propicia ainda o vincular da própria personalidade, identidade e maturidade com a transmissão/aquisição de valores e mensagem cristã. Pois, como dizia o Papa Bento XVI, relativamente à escola católica, poderia dizer-se ao ensino de EMRC: *“que tem como missão primária formar o aluno segundo uma visão antropológica integral, apesar de estar aberta a todos e respeitando a identidade de cada um, não pode deixar de apresentar a sua perspectiva educativa, humana e cristã (CEC 2008)”*.

A docência do ensino da disciplina de EMRC deve ser feito com elevado grau de honestidade, no sentido de humanização cultural de encontro da fé em Jesus Cristo, que projeta o homem para o encontro com Deus e de uma vivência/relação com a fé e com a comunidade cristã e humanidade. Neste sentido o Papa João Paulo II dizia: *“transmitir uma cultura não se pode fazer sem a transmissão, ao mesmo tempo, daquilo que é o seu fundamento e o âmago mais profundo, a saber, a verdade e a dignidade, reveladas por Cristo, da vida e da pessoa humana, que encontra em Deus a sua origem e o seu fim. Deste modo, os jovens descobrirão o sentido profundo da sua existência, e poderão conservar em si a esperança.”*¹¹

A disciplina de EMRC portadora dos valores fundamentais do cristianismo, do humanismo, da sua vivência e testemunho de fé, é e será sempre uma alavanca e mais-valia sólida para os jovens encontrarem os seus princípios e realização. Eles poderão tirar partido das suas experiências históricas, competências, objetivos e metas a alcançar, de forma a estruturar uma personalidade harmoniosa e integral.

¹¹ JOÃO PAULO II - XVI Congresso Internacional do Ensino Católico (OIEC), 5 de Março de 1994.nº 4.

Neste sentido, temos que procurar saber que alunos, são mais propensos e recetivos, que tipo de aulas, que tipo de atividades, temáticas e conteúdos, mais eficaz consoante a sua idade. Pois, os alunos têm parâmetros muito próprios e influenciáveis por aspetos exteriores e circunstâncias afetáveis quer pelo seu *modus vivendi* quer pelo seu *modus operandi*, que requer uma interpretação circunstancial “*in loco*”.

Concretamente, esta realidade deverá ser mais autêntica no que diz respeito ao perfil do professor de EMRC, com a sua especificidade, requer que seja uma pessoa com personalidade docente, com paixão à profissão, com qualidades para a educação e para o ensino, visto que o trabalho se insere na missão da educação¹². Pois, o processo ensino/aprendizagem e o êxito educativo, para além de depende muito dos conteúdos e métodos, depende em muito das qualidades e habilidades do professor.

Daqui resulta que o professor face aos alunos, nestas idades, deve ser detentor de uma cultura de intervenção dialógica, visto ser um espaço de diálogo. O que torna necessário apresentar uma mente aberta, capaz de ajudar a observar toda a realidade, conferindo confiança e estabilidade a todos os níveis, revelando-se um educador competente a nível científico e profissional, com uma grande capacidade crítica e proporcionando nos alunos essa capacidade e espírito crítico.

Começando pela necessidade de dominar um vasto conhecimento, pois são exigidos aptidão e rigor científico (teológico, didático e pedagógico) e profissional nas áreas das ciências humanas. O professor terá que ter uma didática específica, bem como uma pedagogia da fé no seguimento atualizado das pedagogias e técnicas do ensino/aprendizagem. Ter uma pedagogia na transmissão do conhecimento, pelo respeito e tolerância pela diferença, ser dotado de competências pedagógicas e organizacionais, assim como por apresentar um bom domínio do espaço escolar. É fundamental que o professor seja capaz de ajudar o jovem a descobrir o sentido profundo da vida humana, a desenvolver a humanização e a ajudar a fazer uma síntese sobre a religião e a cultura

A preocupação do professor de EMRC deve ser a de educar, pois, mais que ensinar a fazer, é o preparar para saber estar e ser. Deverá ser ainda capaz de facilitar a integração, operacionalizar competências e maximizar aprendizagens, aproveitando criativamente a interdisciplinaridade. Deverá ser próximo dos alunos, dialogante e com capacidade para a inovação, mas com as diferenças que devem ser mantidas entre o educador e educando.

¹² Cf. CONCÍLIO VATICANO II - Braga: Editorial A.O., 1979¹⁰. p. 212. (*Declaração a Educação cristã (GE)*, conclusão).

Concretamente, é necessário que o professor tenha capacidade e facilidade de estabelecer relações interpessoais, principalmente com os alunos em sala de aula, mas também com toda a comunidade educativa: colegas, auxiliares e encarregado de educação, no sentido de estruturar métodos de ensino-aprendizagem. Procurando ter uma identidade de pessoa de bem, com maturidade e com conduta de um elevado nível de equilíbrio humano, de forma a encaminhar os jovens no desenvolvimento da sua personalidade.

Deve ser crítico e perspicaz interprete, pois, se a sociedade/comunidade em que está inserido tem mudanças de padrões e de referências, isso exige do professor saber observar essa realidade de pensamento e comportamento. Deve prestar atenção ao ambiente sociocultural em que está inserido, tendo sempre presente as suas tradições e costumes, que serão de grande utilidade para o ensino-aprendizagem, fazendo o enquadramento quer didática quer pedagogicamente, para melhor orientar o pensamento do aluno, e este possa compreender melhor o meio em que está inserido e tudo aquilo que o rodeia, para uma reflexão mais aprofundada sobre os conteúdos a aprender. Assim o professor não se limita a lecionar, mas também ele se cultiva e aprende a forma de melhor poder ensinar.

Um professor de EMRC tem que manifestar uma abertura de espírito universal. Deve ser uma pessoa capaz de estar aberta a todos e a novos desafios, procurando uma postura cívica e ética, sem espírito de proselitismo ou discriminação pelos alunos ou pessoas. Porque o professor é sempre uma referência para os alunos, o que exige dele ter responsabilidade e uma postura sempre correta e de mente e espírito aberto.

Concretamente deve ser capaz de ministrar um Ensino/Aprendizagem altamente competente e profissional, criativo, inovador, motivador, participativo, colaborante, atraente, crítico e dialogante, fazendo uso das melhores ferramentas técnicas e didático-pedagógicas para melhorar os conteúdos e rentabilizar as aprendizagens, maximizando obtenção de novas competências. Com o objetivo de mobilizar a participação interativa, coerente e reflexiva, muito necessárias à dinâmica do ensino.

Portanto, se “a nossa sociedade atribui um estatuto profissional aos professores, enquanto profissionais e peritos, espera-se que sejam eficazes no sentido de auxiliarem os alunos a aprender competências e atitudes essenciais,”¹³ no processo de ensino/aprendizagem. Deve procurar ajudar o aluno a desenvolver a sua capacidade crítica

¹³ ARENDS, Richard I - *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-hill, 1995. p.1.

em relação à sua própria existência, a proporcionar o debate crítico em torno de valores fundamentais, para que os alunos sejam pessoas de interioridade, reflexivos, conscientes e responsáveis da sua participação ativa e social. E que imbuídos da palavra de Deus e, exemplo de Cristo, sejam construtores do progresso pessoal e social, projetando a mensagem dos valores cristãos na cultura e promoção social.

Isto será possível se existir uma mútua empatia professor-alunos, procurando o professor favorecer a relação e a interação dos alunos na aula, principalmente pela relação de respeito da sensibilidade e particularidade de cada aluno, e pela forma cativante de como são apresentados os respetivos conteúdos, utilizando estratégias e dinâmicas em conformidade com a sua idade, procurando dar sentido às experiências partilhadas, para a formação assertiva da personalidade e maturidade do aluno. Na medida em que os profissionais de ensino defendem que se deve cativar os alunos, pela postura, competência, profissionalismo, exigência¹⁴ e empatia.

As aulas deverão ser atrativas promovendo a motivação pessoal e da turma, possibilitando que os objetivos possam ser mais facilmente atingidos. Para este fim, deve proporcionar uma formação mais adequada à realidade, isto é atualizada a nível pedagógico-didático e contextual. O que será necessário um esforço de profissionalismo e dedicação dos docentes. Apesar de se tornar um pouco difícil de regular por se tratar de uma disciplina de opção, o que requer uma estratégia de motivação acrescida, ter-se-á que encontrar um equilíbrio saudável, que beneficie sobretudo a aprendizagem dos conteúdos e dos valores essenciais da pessoa humana e do cristianismo.

As novas tecnologias são uma mais-valia para o professor na exposição dos conteúdos e interatividade dos alunos, proporcionando um maior feedback, promovendo a dinâmica de aula, fomentando o despontar de novas ideias, diligenciando novos e mais ricos e diversificados recursos, para uma maior compreensão do aluno, favorecendo a interação professor/aluno. Por este meio, o professor já não é o único transmissor de conhecimentos, mas assume uma função de “facilitador de aprendizagem”¹⁵, que proporciona maior eficácia na aquisição dos conhecimentos.

Acresce, entretanto que, os alunos, com a diversidade de sugestões de vida que lhes são solicitadas, ainda vêm no testemunho do professor de EMRC não só uma “tábua

¹⁴ Cf. LITTLETON, Karen - *Technology, Pedagogy and Education - Research into teaching with the whole-class interactive Technologies emergente themes*. London: The Open University - Milton Keynes, 2010, p.285-292 p.290.

¹⁵ SILVA, Pedro - A ação Educativa – um caso particular: o dos pais difíceis de envolver no processo educativo escolar dos seus filhos. In Don Davies, Ramiro Marques, Pedro Silva - *Os Professores e as suas famílias, colaboração possível*. Lisboa: Livros horizonte. 1993, 65-67. p. 62.

de salvação”, mas um ponto de referência (e “porto de abrigo norteador”) que poderá ser proveitosa ao longo da vida futura na defesa dos valores e dignidade da vida humana. Pois, como nos diz o Papa Bento na carta aos professores italianos: “isto é possível porque tal ensinamento coloca no centro a pessoa humana e a sua insuprimível dignidade, deixando-se iluminar pela vicissitude única de Jesus de Nazaré... Pôr no centro o homem criado à imagem de Deus é, de facto, o que distingue quotidianamente o vosso trabalho, em unidade de objetivos com outros educadores e professores.”¹⁶

Por último, o aspeto crente do professor não deixa de ser relevante, pela importância da espiritualidade na vida dos professores e educadores em geral, que se torna de extrema importância na educação e crescimento da espiritualidade do aluno, de forma, a que este encontre a sua interioridade, espiritualidade e felicidade. Isto reflete-se também no educar para os valores, em que a ascese, a relação e o reconhecimento do sensível amor de Deus, implicando o sacrifício por valores superiores, como o valor máximo o valor da pessoa, da sua dignidade, o valor da vida, na procura e transmissão da verdade, que também nos dignifica.

O educador cristão participa da missão santificadora e educativa da Igreja, na medida em que o professor de EMRC tem o cariz de função mandato/serviço, como uma responsabilidade acrescida, porque naquilo que faz compromete a instituição da Igreja católica, e o seu trabalho de docente é realizado em Igreja. Isto é, não o desenvolve por iniciativa ou autorrecriação, mas como um trabalho de comunhão e missão apostólica. E como qualquer professor deverá dar testemunho de coerência e integridade de vida, apresentar com clareza e objetividade a doutrina da Igreja católica, fomentando o interesse dos alunos na descoberta da dimensão religiosa¹⁷. Além do crescimento intelectual, cognitivo é necessário um fortalecimento interior, espiritual e vivência de valores cristãos bem seguros e definidos, propensos ao desenvolvimento de unidade e comunhão.

Não podemos deixar de ter presente na personalidade do docente o compromisso constante na aquisição de formação permanente ou formação contínua que é de singular importância. Porque “cada professor deve sentir-se responsável pelo empenho do progresso da sua própria qualificação, no aperfeiçoamento do seu ensino, na coerência do

¹⁶ BENTO XVI - Discurso do Papa aos professores de religião católica nas escolas italianas, (25 de Abril de 2009). Libreria Editrice Vaticana. [consulta 15 Mar. 2017]. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/april/documents/hf_ben-xvi_spe_20090425_insegnanti-religione.html.

¹⁷ Cf. CONCÍLIO VATICANO II - Braga: Editorial A.O., 1979¹⁰. p. 209. (*Declaração a Educação cristã (GE)*, nº 8).

testemunho cristão e na fidelidade à Igreja.”¹⁸ A atualização a todos os níveis possibilita aos alunos uma melhor compreensão dos conteúdos, e ao professor permite-lhe maior capacidade de liderança, e sentido social.

É sobre o *modus operandi* que encontramos a ligação com a reflexão sobre o tema específico: a dignidade e sofrimento da pessoa humana. O professor contribui para incutir livremente os valores éticos e cristãos, de tal forma que os alunos os possam incorporar, assimilar e estruturar num sentido de identificação. Onde o sofrimento nos abre a interioridade e solidariedade. A dignidade da vida humana é assumida como valor fundamental, no sentido de ser o primeiro e o maior, pois dele derivam todos os outros valores humanos/cristãos.

¹⁸ CONFERENCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *EMRC*, (nota de 27 de Abril de 2006).

Capítulo II: - A “Imagem de Deus”, dignidade e sofrimento – aprofundamento teológico.

Quando nos interrogamos sobre a pessoa¹⁹, sobre aquilo que somos, toda a realidade circunstancial, temos sempre presente a própria dignidade. Mas, paralela a esta realidade nobre apresenta-se o sofrimento, que também pertencente à condição humana, mas quase desfigura a dignidade que à no homem (talvez a solidariedade ou caridade cristã a possam reconstruir?). Porém, ao aceitar esta realidade do “*homo patiens*”, na medida em que existem situações que se sofre pelo “justo”, porque existe causa, enquanto noutras está bem presente a injustiça, o que torna tudo complexo.

Existem sofrimentos que bloqueiam (crónicos), na medida em que não encontrando solução para eles, tornaram-se permanentes na vida das pessoas. O que fazer nestes casos? O sofrimento provoca na pessoa um desconforto constante, perda de energia, falta de motivação, e muitas vezes um sentimento de injustiça e até de revolta. Relega para uma perda de confiança no próprio, o que de certa forma, leva a um sentimento de insegurança, frustração e perda de dignidade. Só existe um sofrimento capaz de fazer algum sentido, que é aprender com a situação vivida, de contrário denigre a dignidade da pessoa humana. Assim, existe a necessidade de intensificar o reforço da dignidade da pessoa humana (razão de ser para fazer esta pesquisa).

As atrocidades ocorridas nestes últimos anos, nomeadamente no séc. XX e XXI, como os atentados aos povos e à vida humana, vividos nas guerras mundiais e em investigações clínicas de difícil resolução, suscitaram sofrimentos contra a dignidade da vida humana e causaram sofrimentos que permanecem (ex.: Hiroxima). Com toda a revolução tecnológica “a ciência pode servir a humanidade, mas pode tornar-se também

¹⁹ O conceito de pessoa (*πρόσωπον*) (está mais aprofundado na parte pedagógica, em 3.2 b) tem as suas raízes na civilização greco-romana. Inicialmente o termo pessoa era limitado ao mundo do teatro grego que significava a “máscara” que os artistas/atores do teatro, nomeadamente da tragédia, usavam para que as suas vozes ressoassem melhor pelo espaço aberto do círculo em que representavam e representando uma personagem. Pessoa era a personagem, o autor mascarado. Este mascarado era assim alguém “*personatus*”, alguém com representatividade, como ser de natureza racional (Cf. Boécio séc. VI, dizia que era a substância individual de natureza racional). Passando o legado para latim que era o que cada ser humano representa em sociedade (“*Persona est homo statu civili praeditus*”, aquele que tem importância). Em Roma essa máscara era chamada “*persona*”, a pessoa. O verbo *personare* significava ressoar (ecoar) o som da voz. Como a máscara se adaptava à personagem que era representada. O conceito de pessoa passou a fazer a interligação ao papel que se representava numa peça teatral, personagem. Assim encontramos no direito romano, o conceito de pessoa, com o conteúdo específico de qualificar aquele que tinha capacidade de direitos, que era sujeito de direitos. Portanto, o ser pessoa estava ligado ao cidadão, como aquele que tinha direitos. Enquanto os escravos eram a “*res*”, coisas, não eram considerados sujeitos de direitos, não eram consideradas pessoas. Não eram pessoas com dignidade, porque não tinham direitos. Mas, com o cristianismo dá-se uma evolução, porque vai aparecer o conceito de pessoa com “personalidade humana”, reconhecendo toda a pessoa como ser de dignidade.

num instrumento do mal e uma fonte de horrores e medos. Só quando se fundamenta na responsabilidade moral, cumpre a sua verdadeira missão,²⁰ proporcionando dignidade à pessoa humana.

Esta dignidade que a sociedade atual procura e reclama para si, até está contemplada na constituição de alguns países ou como atributo da própria pessoa humana²¹, às vezes é esquecida ou outros interesses falam mais alto, e nada pode falar mais alto que a dignidade. Porque a dignidade é valor em si mesmo, aquilo que é estimado por si mesmo e não é derivado de outro (latim), isto é, a dignidade ontológica. Portanto, ela é uma qualidade intrínseca, inerente ao próprio homem. Como valor próprio que o caracteriza e identifica como tal, que ninguém pode renunciar ou alienar.

Por conseguinte a dignidade da pessoa humana é o princípio fundante do constitucionalismo contemporâneo, onde os direitos criados têm como objetivo proteger a dignidade da pessoa. Fruto duma visão bíblica que se expressa “como imagem e semelhança de Deus”, e duma visão antropológica como “realidade superior aos outros seres”. Assim, a dignidade é o fundamento de todos os direitos humanos.

Contudo, se a dignidade da pessoa não está solidificada e vivenciada no *modus vivendi*, toda a ação humana passa por interesses pessoais ou grupais, com tendências instrumentalistas. O que se justifica que a dignidade deveria solidificar toda a conduta humana, e ser o principal valor, que conduz a todos os valores.

Normalmente compreende-se que a dignidade da pessoa humana é o valor primordial, é direito fundamental. Neste sentido, Kant na sua obra “Metafísica dos costumes” deu um contributo importante na compreensão da dignidade, dizendo: “o homem tem dignidade e por isso não tem preço”²². A dignidade é da sua própria essência²³ como ser racional, ser autoconsciente e livre. O valor do homem é a dignidade, que não tem preço, nem pode ser trocada por nada. A dignidade do homem é fim em si mesmo. Por isso não pode ser usada como meio, por ser intrínseco à pessoa. Neste

²⁰ RATZINGER, Cardeal – *Verdade. Valores. Poder*. Braga: Editorial franciscana, 2006. p. 13.

²¹ Cf. SILVA, José Afonso da - A dignidade da pessoa humana como valor supremo da democracia. *Revista de Direito Administrativo*, v. 212 (abr./Jun. 1998) 84-94. Refere o atributo enquanto ato realizado com dignidade, distinção com dignidade. A dignidade intrínseca, não é atributo, mas condição humana.

²² KANT, E. - *Fundamentação da Metafísica dos costumes* (1785), Edições 70, 2011. p. 68.

²³ A dignidade é da essência da pessoa. “A pessoa é essência? De certo modo parece que sim, porque é conhecida pelo entendimento como modo concreto de ser, como tal sujeito (um eu, tu ou ele); porém propriamente não, porque esse sujeito não é o que esse ser é, não é a essência de alguém sim alguém que tem ou sustem tal essência.” (PEÑAMARIA DE LLANO, A. - *El Dios de los cristianos*. Madrid: Sociedad de Education Atenas, 1990. p. 55.)

sentido, a dignidade da pessoa não é só valor, mas fundamento dos valores. A defesa da dignidade humana está ligada assim à defesa dos direitos humanos.

Na tradição judaica existe uma visão antropológica do homem como “*imago Dei*”, imagem do criador. Que, de certa forma, passou para o cristianismo através da encarnação de Jesus Cristo que cristaliza essa imagem de Deus, pela sua conduta e perfeição de vida.

A dignidade da vida humana, para os cristãos, é vista como um dom de Deus, fundada na pessoa humana como “imagem de Deus”, do seu criador. Isto é, do divino que existe no ser humano. A dignidade da vida humana é o princípio e alavancagem para todos os valores humanos e cristãos.

Acresce, entretanto que antes do aprofundamento deste tema temos que definir melhor o conceito de dignidade. Perguntar: o que entendemos por dignidade? Partindo do princípio de que o ser humano é por natureza racional, dotado de liberdade, é um ser revestido de uma dignidade enquanto pessoa, como ser capaz, na sua própria essência, de ser de direitos inalienáveis, cujo reconhecimento se impõe ao próprio estado e que devem ser garantidos por princípio internacional²⁴.

O termo dignidade tem origem no vocábulo “*decus*”, “*dignus*”²⁵ que significa: ornamento, estima, distinção, honra e glória. Aquela pessoa que merece dignidade, que é importante. O termo “*dignitas*” está ligado à noção de reconhecimento dignitário, decoro, decência, nobreza, honra e honrarias. No grego o termo mais próximo é “*axioma*”(axios, axia), que significa o valor de reconhecimento, que por um lado se tem, por ser inerente à pessoa, mas que se pode perder ou ganhar pelo seu agir. Mas, neste caso passamos do campo da antropologia teológica para a ética.

Esta visão passou a ter mais relevo no renascimento, em que era vista como algo que o homem poderia adquirir ou perder conforme a sua ação. Nesta perspectiva temos duas realidades da dignidade, uma em que se diz intrínseca e outra extrínseca. A intrínseca é aquela que está inerente ao próprio homem, e a extrínseca é aquela que vem das ações do homem, da sua conduta de vida, no fundo da ação ética²⁶. Mas, a nossa reflexão centra-se na intrínseca, na procura da fundamentação da essência da dignidade.

²⁴Cf. MOURA, Laércio - *A dignidade da pessoa e os direitos humanos. O ser num mundo em transformação*. Rio Janeiro: Edições Loyola, 2002. p. 27.

²⁵Cf. MOLTSMANN, Jürgen - *La Dignidad humana*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1979. p.52. (Cf. esta tese p. 91)

²⁶Cf. OSWALD, W. - A dignidade intrínseca e a extrínseca. In *revista portuguesa de bioética*, 11, (julho de 2010) 192. Existe a ação digna e existe a realidade digna intrínseca ao ser humano. A ação digna ou indigna é extrínseca ao ser humano, que de qualquer forma pode lesar essa dignidade extrínseca, na relação dos homens com os outros. Por isso é que não se pode fazer “justiça pelas próprias mãos”, nem se

Desta forma, a dignidade intrínseca do homem é inviolável, nunca se perde. Porque, “a dignidade humana, vivida pelo sujeito na sua autoconsciência, na sua subjetividade, é flutuante, imprecisa e frágil; depende da cultura à qual a pessoa pertence e, nesta, no meio social”²⁷, mas a intrínseca faz parte do ser pessoa, independentemente da realidade socio-cultural. O próprio direito reforça essa inerência à pessoa, contudo o problema é que nem sempre o direito é respeitado. E conseqüentemente, em muitos casos, o homem vive numa degradação e sofrimento que são indignos do ser humano.

Se a intrínseca está no próprio homem, faz parte da sua ontologia, da essência do homem, pois pelo facto de existir é ser digno. A dignidade extrínseca é a que pode diminuir ou aumentar conforme a sua própria ação de bondade, de bem e mal, a sua conduta ética, está de acordo com o agir humano, dependendo do reconhecimento pessoal e social-cultural. Porém, remetemos este estudo apenas para a dignidade intrínseca, na medida em que devemos reforçar a reflexão mais profunda da pessoa humana e da necessária consciência de atitude.

O conceito da dignidade, ao longo do tempo foi tendo alguma evolução:

A primeira perspectiva denominada como *cosmo*-centrica que é a visão greco-romana. É uma interpretação encontrada em Aristóteles e Cícero, que significava o estado superior da razão e daquilo que é mais divino, favorecendo o respeito pela justiça. Aristóteles privilegiava a aristocracia fundada ou justificada pelo mérito (“*decus*”).

Na filosofia grega o conceito de dignidade de pessoa, e entendido pelo direito, contempla a capacidade de exercício de uma determinada função na vida real. O homem no mundo grego estava submetido às leis do fado e da necessidade que os próprios deuses não podiam mudar.

A segunda perspectiva é *Cristo*-centrica, conceção observada em Ambrósio, Tomás de Aquino, que tem como base realçar o ser humano na perspectiva de um Deus feito homem, baseada na encarnação de Cristo. O pensamento cristão, no seguimento de Cristo, contribuiu decisivamente para o reconhecimento da pessoa e da dignidade do amor ao próximo. Foi um marco importante pelo qual a humanidade progrediu assimilando a dignidade como valor universal, tornando-se um conceito sociocultural adquirido.

Com o cristianismo, a noção de dignidade da pessoa aprofundou-se tanto no campo da filosofia como da teologia, passando às outras ciências. O conceito aproximou-

pode “pagar o mal com o mal”, nem tenho que ser eu a fazer justiça, de forma, a que a dignidade intrínseca não seja lesada.

²⁷ SERRÃO, D. - A dignidade humana no mundo pós-moderno. In *revista portuguesa de bioética*, 11 (julho de 2010) 195.

se do conceito de hipóstase, isto é de substância de natureza racional. Mas, para além de ser de natureza racional passa a estar ligado à ideia de dignidade de um ser decorrente da sua excelência. Isto é, a pessoa passou a ser vista como um ser de dignidade.

O terceiro período de abordagem é *logo-centrica*, da época do renascimento, do iluminismo. Destaca-se o pensamento de Kant que se concentrou na atividade sensitiva do ser humano em si. Segundo esta conceção a dignidade do ser racional não obedece a nenhuma lei a não ser aquela que ele próprio proclama, aquela que está dentro de si. Porém não é a razão que confere dignidade, ela é um meio e não um fim. O ser humano como fim em si possui dignidade em si, pelo próprio sentido de ser.

Atualmente, estamos perante o *polis-centrismo* ou o construtivismo social, uma referência das inter-relações sociais. Numa sociedade moderna que vive uma profunda crise da identidade de valores, muitas vezes bem espelhada nas relações dos adolescentes nas escolas é, ao mesmo tempo, visível a busca pela orientação pelos valores. A sociedade procura cada vez mais a reafirmação e a cristalização do valor da dignidade da pessoa como referencial para toda a sua proposta de vida e de relações sociais, indagando condutas que permitam alguma segurança.

Podemos dizer que até ao séc. XVII o conceito de dignidade humana tinha um sentido mais normativo. A partir do séc. XIX, o tema da dignidade humana ganha um sentido mais global, nomeadamente a partir das encíclicas papais e dos direitos universais. Atualmente, no contexto ético e também jurídico, a dignidade é considerada como inerente ao próprio homem, isto é independente da sua ação. Ela está presente no próprio homem, faz parte dele, da sua própria essência e existência. Em contrapartida, começam a surgir novas questões como a dignidade pré-natal (os nascituros) que precede a própria vida e a dignidade “*post mortem*”, que ultrapassa a própria vida existencial. A dignidade é intangível e o seu alcance já não se limita à noção de vida.

Mormente, esta complexa realidade da dignidade humana, confrontada com o sofrimento, requer um mergulho profundo neste mar imenso e profundo que é a dignidade intrínseca, passando por uma reflexão bíblica, antropológica e teológica, que nos ajudará a experienciar a beleza das profundidades da dignidade

2.1. Antigo e Novo Testamento.

Quando nos referimos àquilo que é essencial do homem, não podemos deixar de ir à sua história, à origem cultural-religiosa, temos que formular a questão: o que é que a Bíblia nos diz sobre a dignidade da pessoa? Vemos que começa por a referir, no texto do

relato da criação (Gn 1,26)²⁸, que o homem foi criado à “imagem e semelhança” de Deus. Portanto, o ser humano como “imagem de Deus” seria o coroar da criação. Assim, o termo “imagem” significa que o homem é capaz de se abrir ao criador, que é capaz de se relacionar com o próprio Deus. Neste vínculo íntimo, o homem se eleva acima das criaturas, por isso o ser humano é um ser de dignidade, nele resplandece o rosto de Deus.

O conceito de “imagem de Deus” que garante a unidade, igualdade e dignidade de todos os seres humanos, e a relação de intimidade com Deus, é a centralidade do relato da criação. Desta “imagem” se confere o conceito de pessoa, aliada ao ser humano com dignidade inviolável. Esta “imagem” é reforçada quando Deus concede a primeira bênção: “crescei e multiplicai-vos”. Portanto, o homem criado à “imagem de Deus”, na perspectiva bíblica da dignidade, funda-se no momento da criação: o homem foi criado à “imagem e semelhança” de Deus (Gn 2, o mais recente da tradução “Javista”).

Concretamente, o livro do Génesis (Gn 1, 26-27) afirma por meio da expressão “imagem e semelhança de Deus” de que é feito o homem. É a “imagem de Deus” a característica que distingue a criatura humana dos demais seres vivos. Claramente “por isso resulta da maior importância determinar exatamente o sentido que o autor inspirado dá a essa expressão”²⁹: “imagem de Deus” onde a criação do homem é colocada no final, como o “coroamento” de toda a obra criadora. Pelo simples facto de Deus modelar com as suas mãos o homem da terra, cria uma relação de intimidade³⁰. O homem é o único a quem Deus pode tratar por “tu”. A imagem de Deus parece indicar um ser capaz de “dialogar” com Deus³¹, de entrar numa relação pessoal. Esta relação consiste numa escuta à chamada e resposta a Ele de livre compromisso, e também na cooperação para que a criação do mundo se complete num processo contínuo³². O que confirma a dignidade e domínio do homem sobre toda a criação e ser de relação íntima com Deus.

²⁸ Respeitante à criação “a filosofia interpreta o que existe e nunca especula sobre o que não é. Os inícios ficam fora do seu alcance metodológico. Por isso não é de estranhar que na filosofia grega não se registre o conceito de criação. Ainda que os filósofos gregos afirmassem a unidade do divino como suprema realidade, não procuraram explicar exatamente a sua relação com o mundo. No melhor dos casos, a conceberam como parte mais nobre do universo e o princípio ordenador do cosmos” (Cf. LUCAS, J. Sahagun - *Dios, horizonte del hombre*. Madrid: BAC, 1994. p.249.).

²⁹ FLICK, M.; ALSZEGHY, Z. - *Antropologia teológica*. 3ª ed. Salamanca: Ediciones sigueme, 1972. p. 98.

³⁰ Cf. COUTO, António – *Como uma dádiva, caminhos de antropologia bíblica*. Lisboa: UCP, 2005². p. 48.

³¹ Cf. FLICK, M.; ALSZEGHY, Z. - *Antropologia teológica*. 3ª ed. Salamanca: Ediciones sigueme, 1972. p. 98.

³² O processo contínuo da realidade da “doutrina da criação”, não tem interesse pela origem temporal quanto pela origem ontológica. Formula-se como resposta à pergunta: Porque existem as coisas? não como resposta à pergunta: Como começou tudo? O instante do “Big Bang”, face aos quinze mil milhões de anos, surge como sendo criador. Hawking supõe que “os efeitos quânticos definiam o ocorrido no

Este princípio³³ é tanto origem como meta para a pessoa, portanto a antropologia bíblica do antigo testamento é orientada para a relação neotestamentária da imagem. O homem criado à imagem de Deus é sempre essa imagem. Este facto torna o homem digno por si mesmo. Por isso, o homem sendo digno torna-se fundamento da dignidade do homem e raiz de todos os direitos dos homens. Pois, homem e mulher foram criados à “imagem de Deus” (Gn 1,27) como distinção das outras criaturas, única a quem refere homem e mulher, justificando, assim, a igual dignidade entre homem e mulher e a distribuição de realização entre ambos, que são o ápice e coroa de toda a criação.

Esta “imagem e semelhança”, própria e exclusiva do homem e mulher, é transmitida aos seus semelhantes, porque o próprio criador confia a responsabilidade ao homem. Na medida, que “trata-se de três conceitos relacionados: dignidade, fecundidade e domínio. A dignidade que procede de que o homem é imagem de Deus se manifesta na fecundidade humana como no domínio sobre o mundo”³⁴. O homem feito à imagem de Deus é visto pela fé como uma definição do homem e próprio fundamento da peculiar³⁵ dignidade da pessoa humana. Nesta imagem e semelhança está a relação com Deus, onde toda a existência humana passa pelo aspeto relacional quer com Deus quer com o seu semelhante, quer com a própria criação.

Portanto, criado à imagem e semelhança passam a ser constitutivas do homem assim como a sua realidade relacional com Deus, construída na sua dimensão de natureza espiritual. Deus cria o homem com capacidade de se relacionar com ele, de uma relação do “eu” humano e “tu” divino. Por isso, o homem ao longo da história vai ser chamado constantemente à aliança com Deus e a renovar essa aliança.

Por outro lado, Deus (Gn 1,28) quando concede a bênção ao homem confere-lhe responsabilidade da sua criação, como sinal depositário de confiança no próprio homem. Portanto, criado à “imagem de Deus” estabelece o domínio de todas as criaturas. No livro do Genesis o trabalho constitui a fonte da dimensão da dignidade da existência humana sobre a terra. A vocação bíblica (Gn 1,28) manifesta a vontade do criador, que o homem “criado à sua imagem e semelhança” (Gn 1,26) é chamado a dominar, a transformar a terra e sobretudo a estar ao seu serviço. É uma vocação bíblica, é uma missão, é a primazia e intenção de Deus a seguir à criação, criar à sua imagem e semelhança.

primitivíssimo universo.” Mas, o papel de Deus não é só criar, é também de sustentar a história num processo contínuo.

³³ Cf. MOLTMANN - *La Dignidad humana*. p. 52.

³⁴ Cf. LORDA, J. L. - *Antropología, del concilio vaticano II a Juan Paulo II*. Madrid: Ediciones Palabra, 1996. p. 147.

³⁵ Cf. *Ibidem*, p. 148.

A “semelhança” significa que o homem tem uma dignidade de dimensão interior, que o remete para o encontro e relação com Deus, que é a origem e fundamento da sua existência. O homem procura relacionar-se com Deus, com os outros, consigo mesmo e com toda a natureza. Mas, é na relação de comunicação com Deus que ele se identifica.

É essencial compreender que a “semelhança” do homem com Deus não se reduz à sua alma ou ao seu coração, mas abraça o homem no seu todo como pessoa. O homem, como “imagem e semelhança de Deus”, recebe do seu criador uma dignidade que lhe confere uma unidade e identidade, distinta de Deus.

Se o fundamento da dignidade da pessoa humana está na “imagem e semelhança com Deus”, o que confere o fundamento da dignidade da sociedade. É onde toda a criação fundamenta a sua dignidade. A bênção de Deus é sobre toda a criação, logo para o cristianismo toda a criação tem dignidade. E o homem como centro da criação tem o maior grau de dignidade, porque tem o papel principal na criação. De tal forma que é o responsável pela própria criação. Porque Deus colocou nas suas mãos essa responsabilidade (Gn 2,15). A responsabilidade aparece como reforço da dignidade por parte de Deus para o homem. O ser “imagem”, em si mesmo, confere a essência da dignidade, enquanto ser designado responsável pela criação também é-lhe conferida dignidade.

Assim, na teologia Cristã, quando no referimos que Deus cria, aplica-se a locução “*creatio ex nihilo*”, criação a partir do nada, mas criação apenas da vontade divina. À “*creatio ex nihilo*” se acrescentou o conceito de “*creatio continua*”, que é a criação que se vai realizando ao longo da história cósmica. Isto é, realizada segundo a vontade da “divina imanência”³⁶. Por isso o papel de Deus não é só criar, mas também o de sustentar a história, para que a dignidade do homem seja mais acreditada como “imagem de Deus”.

Seguidamente, no livro do Deuterónimo, Deus defende essa imagem, “não matarás” (Dt 5, 17), como defesa da vida e da dignidade³⁷ do ser humano. O mandamento “não matar” significava a sacralidade e dignidade da vida humana. Uma clara alusão de que ninguém pode atentar ou desfigurar essa imagem de Deus. Portanto, com outra linguagem, aclara a doutrina da dignidade e dos direitos da pessoa.

A verdade é que no texto (Dt 30,15) constatamos que amar e obedecer a Deus era eleger uma vida digna, separar-se dele era perecer (Cf. Gn 4,1-4). Neste caso a vida é um bem supremo e a morte o maior dos males (Gn 3,3, a narrativa da árvore da vida, Gn

³⁶ Cf. POLKINGHORNE - *Ciencia y teologia*. p. 117.

³⁷ Cf. Lc 10, 25-37.

3,19-22, como o senhor da morte e da vida). E assim, a obediência à lei é um sinal de vida (Dt 30,16). Defender o direito do pobre e do oprimido, onde tudo deve ser respeitado e a necessária observação das condições da aliança no íntimo do coração de cada cidadão de Israel (Jr 31, 31-35; Ex 36), são necessários à vida. Por isso, a condenação para quem prática as injustiças para com povos e indivíduos.

No livro do Êxodo, Deus viu o sofrimento do seu povo e envia Moisés para libertar esse povo. No exemplo de um povo hebreu que vive debaixo da ditadura em estado de escravatura, Deus toma consciência da sua situação, mostra a sua indignação, e assume o compromisso de os libertar, de forma a recuperar a dignidade perdida. Aqui Deus mostra-se sensível ao sofrimento humano, procurando acabar com esse sofrimento e restaurar a dignidade do povo.

Concretamente, o texto é clarificador da atitude compassiva e solidária de Deus para com o povo: “conheço os seus sofrimentos. E baixei para o libertar” (Ex 3,7-10). É desejo de Deus que o seu povo viva em liberdade e dignidade, em relação consigo e em relação ao seu próximo (Cf. 3, 7-10). Deus ajuda o seu povo a caminhar na libertação e em humanização. Do sofrimento da escravidão Deus restitui ao seu povo a liberdade e dignidade. O que podemos constatar de uma liberdade como necessária à vivência da dignidade (Ex 22,20-26). A experiência do êxodo é relevante do primeiro momento da convergência da dignidade do ser humano e da libertação, realizada por Deus.

A dignidade do ser humano encontra-se no código da aliança (Pentateuco), onde o reconhecimento e formulação dos direitos têm caráter imperativo, não admitindo exceções (Ex 22,20): “e não explorarás o trabalhador humilde e o pobre” (Dt 24,14-15) e “não maltratarás o escravo” (Dt 23,16-17), reafirmando a ideia da dignidade.

Embora, o decálogo seja visto mais pelo lado de proibições (Dt 27,19), no sentido de sancionar contra quem atenta a dignidade das pessoas, mas sempre numa atitude de reforçar a dignidade. Em que claramente os mandamentos são uma procura de restabelecer a dignidade do homem, que embora imposta, tem como objetivo primordial a defesa da dignidade.

O livro de Job é o texto por excelência sobre o sofrimento humano. Aqui o sofrimento atinge o inocente, a sua própria dignidade, e como que existe uma perda da dignidade humana, declarada pelos seus amigos como um abandono de Deus. O livro compõe-se de um relato em prosa (prólogo e epílogo) e de um corpo de poemas em forma de discursos, de debate entre Job e seus amigos. A verdade é que Job se apresenta como um homem rico e justo. Mas, como esta a passar por um momento de desgraça, os seus

amigos suspeitam que a sua justiça possa ser interesseira, e se sofre é sinal que está a passar por uma prova. É despojado de seus bens, da sua família, da saúde e é invadido pelo sentimento de abandono de Deus. Apesar das “explicações” dos seus amigos, que fazem uma relação intrínseca entre o sofrimento e a culpa, com a ideia de retribuição³⁸. Contudo, nada o perturba, pelo contrário reafirmando a sua fidelidade, e continua bendizendo a Deus na calamidade como na prosperidade. E Deus acaba por recompensar a sua atitude de fé redobrando os seus bens.

No entanto, durante o discurso Job maldiz a sua sorte e o dia em que sua mãe o gerou. Os amigos acabam por relacionar a sua sorte de sofrimento com o pecado. Existe a ideia de recompensa, de uma justa retribuição para com os justos, em que cada um terá a sorte que corresponda às suas obras. Job resolve o problema pela aceitação tranquila. Apesar disso não deixa de reclamar para com Deus, pela ideia que os seus amigos têm da situação. Projeta, como figura tipo, o próprio sentir do afastamento de Deus³⁹.

É essencial compreender que o livro de Job é importante para a nossa reflexão no sentido em que nos mostra a perspectiva do sofrimento humano em relação a uma determinada imagem de Deus (castigador) própria do Antigo Testamento. É que numa consequência lógica se houve um sofrimento, é porque houve uma culpa, raciocínio que Job não aceita, pois defende a sua inocência diante dos amigos e diante do próprio Deus. O sofrimento teria apenas um valor moral, como pena do pecado cometido, no âmbito da justiça de Deus, que pagaria o bem com o bem e o mal com o mal.⁴⁰ Trata-se, ainda, de uma conceção demasiado humana da justiça e da razão do sofrimento. Por fim, o próprio Deus afirma a justiça de Job, mas o sofrimento fica na penumbra do mistério de Deus, enquanto Job reconhece como único pecado, o de querer compreender tal mistério:

“Job respondeu ao Senhor e disse: ‘Sei que podes tudo e que nada te é impossível. Quem é que obscurece assim o desígnio divino, com palavras sem sentido? De facto, eu falei de coisas que não entendia, de maravilhas que superavam o meu saber’ (Jb 42,3)”.

A natureza deste problema, não significa que todo o sofrimento humano possa ter um carácter de castigo divino, mas ter um carácter de prova ou com sentido pedagógico.

³⁸ Cf. RICOEUR, P. - *Le mal: Un défi à la philosophie et à la théologie*. Labor et fides, 2004. p. 30.

³⁹ Cf. GONZÁLEZ, A. – “Jó, o enfermo”. In *Concilium*. 119, Editora vozes (1976/9).

⁴⁰ Relativamente à justiça retributiva, de um sofrimento ligado ao pecado, refere o profeta Daniel: “É por efeito dum juízo equitativo que nos infligiste tudo isto, por causa dos nossos pecados. Pecámos, prevaricámos, afastámo-nos de ti; em tudo temos procedido mal; e não observámos os teus mandamentos. Não os temos posto em prática, não temos observado as leis que nos deste e que eram para nossa felicidade. Em todos os males que mandaste sobre nós, em tudo o que nos infligiste, foi uma sentença justa que aplicaste” (Dn 3,27-31).

Neste caso o sofrimento poderia bem despertar um movimento de conversão no sujeito que sofre. E o castigo pedagógico, pode levar à descoberta do rosto de um Deus misericordioso. Aqui, o conceito de sofrimento-penitência leva à superação de determinadas espécies de mal e de sofrimento, sobretudo aquele mal que tem um carácter subjetivo no sujeito pecador. E esta consciência pode levar o pecador a uma nova relação com os outros e com o próprio Deus, descobrindo por esse meio a dignidade existente.

Os salmos revelam a relação do homem com Deus. O salmo 8 refere que Deus fez do homem “quase um ser divino”, o que significa a relação de proximidade que Deus quis realizar com o homem, remetendo para a sua intimidade e nobreza. Podemos, constatar, que grande parte dos salmos são uma expressão do homem na relação com Deus, onde se dignifica o homem na perfeição do louvor a Deus.

No livro dos provérbios (Prov 25,21-22) faz-se um apelo para tratar bem o outro, mesmo que seja seu inimigo. A dignidade da pessoa deve ser sempre respeitada e reforçada.

A última razão do sofrimento humano é anunciada nos quatro *Cantos do Servo Sofredor* de Isaías, sobretudo no quarto (Is 53,2-6), onde o profeta Isaías anuncia a vinda do servo de Yhavé. Esta é a chave de leitura do A.T. e compreensão do N.T., que nos revela que o afastamento de Deus é que produz o sofrimento. Deus coloca o seu servo no lugar do povo, que no sofrimento é castigado e abandonado. Contudo, a forma de viver do servo sofredor como justificador será exaltada, e a sua vida será exaltação de muitos. N’ Ele (paixão e morte) muitos serão justificados, numa alusão a Cristo. Ele apenas se meteu por nós no castigo e no sofrimento para nos dar a vida, dar a dignidade que muitas vezes é desfigurada (Is 53, 3). O sofrimento não é fatalidade, mas é assumido dentro de um projeto libertador, como no caso do exemplo do sofrimento de um mártir cujo o sofrimento resulta em benefício para os outros⁴¹. O justo sofredor que intercede pelo seu povo é instrumento de reconciliação consigo, com Deus e com os outros, é uma abertura para o serviço e comunhão⁴².

Assim o sofrimento é digno do homem que o engrandece e o faz semelhante ao servo sofredor, porque é fruto de um compromisso de liberdade que restaura o homem em

⁴¹ Cf. LOURENÇO, J. D. - *O sofrimento no pensamento Bíblico, ‘releituras hermenêuticas? De Isaías 53*. Lisboa: Universidade católica editora, 2006. p. 80.

⁴² Cf. *Ibidem*, p. 200.

sua dignidade. O sofrimento abre ao amor e ao absoluto. Aqui se encontra o homem na sua dignidade total.⁴³

Em síntese o Antigo Testamento apresenta-nos um Deus de misericórdia para com os pobres, procurando reafirmar a sua justiça. Reforça a ideia clara da necessária da obediência dos homens às instituições, da observância à lei e do respeito dos direitos de todos os homens, no que diz respeito à vida, à honra, à verdade, à dignidade como ao bom uso administrativo dos bens. No A.T. a “imagem de Deus” evidencia a altíssima dignidade do ser humano.

No Novo Testamento não temos a evidência do homem como “imagem de Deus”, porque passa a estar centrada em Cristo como “imagem de Deus”. Assim, “a ideia de imagem, que no A.T. se centra na criação do homem, no N.T. se transforma num motivo cristológico e escatológico”⁴⁴. Cristo é assim a imagem de Deus como o homem novo, em que “a superioridade do homem é reafirmada com frequência no novo testamento sem relação com o tema da imagem (Mt 6, 26-30), mas a “imagem de Deus” é principalmente Cristo (Col 1,15; Hebr 1,3)⁴⁵. Ele é imagem de Deus invisível, o primogénito de toda a criatura” (Col 1, 15-16). “Este filho que é resplendor da sua glória e imagem fiel” (Heb 1, 3-4). A imagem corrompida pelo pecado do homem, em Cristo é restaurada e torna-se cada vez mais esplendorosa, e encontra a plenitude na vida eterna.

Nos evangelhos, em todas as ações de Jesus está presente a dignidade que cada um deve sentir e o respeito pela dignidade do outro. Por exemplo em S. Marcos - Jesus declara que “*quem fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe*” dando a entender um significado mais abrangente e profundo para o conceito de irmão. Todo aquele que faz a vontade de Deus é seu irmão (Cf. Mc 3, 35), conferindo dignidade à pessoa.

Em Mateus Jesus refere a sua imagem nos mais pequenos, pois “*sempre que fizeste isto a um destes meus irmãos mais pequeninos a Mim mesmo o fizeste*” (Mt 25, 40). Os mais frágeis da sociedade são uma imagem perfeita de Jesus e o devem ser da comunidade cristã.

Em Lucas, Jesus afirma o valor indiscutível da pessoa humana, independente do seu estrato social ou sua condição específica, unicamente porque é amada por Deus, quando refere: “*nenhum deles é esquecido diante de Deus! Até mesmo os cabelos da*

⁴³ Cf. Revista *Concilium* 119, Editora vozes 1976/9, p. 11.

⁴⁴ Cf. LADARIA, L. F. - *Antropologia Teológica*. Estrela: Editorial Verbo divino, 1993.

⁴⁵ Cf. FLICK, M. e ALSZEGHY, Z. - *Antropologia teológica*. p. 100-102.

vossa cabeça estão todos contados. Não tenhais medo; pois valeis mais do que muitos passarinhos...” (Lc 12, 7). O homem cresce de dignidade em relação às outras criaturas.

Jesus, pela encarnação, restaurou a criação, melhor da nova criação, pois é revelado como o humano verdadeiro, o ser Filho é a forma pela qual Deus chama toda a humanidade à perfeição, é onde o espírito está presente na nova criação de filiação crística. O homem é assim imagem de Deus quando reproduz a imagem de Cristo. Deste modo Cristo é o modelo para o homem, sendo n’Ele chamado a ser “imagem de Deus”.

A perspectiva cristã da dignidade, fundada nos evangelhos, surge na luta do próprio Cristo no sentido de ir contra tudo aquilo que é a desumanização do próprio homem. O próprio Cristo revela a abertura à transcendência, reforçando a experiência da sua relação com Deus, de forma a trazer ao homem a valorização da dignidade humana.

O prólogo do Evangelho S. João fala-nos quase que de um novo relato do início ou princípio da criação (novo Genesis), onde tudo é chamado à existência no *Logos*, porque “no princípio existia o Verbo; o Verbo estava em Deus; e o Verbo era Deus (Jo 1, 1). O princípio, o verbo de que tudo se fez, é a palavra criadora que é Cristo. Esta palavra criadora confere dignidade ao próprio homem, porque a criação revela já o mistério de Cristo.

Daqui resulta que a encarnação é a revelação do mistério do homem, criado nesta perspectiva do homem novo que é Cristo, como que restaurador da dignidade do homem. Em Cristo, Deus conduz a criação até à plenitude, “*deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus*”(Jo 1, 12). Mediante o dom gratuito do amor, os filhos conseguem realizar em si mesmos o projeto de Deus, de ser “*imagem e semelhança*” de Deus. É o próprio Cristo que restaura essa “imagem”, essa dignidade.

Na parábola do filho pródigo está presente a proposta de recuperação da dignidade humana, na medida em que o filho recupera a sua dignidade graças ao amor do pai. Nunca deixou de ser filho, mas perdeu, enquanto atitude, por seu próprio querer a sua dignidade, mas também pela sua própria vontade e misericórdia do pai voltou a restabelecer essa dignidade. Consequentemente, a dignidade humana é recuperada pela misericórdia de Deus, pois, a misericórdia de Deus tornou-se mais forte que o pecado.

No seguimento deste pensamento Jesus convida: “vinde a mim todos os que andais cansados e oprimidos, que eu vos aliviarei”⁴⁶ (Mt 11,28-30). Esta passagem evidencia que o homem é imagem de Deus, que a sua missão é dar vida ao homem e restaurar a sua dignidade (Jo 10, 10). Em Cristo o homem assume e reforça a sua própria dignidade,

⁴⁶ Mt 11,28-30.

como é o exemplo a parábola do bom samaritano (Lc 10, 25- 37): “vai e faz o mesmo,”⁴⁷ como meio de dignificar a pessoa em causa. Assim, como a passagem do paralítico que é levado pelos amigos, na enxerga que descem pelo telhado, em que vemos a solidariedade de Jesus para com o paralítico em resposta à solidariedade dos homens que transportavam o paralítico: “ao ver a fé (solidária) daquela gente, comoveu-se”. Nesta lógica humanizar-se é restaurar a sua dignidade

Em consideração “os milagres são gestos compassivos e solidários através dos quais Cristo devolve a dignidade e a integridade a quem havia sido privado dela, reconhecendo como pessoas a quem era tratado como não pessoas, entrega-os na comunidade dos que haviam sido excluídos e reconstitui o tecido social destruído pelo código da pureza”⁴⁸, exemplo são a cura dos leprosos, que os integra na comunidade. A solidariedade de Cristo e a de todos é um forte impulso para a dignidade

Os evangelhos apontam claramente a atitude de Jesus numa visão progressista da relação para com o outro: “amai-vos uns aos outros” e “ama até os teus inimigos”. Esta caridade deve ser tal que deve imitar o Pai Celeste (Cf. Mt 5,48; Lc 6,36) numa clara alusão de que se devem tratar todos os homens como irmãos. O novo mandamento do amor remete para um olhar primeiro de amor ao outro, começando pelos mais necessitados e desfavorecidos. Nesta linha de pensamento diz S. Paulo: a caridade é o ponto máximo da existência cristã, como vivência da dignidade (Cf. Rom 13, 8-10).

Jesus põe em marcha a ética da alteridade, que reconhece o outro com dignidade, e restaura a dignidade. O perdão dos pecados é por excelência a reabilitação da pessoa no seu todo. As pessoas ou grupos a quem a sociedade considerava indignos, Jesus os declara dignos perante Deus e, aos seres humanos, os reconhece como cidadãos, filhos de Deus, de pleno direito. Neste contexto surge o caso de Zaqueu, de transformação e dignificação da sua vida.

O próprio sacrifício de Jesus, paixão e morte de cruz, é um sacrifício de reparação, para salvação do homem (Act 13,13-19), restabelecendo a reconciliação com Deus (2 Cor 5,19), resgatando o homem para a dignidade plena. Assim, Deus se identifica no sofrimento do mundo no sofrimento de Cristo. Em toda a paixão e morte de Cristo está o sofrimento, que abarca o grande mistério da sua vida. Este sofrimento está também ligado ao ministério salvífico. Poderia Deus ter escolhido outra forma de salvar o mundo? Ou até

⁴⁷ Lc 10, 25- 37.

⁴⁸ TAMAYO-ACOSTA, Juan José – Dignidad y liberación: perspectiva teológica y política. In *Concilium*. 300. 2 (2003) 67-71. p. 258.

pedir ao seu filho que salvasse o mundo de outra forma? Porque é que Deus optou pelo sofrimento? Mas é este sofrimento que antecede o mistério salvífico. E não existiu redenção e salvação sem sofrimento. Sem morte não existe ressurreição.

Assim, em Cristo temos a nossa redenção e salvação como filhos, “porque nos elegeu antes da criação do mundo... e predestinou para sermos seus filhos” (Ef 1,4). Portanto, “como levemos a imagem terrestre, levemos também a imagem celestial,”⁴⁹ Porque na ressurreição gozaremos desta imagem de Cristo plena. O que representa o reconhecimento de todos os homens com a sua dignidade, e a sua relação com Cristo, homem perfeito, para nos tornar dignos diante de Deus.

Daqui resulta que Cristo fazendo-se homem “divinizou o homem; Pois, Deus o tinha criado à sua imagem e semelhança” (Fil. 2,27), e agora, torna-o divino em seu Filho. Esta descoberta não é um dado adquirido, mas é revelação de Deus, que o homem na sua própria inteligência, como semelhança de Deus (S. Tomás), consegue compreender como dom transcendental.

A carta de São João diz-nos que “quem não ama permanece na morte”. Não a morte do fim da vida, mas a morte do dia-a-dia que nos impede de viver com dignidade. Aquele que permanece na fonte de amor “passa da morte à vida”, restabelece a dignidade e permite restaurar a dignidade que há no outro.

O próprio Apóstolo S. Tiago alerta que as comunidades cristãs primitivas “não devem admitir aceção de pessoas”⁵⁰. Nesta mesma ideia esclarece S. Paulo na carta aos Gálatas: “não se distingue Judeu ou Grego, escravo ou livre, homem ou mulher, pois com Cristo todos sois um”⁵¹. Cristo é exemplo a seguir, porque foi obediente⁵² até à morte (Fl 2,8). Esta é a mensagem nova e clarividente de defesa do ser humano, da sua dignidade.

No pensamento de S. Paulo está bem desenvolvido o significado da “imagem de Deus”, ao referir Cristo como a verdadeira imagem de Deus, porque só Ele restaura a imagem de Deus que há no homem, por isso exorta a sermos imitadores de Cristo. E adverte de que nós somos templos de Deus, o que significa que Deus vem a nós, que por seu lado o ser humano é santuário de Deus. Assim, no rosto do homem resplandece o rosto de Deus, reforçando esta dignidade e divindade que há no homem, em Cristo e por Cristo.

⁴⁹ 1 Cor. 15,49.

⁵⁰ Tg 2,1-5.

⁵¹ Gal. 3,28.

⁵² O termo obediente tem a sua origem: *ab + audire*, que significa não submissão mas obedecer ao que se ouve para por em prática.

S. Paulo proclama a “nova criação” referindo-se ao que está em Cristo que é uma nova criação (Cf. 2 cor 5,17). Portanto, o que está em Cristo é uma nova criatura⁵³ diante de Deus. No entanto, constatamos que “o termo ‘criação’ não aparece na mensagem de Jesus, sobretudo com o sentido de ‘natureza’ que se lhe dá corretamente desde os gregos. Mas, Jesus remete-nos com frequência para ela, ‘a faz falar, e ela nos prega Deus... nas palavras de Jesus esta criação está imediatamente presente, tal como cada um a vê, concreta e particularizada (Cf. Mt 6, 26-29)”⁵⁴.

A nova criação, de que nos fala S. Paulo, é realizada na configuração do homem com Cristo. Jesus é a nova criação e referenciado como a criatura suprema, perfeita, definitiva, a síntese, vértice de toda a criação pela solidariedade salvífica da sua humanidade. Encarnação e ressurreição de Cristo inserem-se dentro do projeto criador de Deus para levar o homem à sua plenitude.

A transformação da mentalidade operada por Cristo e pelos cristãos surge com o mandamento novo, pois o mandamento é um guia para conhecer a vontade de Deus (Cf. Rm 2,18), para que o homem espelhe essa imagem em atitude. Esta realidade do mandamento novo levou algum tempo a ser compreendida pela mentalidade do império romano, mas proporcionou um avanço no conceito da dignidade da pessoa humana e na defesa dos seus direitos. Nesta nova mensagem conciliadora e reconciliadora do cristianismo, em contradição com a mentalidade do império expansionista e dominador, reside a originalidade e especificidade do cristianismo, que lhe permitiu espalhar-se por todo o império romano, uma visão humanizadora da pessoa.

Sinteticamente, quer o antigo quer o novo testamento apresentam uma mensagem de salvação para o homem por parte de Deus, que criou tudo do nada, pela sua livre vontade, para colocar tudo nas mãos do homem, conferindo-lhe responsabilidade e dignidade. Em detrimento disso o ser humano foi criado à “*imago deo*”, e mesmo perante o abandono do homem, Deus, por meio do seu filho, o resgatou para a salvação, restabelecendo o homem perfeito, a sua própria “imagem”, restabelecendo a sua própria dignidade.

O Novo Testamento, em toda a sua amplitude vem reforçar a dignidade da pessoa humana. Aprofunda a humanização da antiga aliança, sublinhando que o mais importante

⁵³ Cf. Gal 6, 15.

⁵⁴ BORNKAMM, G. - *Jesus de Nazaret*. 4ª ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1990. p. 123.

da lei e da vivência da vida para além do claro amor ao criador é o amor ao próximo, porque só neste amor se pode descobrir a verdadeira dignidade que há no homem.

O mundo mudou radicalmente com esta mentalidade e atitude cristã da vida, nomeadamente a civilização ocidental. Esta visão de humanização e dos direitos e deveres na defesa da dignidade da pessoa irá revolucionar os novos tempos e as novas civilizações. Esta referência da dignidade vai fazer depender todos os outros valores essenciais à vida humana e das relações humanas.

2.2. Tradição e magistério.

A tradição da Igreja foi fazendo um enorme esforço pela defesa da dignidade da pessoa. Os padres da Igreja, com alguma referência ao pensamento grego⁵⁵, procuraram dar uma noção de pessoa e da sua dignidade. Começando por utilizar o termo pessoa para se referir às pessoas divinas, para distinguir a Cristo como pessoa de duas realidades a divina e a humana. A pessoa passa a ser vista como o homem individual e social, a “imagem de Deus”, uno e trino, com valor infinito.

Os padres gregos seguem a ideia da nova criação na perspectiva de que o ser humano é chamado à divinização. Os padres alexandrinos identificam a imagem como o logos eterno. A “imagem” é essa conaturalidade do homem com Deus, que vai crescendo na vida virtuosa do gnosticismo cristão, até chegar a possuir-se perfeitamente na glória eterna. Quando a “imagem de Deus” se dá na natureza do homem, a *φύσις* não se opõe aos dons gratuitos, que significa os dons conferidos por Deus.⁵⁶ Enquanto, os latinos, no seguimento dos pensamentos de S. Agostinho, remetem para a reflexão sobre pecado e da

⁵⁵ O código do rei sumério Hamurabi 1730 a.C., já defendia a defesa dos pobres e desfavorecidos. O pensamento do filósofo Cícero destacava o pensamento estoico na igualdade de todos os homens. Cícero deu a noção de dignidade como um valor (*axios*, *axia*), preço de qualquer coisa, mas também da dignidade (*axioma* – que também se referia a outros valores). Este conceito também incluía o absoluto (Cf. NEGTE, Oskar - Lo irrepitible: câmbios en el concepto cultural de dignidade. In *Concilium*. 300. 2 (2003) p. 206). Protágoras dizia: “o ser humano é a medida de todas as coisas”, passando a ser o centro da reflexão filosófica. Sócrates refere-se à integridade pessoal para o seu discípulo Platão, sendo os seres humanos formados por duas partes: o corpo e a alma, o material e imaterial. Para Aristóteles o homem seria o *zoom politikon*, um animal político, que vive na polis, na sociedade. O homem dotado de razão é capaz de se elevar ao eterno, como que se reveste de dignidade. Depois aparece a ideia de humanismo estoico baseado na razão, todo o homem é dotado de razão. Séneca refere que o homem é sagrado, com reconhecimento de si e do outro com respeito. O direito romano só reconhecia o ser pessoa, como um ser de dignidade, àquele que era livre, cidadão e *pater* (chefe) de família. Os escravos e mulheres, como não eram livres não eram considerados pessoas. “Na Roma antiga, “dignidade”, designava o devido respeito a um “dignatário” e do que dele se esperava: decoro, decência, honra e honraria. O dignatário deveria manter a sua categoria, velar pela sua imagem que oferecia; em resposta, tinha direito a sinais especiais de respeito” (VESPIEREN, Patrick - La dignidade en los debates políticos y bioéticos. In *Concilium*. 300.2 (2003) p. 198). A partir desta evolução da “dignidade humana” se deveria cada vez mais respeitar toda a pessoa.

⁵⁶ Cf. FLICK, M.; ALSZEGHY, Z. - *Antropologia teológica*. p. 101.

graça, tendo presente a liberdade do homem e a necessidade da graça para a sua salvação. Cristo passa a ser o ponto de referência, pela sua encarnação, para a salvação do homem.

Resumidamente o pensamento da patrística reforça a compreensão da pessoa humana de forma integral, procurando ver a imagem de Deus a partir do seu argumento cristológico. Explicam a “imagem de Deus no homem como uma semelhança com Deus própria do homem, que foi impressa por Deus e que face a Deus dinamicamente presente no homem”⁵⁷. Alguns, como Ireneu e Tertuliano, referenciam a imagem com o verbo encarnado. Ireneu (130-202) diz que pela encarnação, o homem foi criado à imagem de Cristo e Cristo é imagem perfeita de Deus. O homem, desde o princípio, foi criado à imagem do verbo, que é imagem perfeita da divindade. Esta “imagem de Deus” não se refere só à alma, mas à totalidade do homem (corpo e alma). A imagem é a conformidade que se tem graças à mesma natureza humana, livre e racional; da semelhança, pelo contrário, participa-se por meio dos dons da graça.

O Concílio de Niceia em 325 debate a relação entre a “natureza” e a “pessoa” de Cristo. Onde fica clara a ideia da pessoa de Cristo com dupla natureza, a divina e a humana. No Concílio de Éfeso afirmou-se a união hipostática.

S. Agostinho é o primeiro a utilizar o termo pessoa para se referir tanto à trindade como ao ser humano. Concebe essa imagem na alma, que é concebida como a imagem da trindade. A pessoa tem a sua própria personalidade, chegando à ideia de pessoa a partir da “intimidade”⁵⁸. Apresenta a paz como desejo de todo o homem para alcançar a dignidade humana. A pessoa é digna porque nela está a imagem de Deus, que para ele é representada no intelecto. Esta perspectiva vai influenciar toda a teologia ocidental

Boécio procurou dar uma definição de pessoa: a “pessoa é uma substância individual de natureza racional”. Aquele que é dotado de razão, substância que existe por direito próprio. É um ser natural que tem como realidade específica a sua natureza racional⁵⁹. Nesta mesma visão vem S. Anselmo, mas diferenciando a substância e pessoa, esta tida como natureza racional individual e a substância como realidade de pluralidade.

S. Tomás descreve, no seguimento do pensamento estoico (acolhendo a definição de Boécio) e cristão, a exaltação da pessoa com dignidade. É o primeiro a referir-se ao termo dignidade, que significava a inclinação natural existente na pessoa, como que um património da pessoa e património comum. No seguimento do direito natural, a pessoa

⁵⁷ Cf. *Ibidem*, p. 102

⁵⁸ ÁLVAREZ PEREZ, J.C. - Ser humano-pessoa: planteamiento del problema. In MASIÁ CLAVEL, J.M. - *Ser humano, persona y dignidade*. Madrid: UPC, Desclée de Brouwe, 2005, p. 24.

⁵⁹ Cf. *Ibidem*.

passa a ser entendida como dotada de livre arbítrio, e é fim em si mesma. Passando a designar os indivíduos de substância racional, que têm a faculdade de atuar por si mesmos, se dá o nome de “pessoas” que se distinguem das substâncias primeiras⁶⁰. A pessoa tem um modo superior diante de Deus⁶¹. Pois, S. Tomás define: “*Persona significant id quod est perfectissimum in tota natura*”⁶². Isto é, a “pessoa significa o mais perfeito que há em toda a natureza, o subsistente de uma natureza racional”, que se aproxima do sentido de dignidade humana, dignidade em sentido ontológico de um “*per si*”, que faz parte da sua essência.

Portanto, “Santo Tomás equipara o Deus da Bíblia ao ser “*per si*”, no sentido de que o ser é a realidade mais perfeita e universal. Quanto mais ilimitada é esta formalidade, mais conveniente a Deus, posto que, por definição, carece de todo o limite, o mesmo que o ser não recebido em nada distinto dele, o “*esse irreceptum*” ou “*acto puro*”. Por isso define a Deus como o “ser por si subsistente”, o ser plenamente idêntico a si mesmo e por essência”⁶³. É com base nessa perfeição que a pessoa é ser de dignidade.

Por outro lado, Pico della Mirandola afirma que a dignidade do homem é que tenha sido criado para contemplar a natureza e eleger livremente a classe de pessoa que quer ser.

Frei António de Montesinos (1511), numa clara crítica à arrogância dos espanhóis contra os índios da América. Lança a pergunta: não são eles homens? Não têm eles alma racional? Nesta perspectiva, Bartolomé de las Casas (1566), censura os espanhóis por maltratarem os índios, dizendo que somos ordenados pela lei divina a amar o próximo como a nós mesmos, pois, os índios são nossos irmãos, pelos quais Cristo também deu a sua vida. Na mesma linha esteve Francisco de Vitoria na defesa dos direitos dos índios, reconhecendo-os como pessoas de igual dignidade.

Na sequência deste pensamento, surge o advento do humanismo no renascimento, que começa a destacar a exaltação do homem como ser belo e grandioso. O próprio Descartes com a frase: “*cogito, ergo sum*”, designa a pessoa como matéria pensante, capacitado de dignidade. Nesta mesma linha John Locke, do movimento empirista, entendia o homem como ser pensante, inteligente, dotado de razão e reflexão.

Thomas Hobbes (1588-1679), no seguimento de Cícero, fala da dignidade com base no comportamento do ser humano. A pessoa vale pela classe e necessidade, sendo

⁶⁰ Cf. *Ibidem*, p. 25.

⁶¹ TOMAS AQUINO - *Summa Theologicae*, I, q.29, a.1.

⁶² IDEM, *S. Th.* - I, q 29, a 3.

⁶³ LUCAS, J. Sahagun - *Dios, horizonte del hombre*. Madrid: B.A.C., 1994. p. 208.

que quem determina o valor é o comprador. E contrariamente a Cícero, afirma que o ser humano faz parte do mundo das coisas, deixando de ter uma posição privilegiada⁶⁴. Quem exerce o cargo público é que tem valor, honra e dignidade, porque tem poder. A dignidade para Hobbes não é nenhum valor pessoal, pois esta relacionada com poder e domínio. Quem não tem poder não tem dignidade (quem não tem domínio não tem dignidade). Relaciona a dignidade da pessoa em conformidade com as variações do mercado. A sua visão restringia-se apenas a dignidade extrínseca.

Contudo, o grande impulso histórico na compreensão da dignidade é dado por Kant (1724- 1804), que destaca a dignidade como qualidade insubstituível da pessoa humana, onde a pessoa não é meio, mas fim em si mesmo. A pessoa não pode ser vista como instrumentalização, não pode ser substituída por outra, ao afirmar: “os entes racionais, ao contrário, denominam-se pessoas, pois são marcados, pela própria natureza, como fins em si mesmo”, para todo o homem “ser respeitado como fim absoluto em si mesmo”⁶⁵. As coisas têm preço, as pessoas têm dignidade, isto é, têm valor absoluto. E portanto, “no reino dos fins, tudo tem um preço ou dignidade. Quando uma coisa tem preço, pode ser substituída por algo equivalente; por outro lado, a coisa que se acha acima de todo o preço, e por isso não admite qualquer equivalência, compreende uma dignidade”⁶⁶. A pessoa não possui simplesmente um valor relativo, um preço, mas sim um valor intrínseco, a dignidade.

Para Kant a moralidade, e a humanidade enquanto capaz de moralidade, são as únicas coisas que têm dignidade. Esta fundava-se na liberdade racional, independente do seu contexto social (contudo revela-se insuficiente).

No entanto, Kant acerca do sofrimento refere-se ao estoicismo dizendo: “porque a dor não diminuía em nada o valor da sua pessoa; o que resultava diminuído era o valor do seu estado.”⁶⁷ As características do sofrimento proporcionam ao homem um caminho necessário a ser percorrido. Existe um reconhecimento do homem como valor infinito, valor primordial. O homem é fundamento do próprio direito atendendo à sua dignidade. Isto traduziu-se no aparecimento dos direitos individuais⁶⁸.

As teorias evolucionistas e materialistas conduziram ao conceito de pessoa como ser de direitos individuais. Nessa sequência apareceu a declaração dos direitos do homem

⁶⁴ Cf. NEGT, Oskar - Lo irrepitible: câmbios en el concepto cultural de dignidade. *Concilium*. 300. 2 (2003) p. 209.

⁶⁵ KANT - *Fundamentação da Metafísica dos costumes*. p. 68.

⁶⁶ *Ibidem*.

⁶⁷ IDEM - *Critica da Razão Prática*. S. Paulo: Edições brasil editora, 1959. p. 123.

⁶⁸ Cf. ÀLVAREZ PEREZ - Ser humano-pessoa: planteamiento. p. 28.

e do cidadão que foi anunciada em 26 de agosto de 1789, em França, e que declarava o direito dos homens com base na dignidade da pessoa humana. A partir de então os estados começam a fundamentar os seus direitos na dignidade humana, e esta começa a ser entendida como um valor universal.

Karl Rahner refere que a “dignidade significa dentro da variedade e heterogeneidade do ser, a determinada categoria objetiva de um ser que reclama – ante si e os demais – estima, custódia e realização. O último termo se identifica objetivamente com o ser de um ser... essencial da metafísica”⁶⁹. Fala da autotranscendência como: “a essência da criatura espiritual consiste nisso, o supra-essencial, o que a transcende, é o elemento que lhe confere estabilidade, significado, futuro e movimento último de forma tal, porém, a existência da criatura espiritual, que lhe pertence como tal, não resulta por isso diminuída, mas exatamente adquire o seu último valor e consistência e progride”⁷⁰. A pessoa como ser histórico e finito é capaz de se abrir à transcendência, um ser direcionado ao absoluto.

Esta abertura e referência ao transcendente projeta a própria dignidade do ser humano, na medida em que existe alguma referência do ser absoluto no humano finito. O ser humano é o único capaz de acolher a revelação,⁷¹ capaz de uma essência de estar aberto e compreender a transcendência do ser, do ser absoluto. Porque o ser humano é espiritualmente capaz de enquadrar a revelação de Deus, que ocorreu na historicidade humana⁷², possibilitando a compreensão da dignidade humana na relação do absoluto.

Então a dignidade é consequência de um ser que se conhece, como sujeito e que se apreende, o ser conhecido como limitado, que atinge o ser enquanto em si ilimitado. Aqui se funda o conhecimento explícito da nossa transcendência, da dignidade de pessoa humana e da nossa abertura para o ser absoluto que é Deus. Usando uma expressão de Karl Rahner: uma “antecipação abstrata.”⁷³

⁶⁹ RANHER, K. - Dignidade e liberdade do homem. In *escritos de teologia*, oc. II. p. 245-246.

⁷⁰ IDEM - Compimento transcendente e immanente del mondo. In “*Nuovi Saggi*”. Roma: Paoline, (1969) p. 679.

⁷¹ O método antropológico-transcendental de Rahner consiste em trazer a reflexão do ser humano para a teologia, a partir da experiência humana na relação com o transcendente, no rebuscar de Kant e da metafísica aristotélico-tomista, como condição de possibilidade da abertura ao transcendente do homem. Remete a teologia da condição de uma ciência estática, que só apresentava factos histórico-salvíficos ou com meros conceitos para uma teologia da experiência.

⁷² Cf. RANHER, K. - *Teologia e antropologia*, 1969. p. 9.

⁷³ Cf. RAHNER, Karl - *Escritos de Teologia II*. 2ª ed. Madrid: Ediciones Cristiandad. S. A., 2002. p. 232. (O autor define dignidade humana como: 1) – Dentro da variedade do ser que reclama – ente si e ente outros – estima, custódia e realização. 2) – Que é própria do homem, que se deduz da razão e da revelação. p. 232-241.)

Também Pannenberg contextualiza a dignidade da pessoa humana na correlação⁷⁴ com a dignidade de Deus. Jesus é o protótipo da pessoa humana, fundamento da sua liberdade e relação com Deus onde encontra a sua plenitude como esperança escatológica.

Apresenta o homem representante da soberania de Deus sobre a criação, como totalidade, pois a identidade humana vai mais além da realidade humana, sendo o seu ponto culminante a realização do homem com Deus. O que o faz proclamar o valor infinito do ser humano, porque o homem tem na sua natureza traços de Deus. Neste campo a pessoa humana reitera a sua dignidade.

Faz uma relação direta e recíproca da dignidade na abordagem da pessoa como liberdade, como autotranscendência e como sujeito de relações, porque só na liberdade é que o ser humano se relaciona com o absoluto. O ser humano emerge para a totalidade da sua existência numa relação com o “eu” e com o transcendente. A pessoa é vista na sua dimensão espiritual sendo a categoria do espírito parte integrante do ser pessoa. O ser humano criado à “imagem e semelhança” significa que se realiza no homem durante a sua vida, o que lhe permite autoconstruí-lo como ser humano.

O magistério da Igreja é de uma grande e profunda riqueza nesta matéria de dignidade. Porque tem procurado que a sociedade interiorize a realidade da dignidade da vida humana como razão fundamental, de forma a estruturar a mentalidade social, na procura do bem e da defesa da vida humana e do bem social.

A defesa da dignidade, desde sempre, esteve presente em toda a documentação da Igreja, nomeadamente nas políticas laborais, como foram as encíclicas: *Rerum Novarum* em 1891 do Papa Leão XIII, as cartas encíclicas *Quadragesimo Anno* de Pio XI em 1931 e a *Mater et Magistra* de João XXIII em 1961.

Mas o principal documento nasce do Concílio Vaticano II, como referência incontornável na história da Igreja, que é a “*Gaudium et Spes*”⁷⁵, que procura refazer, atualizar e contextualizar a perspetiva bíblico-teológica da “imagem”, de forma a proporcionar à humanidade uma nova forma de olhar o homem e o mundo. Procurando explicitar que a dignidade da pessoa é fundamentada na “*imago dei*” como um ponto de referência para o progresso da humanidade.

O ponto de partida, para o aparecimento dos principais e renovados elementos da dignidade da GS, foi dado no mote da abertura do concílio, com o Papa João XXIII a

⁷⁴ Cf. PANNENBERG, W. - *Antropologia en Perspectiva Teológica. Implicaciones religiosas de la teoria antropológica*. (Trad. por Miguel Garcia-Baró). Salamanca: Ediciones sígueme, 1993. p. 71-77.

⁷⁵ CONCÍLIO VATICANO II - Braga: Editorial A.O., 1979¹⁰. “*Gaudium et Spes*” Constituição Pastoral. p. 343-418. Daqui em diante, este documento será identificado com a sigla GS.

declarar que: “a Igreja não oferece aos homens de hoje riquezas caducas, nem lhes promete uma felicidade só terrena; os faz participantes dos bens da graça divina, que eleva os homens à divindade de filhos de Deus, converte-se em poderosíssima defesa e ajuda para uma vida mais humana; abre a fonte da sua doutrina vivificante que possibilita aos Homens, iluminados pela luz de Cristo, compreender bem aquilo que são realmente, a sua excelsa dignidade e o seu fim”⁷⁶. Como vemos, existe um sinal claro de que os documentos do Vaticano II procuravam trazer à sociedade um pensamento renovado, de uma riqueza extrema, para uma consolidação e cristalização da dignidade.

A *Gaudium et Spes* salienta que o fundamento da relação entre a Igreja e o mundo é a dignidade da pessoa humana, a comunidade dos homens é o sentido profundo da atividade humana. Portanto, “para a iluminação deste mistério o concílio conta com um ponto de partida, que é a definição bíblica do homem como imagem de Deus (n.12,3), e um ponto de chegada que é o mistério do verbo encarnado (n. 22)”⁷⁷. Apesar das “alegrias e esperanças, tristezas e angústias do homem contemporâneo (Cf. GS 1) não deixa de ter um Deus caminhante e revelador de uma relação de proximidade e até de intimidade com o próprio homem, acolhendo as suas alegrias e as suas angústias”. A própria Igreja é reveladora do amor sofrido de Cristo pelo homem, que não abandona a sua condição de fragilidade, mas chama “os homens à filiação divina, e inaugura a nova criação”.

Este documento da GS faz um alerta constante à promoção da dignidade da pessoa humana (n.1), por seu lado esta dignidade tem o seu fundamento em Deus que o criou (n. 2). A “imagem” continua a ser a categoria principal, mas agora é revelada como “*imago Christi*”, “*De homine ut imagine Christi*”, isto é o homem como imagem de Cristo, onde “a imagem de Deus resplandece na natureza humana pela inteligência, liberdade e consciência moral. Porque apesar desta imagem obscurecida e deformada pelo pecado, foi maravilhosamente restaurada por Cristo, ‘que é imagem de Deus invisível, primogénito de toda a criatura’”(Col 1,15) (n. 5).

Neste sentido, a realidade de compreensão antropológica começa a ser desenvolvida em chave cristológica. Pelo facto, de Cristo ter iluminado o mistério do homem, restaurou a relação e a “imagem de Deus” (GS n. 11). Cristo é o revelador da revelação do Pai, mas também o redentor universal. E para restituir o esplendor original e a verdadeira dignidade Deus enviou o seu Filho, ‘nascido de uma mulher’ (Gal 4,4) ao mundo, que pela encarnação, a natureza humana foi elevada à máxima perfeição’. Assim,

⁷⁶ JOÃO XXIII - *Discurso na abertura solene do Concílio Vaticano II*, in AAS 54 (1962) 793.

⁷⁷ RUIZ de la PEÑA, J. L. - *Imagen de Dios*. 2ª ed. Santander: Editorial Sal Terrae, 1988. p.185.

Deus, no seu filho, reconheceu a sua “imagem e semelhança” existente no próprio homem (Cf. Gn 1,26).

Concretamente o n. 12 da GS reforça a ideia sobre a dignidade da vida humana, onde o homem criado à “semelhança” de Deus foi dotado de capacidade para amar o seu criador. No n. 14 refere-se à unidade psicossomática, “unidade de corpo e alma pela sua condição corporal” o homem é um todo em dignidade. Também no n. 16 destaca a ideia que o mais íntimo do homem é o sacrário de Deus, e que a dignidade do homem lhe advém da obediência a uma lei que ele descobre no seu coração, porque está presente no coração de todos os homens. Esta lei foi aí inscrita por Deus, e é por ela que o homem será julgado. Esta lei que podemos designar por “dignidade”, aquilo que é mais digno, aquilo que tem mais valor, aquilo que mais eleva o homem na sua intimidade com Deus. A dignidade é tão íntima do homem que mesmo o homem errando conscientemente não perde a sua dignidade.

Com efeito, o homem pode atingir a sua humanização de acordo com a sua dignidade inerente, na medida em que a referência: “Cristo o homem perfeito... Cristo o Senhor” (n. 20), procura uma conceção cristã do homem e dedica a Cristo, o homem perfeito, cuja luz ilumina o próprio mistério do homem, a sua humanidade. Porque Cristo revela na sua encarnação a revelação do mistério do amor do Pai e a plenitude do homem.

A GS afirma que a Igreja tem a missão de conduzir os homens até à verdade plena que se revela em Cristo, de forma a atingir a realização da vida humana em conformidade com a sua dignidade inerente, que foi dada por Deus e restabelecida em Cristo. A que o homem como mistério é reflexo do mistério de Deus (GS 22). Somos homens porque fomos criados segundo o modelo de Cristo. Assim, a natureza humana, em Cristo adquire a grandíssima dignidade.

A ideia diretriz inicial era a do homem criado à imagem de Deus. Esta imagem, deformada pelo pecado, é restaurada por Cristo, novo Adão, que redime, restaura e eleva o Homem à sua dignidade original. Diria mais, como que o eleva em dignidade tornando-o em dignidade de “filiação divina”⁷⁸. Porque Cristo, “Ele próprio perfeita imagem do Pai restitui a imagem de Deus ao homem” (GS 22), a sua própria imagem como filhos no Filho. Em Cristo tem a fundamentação ontológica da pessoa humana. Cristo, “verdadeiro Deus e verdadeiro Homem”, o único e perfeito mediador entre Deus e os homens, o verdadeiro Deus e verdadeiro homem, revela, no seu próprio mistério, o mistério de Deus

⁷⁸ Cf. GS 22.

e mistério do homem (GS 22). Assim, estamos perante um antropocentrismo e teocentrismo que só pode ser entendido por meio de uma teologia cristocentrica “porque Deus é amor” (1Jo. 48-16) manifestado em Cristo.

Cada homem em particular, enquanto valor único e irrepetível, tem dignidade absoluta e irreduzível, fundamentada no próprio Deus e na vontade criadora, retificada em Cristo. É a marca essencial do nosso ser “pessoa” que reporta para a dignidade inerente. Cristo revela e significa que o homem tenha sido feito à imagem de Deus, porque o homem atinge a sua perfeição em Cristo. Porque Deus criou o homem “n’Ele, por Ele e para Ele”. Cristo é apresentado, nesta perspectiva, como a renovação do homem e da própria humanidade. Ele é o homem novo, de modo a que o homem possa reconhecer por meio da revelação o Pai (Cf. nº 22). Isto dá-nos o sentido do mistério da recriação na encarnação e redenção onde o homem tem um caminho e meta a alcançar, ganhando o sentido pleno do seu ser pessoa, como ser de dignidade.

Da relação com Deus resulta a relação mais alta da dignidade da pessoa humana, (Cf. nº 27), que engloba o respeito da vida humana. Em que o homem é um ser pessoal enquanto é um ser de relação. O homem criado à imagem e semelhança de Deus tem aí a fonte da sua dignidade (GS nº 40). A própria reflexão teologia cristã remete o seu pensamento acerca do homem “criado à imagem de Deus”, procurando incutir no pensamento humano que o homem é digno porque foi criado à “imagem de Deus”. Procurando que o próprio direito humano deve “respeitar escrupulosamente a dignidade da consciência e a sua livre decisão” (GS 41). E nesta visão se declara que quem atenta a dignidade da vida humana atenta a própria civilização humana e o criador.

Daqui resulta que é à luz de Cristo que se compreende verdadeiramente o homem atual. Pois é à luz de uma antropologia integral que se compreende melhor os fundamentos da criação do homem à imagem de Deus e a sua vocação divina. Esta ideia do homem reforça a dignidade e igualdade de todos os seres humanos e oferece-nos uma base sólida da obra criadora e salvífica de Deus para a pessoa humana. A que, Cristo, como o verbo encarnado, pelo qual tudo foi criado é “o nosso salvador “ (n. 45), e aí o homem atinge a sua plenitude em Cristo, no “fim dos tempos” (n. 43 e 44), como a perfeita “imagem de Deus”.

A teologia antropológica na GS procura dar uma ideia clara de que só à luz de Cristo se pode ler e compreender completamente o homem, a sua vocação e dignidade. É no seu próprio sentido de sofrimento, que o homem encontra sentido para a sua existência e para poder realizar plenamente a sua vocação. Só à luz de Cristo se consegue

compreender os problemas atuais e do próprio sofrimento, dando sentido a uma existência do homem com dignidade.

Portanto, o magistério da Igreja, por meio do Concílio Vaticano II, ajuda o mundo a redescobrir a realização integral do homem, do ser pessoa, inserido numa teologia da dignidade centrada no mistério de Cristo. A GS apesar de esquecer um pouco o sacrifício da cruz, acaba por ressaltar a dignidade da redenção dos homens operada nessa mesma cruz. Assim, apresentando ao mundo uma antropologia que procura ajudar a compreender a dignidade do homem na profundidade do seu mistério, e pretende clarificar a sua condição de ser homem criado à imagem de Deus, de tal forma a que o homem possa atingir a sua plena realização.

Após o Concílio Vaticano II, sempre existiu uma preocupação dos Papas na defesa da dignidade humana. Recordemos os Romanos Pontífices João XXIII, na *Pacem in Terris*; Paulo VI, na *Populorum Progressio* (1971) e a Carta Apostólica *Octagesima Adveniens* (1971); e João Paulo II na *Redemptor Hominis* (1979), a *Dives in Misericordia*, a *Laborem Exercens* (1981), a *Sollitudo Rei Sociales* (1987), a *Centesimus Annus* (1991) e na *Tertio Millenio Adveniente* (2000).

A publicação da *Redemptor hominis* de João Paulo II trata da redenção do homem operada por Jesus Cristo, na medida em que revela o homem ao próprio homem. Assim, “esta é a antropologia da redenção, desenrolada na *Redemptor hominis*, o outro polo é o mistério da criação, donde se nos revela que o homem é ‘imagem de Deus’. A definição cristã do homem tem assim um ponto de partida e ponto de chegada. Parte de que o homem é imagem de Deus e culmina no novo homem, Jesus Cristo”⁷⁹. Entre a criação e a redenção existe o mistério do pecado que deteriora a relação e aparece o sofrimento e a morte, mas em Cristo Deus restitui o homem mais que a sua originalidade.

Na *Laborem Exercens*, o Papa defende a dignidade da pessoa através do trabalho como um bem do homem, que embora um bem “árduo” não impede que seja um bem do homem, um bem “útil” de que se pode usufruir; é um bem digno porque corresponde à dignidade do homem, exprime e aumenta; é um bem da humanidade porque mediante o trabalho, o homem não somente transforma a natureza, mas também se realiza a si mesmo como homem e até, num certo sentido “se torna mais homem”, porque o trabalho como dom de Deus ajuda ao homem a imitar Deus e recriar.

⁷⁹ LORDA - *Antropología, del concilio vaticano II a Juan Paulo II*. p. 143-144.

Contudo, existe a preocupação do Papa para que o homem no seu trabalho não venha a sofrer uma diminuição da sua dignidade. Porque “há muitas maneiras e possibilidades de usar o trabalho contra o homem. Daqui a necessidade de unir a laboriosidade como virtude à ordem social do trabalho, para permitir ao homem que trabalha ‘tornar-se mais homem’”⁸⁰, mais digno.

Na carta Apostólica *Salvifici doloris* descreve por excelência o sofrimento humano, que é libertado no sofrimento de Cristo, referindo: “a Igreja, que nasce do mistério da redenção na Cruz de Cristo, deve procurar encontrar-se com o homem, de modo especial, na estrada do seu sofrimento. Nesse encontro, o homem “torna-se o caminho da Igreja”, sendo este um dos caminhos mais importantes”⁸¹.

No entanto, existe uma certa identificação entre o mal e o sofrimento, que de certa forma coloca a questão de Deus, que se torna uma questão humana, mas também uma questão para a teologia. Numa procura de dar ao sofrimento uma visão pedagógica, para despertar à conversão numa descoberta do rosto misericordioso de Deus, onde o homem restaura a sua dignidade. Esta consciência pode levar o pecador a restaurar a confiança na relação com Deus e com os outros.

Mas o objetivo de fundo é procurar dar sentido redentor do sofrimento humano, pretendendo encontrar o remédio no filho redentor, que traz ao homem o alento e a esperança, com a expressão: “que o homem não pereça... mas tenha a vida eterna”. Porque é precisamente neste sentido de “vida eterna” que se encontra o “remédio”, como fonte de redenção para o sofrimento e a restituição plena da dignidade humana.

Concretamente a vida de Cristo teve a missão de libertação definitiva do sofrimento e restituir o homem à graça de Deus, à sua dignidade, porque assumiu a condição humana, assumiu o próprio sofrimento, sobretudo numa relação sana para com os que mais sofrem, caminhando para o carácter redentor que se dá precisamente na ressurreição e “vida eterna”, onde o homem encontra a plena dignidade.

É precisamente no sentido do sofrimento de Cristo, que morreu na cruz, que Deus manifestou o seu amor infinito pela humanidade, de tal forma que esta procure o sentido para o sofrimento aliada ao caminho de amor do próprio Cristo, como o bom Samaritano que “não passa adiante”, mas “se compadece, aproxima-se... liga-lhe as feridas... e cuida

⁸⁰ JOÃO PAULO II - “*Laborem Exercens*”, *Carta Encíclica sobre o trabalho humano*. Texto e comentário (Comentário de Mário Santos). 9ª ed. Lisboa: Edições Paulistas, 1989, p. 40.

⁸¹ JOÃO PAULO II - “*Salvifici Doloris*”, *Carta Apostólica sobre o sofrimento humano*. Roma, 11 de Fevereiro de 1984. nº 3.

dele”⁸² (Cf. Lc 10, 32-34). Portanto, no seguimento de Cristo o homem, só na vivência desta esperança e amor encontrará sentido para o seu sofrimento e dignidade.

Na encíclica *Evangelium Vitae* (25 de março de 1995), expressa a sua preocupação na defesa intransigente da cultura da vida, em oposição à cultura da morte (n. 21). Procura contagiar o mundo para tomar consciência de que não se pode perder o sentido da vida nem o sentido de Deus, caso contrário perde-se o próprio sentido do homem e da sua dignidade. Porque “as várias declarações dos direitos do homem e as múltiplas iniciativas que nelas se inspiram indicam a consolidação a nível mundial de uma sensibilidade moral mais diligente em reconhecer o valor e a dignidade de cada ser humano enquanto tal”⁸³ (n. 18).

Também salienta: “perdendo o sentido de Deus, tende-se a perder também o sentido do homem, da sua dignidade e da sua vida; por sua vez, a sistemática violação da lei moral, especialmente na grave matéria do desrespeito da vida humana e da sua dignidade, produz uma espécie de ofuscamento progressivo da capacidade de enxergar a presença vivificante e salvífica de Deus”⁸⁴ (n. 21), que se revela em Cristo como fonte de sentido da vida humana. Acresce que: “o homem perde o sentido não só do mistério de Deus, mas também do mistério do mundo, e do mistério do seu próprio ser”⁸⁵ (n. 22). Isto, torna difícil encontrar as referências para fundamentar o respeito e a dignidade humana. Claramente que “ao homem se lhe concedeu uma altíssima dignidade, que tem as suas raízes no vínculo íntimo que o une ao seu criador, no homem se reflete a realidade mesma de Deus”⁸⁶ (n. 34), que tem que ser defendida pela defesa e sentido que dá à vida em Cristo.

João Paulo II na *Veritatis Splendor* reafirma que a Igreja, que é perita em humanização, está ao serviço de cada homem e do mundo. Por isso, podemos realçar que tem uma palavra credível, que deve ser escutada pelo próprio homem e pela sociedade, como uma luz e fonte de orientação para o progresso da própria humanidade. A missão da Igreja é de apontar caminho. Mas haverá razão de ser para a Igreja de apontar caminho? Em primeiro lugar como um mandato de Cristo, no seguimento do seu fundador; Em segundo lugar como um bem que se apresenta à humanidade e esta o reconhece como um bem. Contudo a sociedade, até poderá não seguir as pisadas desse caminho de

⁸² Cf. Lc 10, 32-34 .

⁸³ JOÃO PAULO II - “*Veritatis Splendor*” (Carta Encíclica de 6 de agosto de 1993) n.18. Daqui em diante este documento será identificado com a sigla *VS*.

⁸⁴ VS 21.

⁸⁵ VS 22.

⁸⁶ VS 34.

humanidade, mas reconhece-o como um bem maior. O princípio de um bem maior é fundamento para a ação da Igreja. Porque “é no íntimo do homem que reside a sua dignidade, por ser o lugar onde ‘Deus fala ao homem’”⁸⁷(VS 58).

A dignidade é uma realidade inscrita no coração do homem por parte do criador. É esta imagem como que a marca da sua autonomia. O rosto como imagem, não se limita só ao rosto mas a toda a dimensão do homem. A imagem que parte deste rosto visível de Deus, da sua semelhança, é algo que está profundamente relacionado com Deus. Esta dignidade que se inscreve na semelhança de Deus, no próprio ser humano, na própria pessoa.

Daqui resulta que a dignidade é como lei divina, daquilo que existe de mais sublime e divino inscrito no homem. É partindo do princípio da dignidade da pessoa que se poderá buscar a verdade e a dignidade da maturidade e responsabilidade do ser humano pela outra pessoa, por si mesma e pela sociedade⁸⁸ (VS 62).

No entanto, será a dignidade a razão de ser de todas as tomadas de decisões do próprio homem e da própria humanidade? A dignidade humana é o ponto de referência para o respeito da pessoa humana, para as suas relações sociais e justificar os seus direitos e caminho a seguir. Ao ponto que, mesmo quando erra por ignorância, não perde a dignidade. Enquanto a consciência culpavelmente errônea compromete a sua dignidade (VS 63), em Cristo, que se oferece pela humanidade (cf. Heb 9,14), dá-se como sofrimento e oferecimento⁸⁹, restituindo e eleva a humanidade à dignidade originária.

Nos discursos das viagens apostólicas, do Papa João Paulo II, fazem-se constantes apelos à dignidade, denunciando os crimes contra a dignidade da vida humana, reafirmando sempre que a vida humana é sagrada desde o momento da sua conceção, onde a própria dignidade está incrementada.

O Papa João Paulo II foi um grande e acérrimo defensor da pessoa, da sua dignidade e vida humana. Durante todo o seu papado, não se cansou de lutar por esse valor supremo que tem como base a dignidade de cada pessoa. Foi um exemplo vivo de amor à vida e às causas da dignidade da vida humana. Pois, está ainda na memória de todos nós o grande sacrifício e testemunho que deu da sua própria vida, levando-a mesmo até ao limite. Dizendo com o seu exemplo da sua vida que o sofrimento é uma realidade

⁸⁷ VS 58.

⁸⁸ Cf. VS 62.

⁸⁹ A raiz da palavra sofrimento vem do latim *sufferre* (sofre + mento), que significa levar para baixo. A raiz da palavra oferecimento, *offerescere*, incoat. de *offerre* (oferecer + mento), significa elevar, ofertar, dádiva. Conceitos que entram em contradição. Mas em Cristo pelo sofrimento se faz o oferecimento da dádiva ao Pai.

que significa oferecer algo de mim por outro, é oferta da minha vida. O sofrer é sempre um sair de si, este sair de si é sempre um oferecimento. Oferecer a sua própria dignidade para fazer brilhar a dignidade que há no outro.

O pontífice Bento XVI constantemente foi desenvolvendo o seu pensamento em várias intervenções na defesa da vida humana, nomeadamente na Encíclica *Caritas in veritate*, no n. 28, 32, 34, 35, e na *Spe Salvi* (2007) e na Encíclica *Deus caritas est* (2005), defendendo o valor da vida humana como inabalável (nº 11, 12)⁹⁰, que deve ser dignificada em todos os sentidos.

Nos seus discursos procurou revelar constantemente a preocupação do magistério na defesa da dignidade da vida humana, como valor basilar e primordial: “o homem não é perfeito em si mesmo; o homem da relação; é um ser em relação. Seu cogito não pode cogitar toda a realidade, necessita da escuta, da escuta do Outro com maiúscula, de Deus. Só assim se conhece a si mesmo, só assim chega a ser ele mesmo.”⁹¹ O homem conhece-se na relação com o outro e com Deus. O saber escutar o outro é uma realidade reflexiva sobre si, do conhecer-se com dignidade e reconhecer a dignidade do outro e a de Deus, como fonte da sua própria dignidade.

O Papa Francisco refere na *Evangelii Gaudium*: “ninguém nos pode tirar a dignidade que este amor infinito e inabalável nos confere”⁹² (EG n. 3), a que a dignidade está onde está a pessoa, faz parte do seu ser, é dom de Deus que ninguém pode retirar.

Os Papas sempre estiveram atentos aos novos problemas e conjunturas mundiais, exortando fiéis e não fiéis, todo o homem e a humanidade a defender o valor intrínseco da vida e da dignidade humana.

O novo Código de Direito Canónico (CIC) promulgado no ano de 1983, que é uma referência no direito da Igreja, especifica os direitos e deveres dos cristãos para a defesa da vida humana, tendo como ponto de referência a dignidade concedida por Deus à pessoa (c.208-223 e c. 1398). O c. 768 §2 aconselha e reforça a ideia de que os pregadores da palavra exponham aos fiéis a doutrina do magistério da Igreja acerca da defesa da dignidade e liberdade da vida humana. Reconhecendo a dignidade da pessoa humana e os direitos e deveres fundamentais como a realidade primordial da sociedade. Neste sentido a Igreja deverá estar ao serviço da sociedade humana, na defesa dos seus valores fundamentais.

⁹⁰ BENTO XVI – “*Caritas in Veritate*” (Carta Encíclica de 29 de junho de 2009). Braga: Editorial A.O, 2009. p. 20-21.

⁹¹ IDEM - Discurso na clausura do EE.EE. no Vaticano, em 27-2-2017.

⁹² PAPA FRANCISCO – “*Evangelii Gaudium*”, *Exortação Apostólica*. 2013. nº 3.

O Catecismo da Igreja Católica (CCE) no n. 357 fala da importância da “pessoa por haver sido criada à imagem de Deus”. E na terceira parte aborda o capítulo dedicado à dignidade da pessoa humana: “a dignidade da pessoa humana implica e exige a retidão da consciência moral.”⁹³ Para a seguir no n. 1706 referir: “mediante a sua razão, o homem conhece a voz de Deus que o impele a fazer ... o bem e a evitar o mal”⁹⁴. Todos devem seguir esta lei que respeita a dignidade pessoal e do próximo.

O exercício da vida moral atesta a dignidade da pessoa, por isso nunca se pode agir contra o bem comum. No n. 2270 defende que a vida humana deve ser respeitada e protegida de modo absoluto, a partir da concepção. Desde o primeiro momento da sua existência devem ser reconhecidos a todo o ser humano os direitos da pessoa, entre os quais o direito inviolável da vida, nomeadamente de todo o inocente, procurando reforçar a ideia de dignidade.

Contudo só em 2004 com a publicação do compêndio da Doutrina Social da Igreja, fruto de um trabalho exaustivo do Pontifício Conselho de Justiça e Paz, se abriu uma nova etapa no que se refere à Doutrina Social da Igreja, no seguimento da GS, onde a concepção da dignidade não é apenas um valor aplicado à pessoa, é a realidade essencial da própria pessoa.

Se deduz que sempre que se concebe o conceito do ser pessoa está presente a dignidade, ela é intrínseca à própria pessoa e sua realização, a plenitude do seu ser. A própria natureza do ser pessoa já está confinada à própria dignidade como diferenciação dos outros seres e como selo ou marca da presença de Deus.

A Igreja pretende reforçar o significado da dignidade, por isso é preciso iluminar a inteligência e a reflexão humana, para consciencializar as pessoas, os povos e o mundo que a dignidade é o valor dos valores. O valor primordial a partir dos quais todos se encontram e fundamentam, de modo a que a humanidade descubra as potencialidades da pessoa humana e a sua inteira dignidade, a essência já do homem, justificação para o desenvolvimento da práxis.

Em resumo, na perspectiva Judaico-cristã e Islâmica, assim como na de outras religiões, Deus é a origem da vida, designada como dádiva, da qual devemos preservar o dom. Porém, no quotidiano são muitos os atentados contra a dignidade da pessoa humana, apesar de a pessoa dever ser olhada sempre como dom de Deus. Por isso, a Igreja está constantemente a referenciar, nos seus escritos a dignidade da pessoa, referindo-se à

⁹³ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1999. nº 1780.

⁹⁴ CCE. n. 1706.

realidade interna que diz respeito à natureza humana. A dignidade parte e fundamenta-se na natureza humana, naquilo que é essência da pessoa.

2.3. Duas perspectivas teológicas contemporâneas.

a) Adolphe Gesché.

Adolphe Gesché⁹⁵, na sua vasta obra, vem ao encontro da nossa temática, procurando refletir a pessoa humana e a sua dignidade a partir da obra: “Deus para pensar”. Partindo de uma visão da fé na criação, permite entender, a partir da reflexão teológico-bíblica, que o ser humano é criatura criadora, o que esclarece o sentido da existência humana, como imagem de Deus. Também faz referência ao problema do sofrimento, numa identificação com o mal, que desfigura o ser humano diante de Deus. Referenciando que o mal ou sofrimento se apresenta como castigo ao pecador, numa mentalidade fatalista.

Começa por lançar questões preocupantes: Como falar de Deus perante uma realidade tão desumana? Como posicionar a dignidade intrínseca do ser humano?

Gesché faz referência ao mal e ao sofrimento que afeta o homem e à origem da dignidade do ser humano, num contexto do homem crente, sempre vista numa perspectiva da fé cristã. Aborda ainda a questão do sofrimento, enquadrado na realidade do mal.

Na obra: “Deus para pensar,”⁹⁶ referindo as cinco formas de ver o mal: “*Contra Deum*” (Deus de forma direta e indireta é responsável pelo mal); “*Pro Deum*” (Deus é distinto, toma a defesa de Deus no problema do mal); “*In Deum*” (centra a questão no mal e não em Deus, mas a questão deve ser colocada em Deus); “*Ad Deum*” (inclui Deus, dirige-se a Deus); “*Cum Deum*”⁹⁷ (coopera com Deus).

Muitas vezes se argumenta, numa perspectiva negativa, a culpabilidade de Deus pelo aparecimento do mal. Mas, o problema do mal ou sofrimento deverá ser estudado com toda a clareza e grande capacidade de se questionar toda a realidade. Onde Deus terá o seu lugar? Muitas vezes o homem levanta esse problema para interrogar a Deus. Pois sabemos que o problema do mal/sofrimento destroça a imagem de Deus no próprio ser.

⁹⁵ Gesché, teólogo e filósofo francês com uma vasta obra e grande conhecedor da antropologia teológica.

⁹⁶ GESCHÉ, A. - *Deus para pensar – el mal – el hombre*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1995. p. 31.

⁹⁷ *Ibidem*.

Por isso, o homem constantemente se revolta contra Deus para assinalar a sua recusa perante o problema do mal.

Na verdade, Deus desde a criação se apresenta como um Deus responsável. Em que o crente não deve ter medo da realidade e interrogar o seu Deus de outra maneira. Necessita de o fazer através de uma abertura plena (ex.: Job), de uma sincera procura da verdade, ao encontro de Deus, sem discussões que só podem levar a mal entendidos. Mas, muitas vezes os crentes e não crentes se encontram na mesma ilusão de um procurar referenciar o mal a Deus. Deste modo, a fé do crente não se pode apoiar numa relação da lógica de Deus com o mal? Uns excluem a Deus por defeito (não há Deus) e outros por excesso (passam pela questão, que não importa). Ambos deixam o problema do mal à margem de Deus, “o que é uma pena”, por um lado se acusa e por outro se defende.

O Deus cristão não pede que o neguemos, mas também não quer que o deixemos à margem. Pelo contrário, quer que a questão passe por Deus, numa continuidade da criação. Qualquer questão deste tipo requer que seja tomada e passe por Deus. Não se trata de confrontar Deus, mas de ver a realidade total do ser humano numa relação com o criador.

Na referência “*Ad Deum*” o autor dá o exemplo do texto bíblico: “se for possível afasta de mim este cálix ... mas faça-se a tua vontade”⁹⁸ (Jo 10,1). Onde existe aceitação, existe a capacidade de compreensão do sofrimento. Pois, trata-se de um diálogo com Deus sobre a realidade do mal, do sofrimento. Não se trata de discutir com Deus, mas de com Deus encontrar o caminho do problema, “o que constitui a grandeza do homem vivo.”⁹⁹ É neste encontro com o transcendente que o homem se conhece, porque “o homem é fundamentalmente o ser que necessita da alteridade para compreender-se e medir-se”¹⁰⁰ (devo ver de todos os ângulos e de várias perspetiva). Desta forma, o mal deve ser combatido. Deus se coloca propriamente como adversário do mal, pois este é uma realidade que não faz parte do plano de Deus.

Na perspetiva de “*Cum Deum*”, o crente adota a lógica da fé. Até aqui era uma questão do homem, embora não isolado porque se procurava colocar Deus. Agora é uma questão de Deus, que é uma pergunta sua. De um Deus que permitia o mal, passa a ser ele a escandalizar-se com o mal, a combater o próprio mal. Deus passa a ser um sujeito ativo no combate ao mal.

⁹⁸ Jo 10,1.

⁹⁹ GESCHÉ - *Deus para pensar*. p. 31.

¹⁰⁰ *Ibidem*, p. 32.

A própria sagrada escritura apresenta Deus como o inimigo do mal: “a resposta da escritura é formal: o mal que surpreendeu toda a criação não deve dar lugar ao mínimo compromisso e deve ser combatido imediatamente. E Deus se apresenta imediatamente”¹⁰¹ *Cum Deum*”. O homem descobre que o combate que empreendeu o leva a cabo com Deus.

Contudo, numa perspectiva de fé visível “depois do grito terrível da cruz e a descida do seu Enviado aos enfermos, Deus se apresenta como o terrível adversário e vencedor. Por conseguinte, não só o grito do homem não é ilegítimo, não somente coincide com o mesmo clamor de Deus, sim que permite a Deus manifestar-se absolutamente como é”¹⁰². Deus perante o sofrimento é o primeiro que se sente afetado e o quer combater, porque “o mal não é uma objeção contra Deus, mas sim Deus é que se converte numa objeção contra o mal”¹⁰³. Dá como exemplo disso, o texto bíblico de Job 42,5, onde Deus misericordioso se põe do lado das vítimas.

Em sentido oposto diríamos que o próprio mal primeiramente afeta a Deus. Pensemos então, que o grito do homem é legítimo diante de Deus, pois permite revelar o verdadeiro rosto de Deus “incluindo o sofrimento, como um grito puro, justo e espontâneo.”¹⁰⁴ Diríamos que esta questão nos ajuda a iluminar sobre Deus, na medida em que Deus está metido na causa¹⁰⁵. O cristianismo introduz Deus na questão do mal de forma a salvar o homem.

Portanto, não existe justificação para o mal. Expõe em três exemplos: primeiro descritivo, segundo sistemático e terceiro teológico prático. Como se pode combater o mal? O mal é algo irracional, em que no plano da criação não tem nenhum lugar. O mal ao desviar o homem do seu destino divino deve ser combatido, através da justiça e solidariedade, no contexto salvífico. Porque o homem foi criado para a felicidade, precisa da salvação para viver a sua felicidade.

Em Jesus Cristo, Deus na cruz compreendeu o sofrimento do homem. E quando assumiu a natureza humana e se fez homem, colocou-se dentro da questão, isto é sofredor. Em contrapartida sendo sofredor enfrentou o sofrimento, tornando-se solidário com aqueles que sofrem, lançando o homem na esperança de uma vida de solidariedade.

¹⁰¹ *Ibidem*, p. 37.

¹⁰² *Ibidem*, p. 37-38.

¹⁰³ *Ibidem*, p. 39.

¹⁰⁴ *Ibidem*, p. 42.

¹⁰⁵ Cf. *Ibidem*, p. 44.

Neste campo, cabe dizer que é pensar Deus que o homem pode enfrentar o problema do sofrimento. Exemplo disso é que Jesus devolveu à samaritana a sua dignidade de vida (ex.: Parábola do filho pródigo). Jesus sem se preocupar com a culpa oferece a salvação no amor de Deus. Numa caridade que pode ser partilhada por toda a humanidade, como meio de superar o sofrimento (sem sofrimento não sei se haveria amor?). Cristo é o mediador salvífico do ser humano na história.

A partir da criação estabelece a relação do ser humano com o divino. Nela não vê conflito para a autonomia humana, pois pelo contrário permite descobrir o outro da relação. A alteridade e liberdade são elementos chave para essa relação da revelação de Deus, onde o ser humano se torna capaz de se relacionar, amar e desejar Deus. Apontando o diálogo e a relação do ser humano com Deus, que se desenvolve através da fé, onde toda a realidade de relação humana/Divina se estrutura.

Apresenta o ser humano como o enigma, mas de um “ser criado criador”, com capacidade e autonomia própria para continuar a criar. É um ser em relação ao outro, ser de alteridade. Entendendo por alteridade um pressuposto que ajuda o homem na relação com o outro e que por sua vez emerge para um terceiro, para o transcendente. A alteridade é um elemento constitutivo da existência do homem. Porque, ser de alteridade, precisa de um segundo (próximo) e de um terceiro (Deus) para ser identificado.

O enigma do ser humano faz dele a realidade da sua existência. Um ser de inquietude, de buscas, de procura de sentido, o que leva o autor a falar da identidade humana, que o diferencia dos outros seres. O homem é o ser em perpétua busca da sua humanidade e do mistério que o envolve. Naturalmente “todos estão aqui para fazer sinal herdeiro da humanidade e transmitir suas riquezas.”¹⁰⁶

Reforça a ideia de Kant de como se mede o homem: “Que posso saber? Que posso fazer? O que me permite esperar? Pois, sabemos que não somos um animal, nem um ser de sobrevivência, mas “temos necessidade de iniciação que nos ilumine no labirinto do nosso passado e da nossa origem, para ser capazes do nosso futuro e de algo duvidoso. Ser de cultura, o homem é o ser que nasce aprendendo a sua humanidade, dizia S:Tomás.”¹⁰⁷ Para entendermos a existência precisamos da história da humanização, porque “nós estamos aqui para agregar gestos expressivos, portadores de sentido e da vida. Isto é o que esperamos uns dos outros”¹⁰⁸.

¹⁰⁶ *Ibidem*, p. 194.

¹⁰⁷ *Ibidem*, p. 205.

¹⁰⁸ *Ibidem*, p. 206.

No entanto, o autor frisa que o homem não se encontra só na racionalidade, iluminismo ou na ciência, nem no conhecimento e amor ao outro ou a si mesmo, mas também se deve pôr a questão de Deus. Porém não para resolver os problemas do nosso enigma, mas questão centrada no amor gratuito de Deus, para uma compreensão humano-divina.

Neste campo, “o crente não tem que abandonar os seus deveres de racionalidade. Porém ele está aí também para dizer que o homem, por mais que se construa com a racionalidade, o sentido, a afetividade e ação, tem que contar com outra coisa. Sem a função da ciência e da razão, o homem ficaria à mercê da sem-razão, do absurdo e dos falsos deuses. Sucumbiria à loucura. Porém existe a parte do infinito, do não-finito, e se um não o acolhe mal viverá.”¹⁰⁹ Porque o homem, pela racionalidade perspectiva, pela relação/afetividade necessita de abertura à transcendência.

O autor critica o excesso da racionalidade, pois é através da ação de relação que podemos garantir o reconhecimento da pessoa humana. O ser humano é colocado na direção da aprendizagem, e é nesta iniciação que o homem é capaz de recriar, de perceber o futuro. Significa que somos porque aprendemos, somos seres de cultura, somos seres “ensinados e ensinantes”¹¹⁰. A riqueza do homem é sem dúvida superior àquilo que se pensa, pois é ampla de sentido e nada a pode arrebatar.

Gesché defende que a teologia e a antropologia têm que se relacionar como ciências que se auxiliam mutuamente. A teologia tem como objeto Deus, mas também o homem, pensa Deus para melhor compreender o ser humano. Mas, a teologia não pode acabar na antropologia, tem que apontar para Deus, na medida em que é um discurso sobre Deus e também sobre o homem. A teologia é sempre antropocêntrica, porque não se compreende o homem sem Deus.

Esclarece que o homem só pode encontrar-se com Deus através de mediações: “a primeira e mais importante mediação é o homem, imagem e semelhança de Deus por excelência.”¹¹¹ A segunda, para os cristãos a revelação de Deus é dada por um homem Jesus Cristo: “quem me vê, vê o Pai.”¹¹² O homem que tem fé, que crê, comporta-se com uma atitude que vem de Deus, no exemplo de Jesus Cristo, que torna o ser como “*res sacra homo*”. Isto é, a pessoa como sagrada, que é por si mesma portadora de dignidade.

¹⁰⁹ *Ibidem*, p. 206.

¹¹⁰ IDEM, - *Ser humano*. p. 26.

¹¹¹ Cf. *Ibidem*.

¹¹² Jo 14, 9-10 .

Portanto, o ser humano na sua relação com o outro e na descoberta da sua responsabilidade é capaz de conhecer Deus, e na fé vivida consegue chegar a Deus e descobrir-se a si mesmo, procurando caminhar para um sentido na sua vida, como redescoberta da dignidade.

O autor remete para a destinação e finalidade onde o ser humano encontrará resposta para a sua própria existência, onde o homem “criado criador” é chamado por “natureza” a continuar a criação. Esta como um ato realizado por Deus, que é princípio, e por consequência o homem está nesta criação como algo mais elevado, porque criado na liberdade, que está no próprio ser, por ser uma liberdade metafísica,¹¹³ que lhe permite ir mais além de que simples criatura, na medida em que é chamado a participar da liberdade criadora. Neste sentido a liberdade no pensamento cristão é dom de Deus, porque é uma liberdade desejada e querida por Deus.

Falar de Deus é estabelecer a alteridade, como forma de identidade. O homem foi criado para ser criador, e é no uso da liberdade que realiza essa missão. Deus declara a seguir à criação do homem, para este dar o nome às criaturas, como missão na continuidade da criação. Assim, Deus imediatamente confia a criação ao homem, como responsável de continuar a criar (*Da-sein*¹¹⁴ - o homem não é ser aí). Portanto, “a nossa existência precede (*ek-siste*, fazer existir) a nossa essência, para chegar a ser o que somos, realizar na nossa existência à chamada da nossa essência: assim se concebe a antropologia cristã, a antropologia da criação”!¹¹⁵ Remetendo o homem identificado como ser re-criador.

Em Jesus Cristo a relação entre Deus e o homem tornou-se inseparável pela sua encarnação, e da qual, partir do olhar de Deus podemos conhecer melhor o ser humano. É também no outro que o homem reconhece Deus (Mt 25, 40), e é a partir de Deus que me reconheço como ser humano. É na pessoa de Cristo que conhecemos o Pai, e é na humanidade do filho que nos tornamos filhos de Deus. É numa relação íntima com Deus que o homem se desenvolve, tornando-se mais humano.

Faz referência às passagens bíblicas da vida de Jesus para reforçar a ideia de que o homem de fé é filho no Filho,¹¹⁶ reafirmando: “fizeste-o pouco inferior a um Deus”¹¹⁷ (salmo 8,6). Esta é uma definição quase divina do ser homem, onde o homem deve

¹¹³ A liberdade no pensamento grego e de algumas religiões orientais é conquistada aos deuses ou à natureza, enquanto na tradição judaico-cristã é uma liberdade desejada, a liberdade metafísica.

¹¹⁴ Termo de Heidegger, que significa “estar aí”.

¹¹⁵ GESCHÉ - *Deus para pensar*. p. 257 .

¹¹⁶ *Ibidem*, p. 288.

¹¹⁷ Salmo 8,6.

procura a sua identidade. É numa relação de profunda proximidade com Deus que o homem se desenvolve na vigorosa dignidade humana, que surge através da relação humano-divina.

Assim, o autor traz a perspectiva da revelação como o elemento construtor de uma identidade. Propõe pensar Deus dentro da identidade da fé cristã, na evolução da humanidade. Em que as dimensões do ser humano como: a razão, a afetividade e a ação, a técnica e a espiritualidade devem ajudar no processo de “vir-a-ser”, de forma a favorecer o crescimento e realização do homem, e a sua dimensão relacional com o divino.

Destaca a liberdade como realidade de dom de Deus e a encarnação como forma de compreender o ser humano. Porque nelas, Deus, no amor, revela o ser humano, que pela compreensão da fé, existem elementos para melhor compreender o ser humano, visto que nenhuma ciência esgota o mistério da fé e do ser pessoa. Sendo o ser humano sagrado diante de Deus, que do próprio Deus recebeu essa dignidade. Ele precisa de se redescobrir na sua humanidade, numa dinâmica divina da criação. De tal forma, que Deus concedeu a sua liberdade ao homem para se redescobrir. Porque “o homem não é puro pensamento (*zoon logikon*) e ação (*zoon politikon*), mas é também sentimento (*zoon pathetikon*), é vida e, por conseguinte afetividade.”¹¹⁸

O dom que o homem recebe do alto é o ponto de partida de todo o intercâmbio, de toda a relação. A comunicação leva-nos a descobrir o outro mas também a descobriremos a nós mesmos, a nossa prova, que resulta na própria fé e confiança no homem.

Concretamente, “a criação e a encarnação são, todos, atos de fé divina. E a imagem de Deus, o mais belo dom que, como cristãos, poderíamos dar uns aos outros, que consistia em dar a qualquer, começando por nós mesmos, essa confiança em si, fundada na confiança que Deus tem em nós... o homem descobre a maravilha que é (sua identidade) pelo facto de que Deus não só existe, não só o criou, sim também o visita.”¹¹⁹ Esta visita fundamentada nos milagres da vida de Jesus.

Faz alusão a que o homem foi criado para a felicidade, que é prova de um Deus que é feliz e quer o homem feliz. Contudo, perante o sofrimento e a dor pela qual muitas vezes o homem tem que passar (o sofrimento é uma experiência que compartilhamos com Cristo – F O’Connor). A felicidade foi assim muitas vezes abafada pela pregação da cruz e da necessidade de mortificação como forma de seguimento de Cristo. Contudo, na

¹¹⁸ GESCHÉ - *Deus para pensar*, p. 293.

¹¹⁹ *Ibidem*, p. 295. Podemos fazer um paralelismo com a visita frequente de Deus ao homem no paraíso e a visita de Cristo, em que na sua ação, milagres, continua a reestruturar a perfeição da criação.

criação, Deus criou o jardim para a felicidade do homem, o que significa que é um ser lançado por Deus no mundo para se realizar. A felicidade de Deus remete para a felicidade do homem por ser um dinamismo, um existencial indispensável ao homem¹²⁰.

Recordando S. Tomás, em que o fim do homem são as bem-aventuranças, afirma que o destino do homem é ser feliz. O homem é um ser para a vida, para a felicidade, na medida em que a felicidade está feita para o homem, que é reforçada com a famosa fórmula agostiniana: “*Delige, et quod vis fac*”¹²¹. Aqui está a fonte da felicidade a que o homem é chamado a viver, fundamentada no amor de Deus e no amor ao próximo e ao amor a si mesmo como imagem de Deus. Portanto, Deus não está ausente da nossa felicidade, pois na revelação Ele nos visita, e faz caminho com o homem. Em contrapartida este dá conta da sua visita pela vivência da sua fé.

É essencial compreender que pelo diálogo da criação, se revela a fé que Deus deposita no homem, que remete para uma relação pessoal com o homem, que significa que o homem é um ser de visitação, visitado pelo próprio Deus, e se o homem se abrir à alteridade do transcendente assegurada a visitação.

É proposta assim uma compreensão diferente do ser humano, uma perspectiva vista de Deus. Podemos dizer que Deus ama o homem e coloca essa dimensão divina no próprio homem, para que ele ame a Deus, a si e ao próximo, porque “Deus é que nos amou primeiro”. Aquele que chamou o ser humano à vida não cessa de se comunicar com ele, mostrando-lhe o seu caminho e o seu destino.

Sinteticamente, a autor apresenta o ser humano sempre à procura da sua humanidade e do mistério que ele guarda. Propõe conhecer Deus através da fé do ser humano, mas também conhecer o ser humano para quem Deus se dirige. Apresenta a revelação de Deus, referenciada na sagrada escritura e na tradição judaico-cristã, como meio para que o homem nas suas relações conheça o enigma próprio da sua existência, e na aceitação do enigma do homem que construímos a nossa identidade.

Na visão de Gesché, a realidade da fé, em oposição à ideia comum, é um ato de confiança de Deus no homem, que leva à possibilidade do homem descobrir essa confiança a partir de si e do outro (do próximo e de Deus). Porque é na alteridade que o homem descobre a sua profundidade como ser de dignidade, revelada como dom de Deus. Portanto, é o amor ao próximo que revela a salvação do homem, a felicidade, a realização,

¹²⁰ *Ibidem*, p. 305.

¹²¹ Tradução: “Se tu amas, não és enganado e farás boas ações”.

a descoberta crescente da sua dignidade, que são fundamentadas na fé de ser imagem de Deus, e acolhidas como bênção e dom de Deus.

Concluimos que a partir de Deus é que se reconhece a dignidade do homem. Dignidade humana que se deve desenvolver na relação de Deus com o homem e o homem entre si, sendo o mesmo responsável por ela.

b) Ruiz de la Peña.

Ruiz de la Peña, em toda a sua obra parte de dois pressupostos antropológico-filosóficos: o homem enquanto natureza e enquanto pessoa. Enquanto natureza o homem é portador de uma unidade psicossomática; enquanto pessoa o homem é portador de uma singularidade única e irrepetível. Estes pressupostos, na sua complementaridade, afirmam a totalidade da realidade humana. O homem não é algo, mas é alguém, não é só natureza mas também pessoa¹²². A categoria de pessoa, em termos teológicos, expressa a realidade da dimensão espiritual e traduz o conceito bíblico da “imagem” de Deus.

Enquanto, na obra: “A teologia da criação” salienta que não se pode colocar a questão de Deus e a questão do mundo em separado, uma implica a outra. Coloca a questão da existência do mal e sofrimento: como pode ser criação de Deus uma realidade que sofre e faz sofrer? Procura dar resposta através do diálogo entre a fé-ciência. Mas esse diálogo fica além do desejado. O homem é a coroação de toda a criação, com a missão de com-criador¹²³, onde lhe é conferida dignidade em relação às outras criaturas

Contudo, na obra: “Imagem de Deus”, no seguimento da GS, aborda o tema a pessoa e da sua dignidade como imagem de Deus. Refere que o homem não é algo, mas é alguém, é pessoa que foi criado à imagem de Deus, e em Cristo encontra a sua plenitude de criatura à “imagem de Deus”.

Na categoria da imagem de Deus se expressa a relação fundamental entre Deus e o homem, com capacidade do homem conhecer e amar o criador, pois dessa relação o homem reconhece a própria dignidade. Mas o mistério do homem e da sua dignidade esclarece-se melhor no Cristo encarnado. Partindo assim para outro pressuposto teológico da antropologia que é a centralidade da cristologia, onde o homem se compreende na realidade de Cristo, como “imagem de Deus”, o “homem perfeito”. Porque Cristo é a imagem perfeita de Deus e do homem, que pela encarnação se tornou o homem perfeito.

¹²² RUIZ DE LA PEÑA, J. L. - *Imagen de Dios. Antropología Teológica Fundamental*. Santander: Sal Terrae, 1988. p. 153.

¹²³ IDEM – *Teología de la creación*. 6ª ed. Bilbao: Editorial Sal Terrae, 1988. p. 45.

Deus por meio da encarnação e ressurreição, como consumação da encarnação, revela o mistério do homem, revela o ser humano em si mesmo e revela a sua plenitude por meio da encarnação. Nesta visão, a teologia revela a “imagem” na cristologia, que por sua vez, revela a “imagem” na antropologia. Desta forma, a antropologia deve ter presente a cristologia como interpretação da criação.

O homem como imagem de Deus, sendo embora um ser finito, é chamado ao infinito de Deus. Chamado a uma comunhão íntima com o criador. Porque em Cristo o homem restaura a imagem de Deus. Consequentemente, o respeito que se tem por Deus deve-se ter também pela sua imagem perfeita que é Cristo e pela imagem de Cristo que é o homem.

O autor reafirma que o homem ao ser a imagem de Deus beneficia de uma relação com o próprio criador. O ser imagem de Deus torna-o um ser de relação (relação com Deus, com o mundo e com os outros), mas “a primeira e fundante: é a relação a Deus. Pois, se o homem é criado como imagem de Deus, isto significa que Deus entra na autocompreensão do homem.”¹²⁴ Esta interioridade do homem remete para a transcendência. Porque, por natureza, o homem é um ser-de-relação, numa primeira relação com Deus e numa segunda relação com o outro seu semelhante, com o atributo de Deus para autocompreender o homem.

O homem como “imagem de Deus” é sinal de que Deus é fundamento do ser pessoal do homem e da sua própria dignidade. Pois, “o homem é um ser pessoal enquanto é um ser relacional: com a relação a Deus que fundamenta a sua identidade e por outro lado fundamenta a relação com o mundo (superioridade) e a relação ao tu (de igualdade)”¹²⁵. Sublima, assim, o valor irreduzível da pessoa humana.

A relação com Deus realizada na “imagem” que o homem é de Deus, traduz-se na dignidade do ser pessoa. Porque “quem venera e respeita a imagem de Deus, respeita Deus ainda que o não conheça explicitamente.”¹²⁶ De onde o absoluto de Deus projeta o absoluto relativo do homem. Portanto, confere algum valor do absoluto ao homem, sendo a pessoa um ser de dignidade irrefutável e inviolável. Portanto, ao homem é concedida uma maior dignidade,¹²⁷ que torna o imperativo ético das relações humanas regidas pela dignidade de cada sujeito.

¹²⁴ IDEM - *Imagen de Dios*. p. 176.

¹²⁵ *Ibidem*.

¹²⁶ *Ibidem*, p. 180.

¹²⁷ Cf. *Ibidem*.

No entanto, com a revelação, Cristo é “imagem de Deus invisível” (Col 1.15), centrada na universalidade da salvação de Cristo, em que Deus como que se compromete de forma irrevogável com a humanidade. É a partir do verbo encarnado (Cf. GS 22,3), pelo qual o homem é “imagem da imagem de Deus”, que “Deus fez o homem à sua imagem” (Gn 9, 1-6), então a perfeita imagem de Deus é o Filho. Assim, o homem foi feito à imagem do Filho, que veio ao mundo para restaurar essa imagem de si no homem. Portanto, Cristo é que realiza a relação pessoal de Deus com o homem. Contudo, a profunda identidade pessoal é sermos filhos de Deus no Espírito de filiação do próprio Filho. Isto é, é a partir da gratuidade, dom do Pai, revelada em Cristo que se determina a nossa identidade de filhos no Filho.

O autor faz uma crítica ao reducionismo existencialista e à reivindicação de uma base ontológica da pessoa. Renunciado aos reducionismos monista e dualista, seguindo o pensamento tomista da unidade ontológica da pessoa, do esquema hilemórfico (numa aproximação a Rahner) procura uma terceira via para falar da totalidade da pessoa: “a antropologia cristã não pode ser nem dualista nem monista. Será uma terceira via?”¹²⁸. Afirma o homem como dualidade não dualista e uma unidade não monista, com determinação recíproca de alma e corpo (seguindo Moltmann e Zubiri). Contudo, deixa a questão em aberto numa intenção de constante atualização, no seguimento do nº 14 da GS de que “o homem é um em corpo e alma” (*corpore et anima unus*).

Refere que a relação com o outro é uma relação corpórea e espiritual, como unidade, condição de abertura ao mundo e aos outros e onde está inscrita a abertura dialógica a Deus. Esta relação com Deus é na totalidade de todo o seu ser, em que a pessoa realiza-se como espírito encarnado e como corpo espiritualizado, e quando se realiza é na unidade relacional.

Neste contexto “a categoria cristã chave da esperança da vitória sobre a morte, é a ressurreição e não a imortalidade,”¹²⁹ pois esta deve ser entendida no contexto da ressurreição, de forma a entender o homem como um todo, por inteiro. Nesta linha de ideias, a relação é própria do ser pessoa, devendo-se a Deus, que criou o homem como “eu-tu”, a possibilidade de relação, e aqui radica o conceito de pessoa numa ontologia da relação fundamentada no mistério trinitário.

A encarnação revela a última verdade sobre o homem, o mistério do verbo encarnado revela a “imagem de Deus invisível”. Esta “imagem” do homem revela-se

¹²⁸ *Ibidem*, p. 92.

¹²⁹ *Ibidem*, p. 144.

verdadeiramente no mistério do verbo encarnado (Cf. GS 22) e em Cristo realiza-se plenamente a humanidade. Consequentemente “o homem é Cristo, e Cristo é imagem de Deus”¹³⁰ (Col 1, 15), na medida em que Cristo é revelador do Pai. Cristo é a imagem visível de Deus invisível enquanto reflexo do Pai. Cristo é como que o “protótipo” a partir do qual Deus Criou o homem.¹³¹ Porque em Cristo, Deus manifestou em si mesmo a forma definitiva do ser homem, caminho de perfeição. Cristo como imagem do Pai tem como objetivo revelar a vontade eterna de Deus acerca da criação e redenção.¹³²

O conceito Cristológico de imagem, em Ruíz de la Peña, deve ser compreendido no contexto neotestamentário, na medida, que “em Jesus Cristo, Deus se manifestou e comunicou de maneira definitiva, incondicionada e insuperável, pelo que Jesus entra em definição da essência eterna de Deus”¹³³. Portanto o acontecimento de Cristo é a consumação de toda a antropologia.

No contexto antropológico o ser “à imagem de Deus” (Gn 1,26), define a essência do homem, a sua especificidade. Pois, sendo Cristo a perfeita “imagem de Deus”, é n’Ele que está a autêntica essência do Homem. Cristo revela plenamente Deus e revela plenamente o Homem (*Cristo hipostatis*), porque o Filho é imagem de Deus invisível. E pela criação o ser “Imagem”, torna presente algo de Deus na finitude humana. Por meio de Cristo, o homem participa da natureza divina. Pela autocomunicação da vida divina, o homem em Cristo é chamado à filiação (Cf. Col 1,16-17).

Se Cristo fosse apenas “imagem de Deus” e não enquanto homem, não poderia restituir ao homem a verdadeira “imagem de Deus”. Não poderia restaurar a imagem de Deus no seu ser homem. Por conseguinte, o verbo de Deus ao fazer-se Homem divinizou-nos pela oferta do seu ser, para que os homens se tornassem filhos de Deus. N’Ele a graça de Deus proporciona a oferta da vida divina, que diviniza o homem humanizando-o.

Este Desígnio divino de divinização-filiação a partir já da graça da criação (Gn 2,7, “insuflou um espírito de vida”), embora, sendo uma realidade espiritual, o homem é criado, em todo o seu ser psicossomático, à imagem do verbo encarnado, que na ressurreição ganha a pessoalização em Cristo, que é a divinização/filiação em todo o seu ser pessoa. Assim a pessoa como “*imago Dei*” concretiza toda a realidade humano-divina de Cristo.

¹³⁰ Col 1, 15.

¹³¹ Cf. LADARIA - *Antropologia Teológica*. p. 22-23.

¹³² Cf. Fil 2,6

¹³³ Cf. KASPER, W. - *Jesus, el Cristo*. Salamanca: Sígueme, 1984. p. 215-216.

Ruiz de la Peña, tal como Gesché, faz referência à verdadeira liberdade como imagem divina no homem, sendo o ser pessoa ser livre¹³⁴ com uma liberdade situada. A liberdade surge do diálogo de alteridade de duas liberdades a divina e a humana.¹³⁵ A ideia de liberdade compreende assim três elementos: a religião, filiação adotiva e serviço aos irmãos desde o amor.¹³⁶ É na procura da liberdade que se encontra o valor da pessoa humana. A liberdade e a consciência são o que revela a irredutibilidade da pessoa e da transcendência face ao puro materialismo. É nesta liberdade que o autor coloca a questão de Deus como fundamento da própria liberdade e dignidade da responsabilidade humana.

No seguimento do conceito de ser de relação aborda o tema como ser pessoal e social. O homem só lucra em ser um ser social, na medida em que a sociedade é mediadora da personalidade.¹³⁷ Esta abordagem é retomada da sagrada escritura e da GS.

Resumidamente, Ruiz de la Peña procura fundamentar o valor único e irredutível da dignidade da pessoa humana, através da compreensão unitária do homem enquanto unidade psicossomática. Portanto, a pessoa não é redutível ao biológico ou a outras conceções antropológicas, ou apenas espírito, mas o valor único e irredutível radica na capacidade de transcender o biológico e personalizar-se. Recupera assim a ideia de alma argumentada na condição dialógica de ser imagem de Deus.¹³⁸

Desenvolve uma grande discussão científica na procura de um diálogo entre a fé e a ciência, deixando de olhar a fé alheia à ciência e deixando de olhar a ciência apenas como cientismo, procurando que no diálogo fé e ciência vá ao encontro da verdade do homem. Porém, o pensamento de Ruiz de la Peña tem alguma dificuldade em fazer um diálogo aprofundado e aberto com a ciência acerca da criação. Mas, talvez por capricho da ciência.

Concretamente, afirma: “só a memória inquietante da iminência da parusia pode liberar a Igreja para uma função libertadora. Só uma Igreja convencida da real proximidade do Senhor, que proclama de novo o “*Maranatha*” com a mesma ansiedade expectante dos testemunhos da ressurreição, rejeitará a tentação de transmutar-se em anjo de ordem estabelecida, subtrai-se a acomodação ou a conveniência, levanta a sua voz para denunciar profeticamente o pecado de desmesura em fazer passar por definitivo o que não

¹³⁴ Cf. RUIZ DE LA PEÑA - *Imagen de Dios*. p.187-193.

¹³⁵ *Ibidem*, p. 200.

¹³⁶ *Ibidem*, p. 201-203.

¹³⁷ *Ibidem*, p. 204-206.

¹³⁸ Cf. *Ibidem*, p. 179.

é mais que provisional.”¹³⁹Cumprir deste modo a sua missão evangelizadora e caritativa, incutindo os cristãos a não se acomodarem, mas a atuarem por meio de obras para humanizar, santificar e salvar. Desta forma é possível contribuir para a transformação dignificante da humanidade, que tem na “ressurreição de Cristo a causa da nossa ressurreição”¹⁴⁰ e na própria divinização cristalizar a dignidade humana.

2.4. A nova concepção da dignidade versus sofrimento na pós-modernidade.

O homem deste final do século é um homem inquieto por todo o tipo de saber. Questiona-se acerca de tudo, principalmente na sequência da evolução da biomedicina/tecnológica, porque “a tecnociência nos muda a vida”¹⁴¹. E como é um homem que anseia por conquistar cada vez mais a liberdade para ser capaz de gerir o seu próprio destino. O homem em si mesmo traduz uma realidade de perfeição, acompanhada por avanços e recuos. Até a própria ciência produz essa mesma realidade de perfeição, mas que mal aplicada pode provocar o caos no ser humano e em toda a vitalidade sobre o universo. Isso proporciona ao ser humano a necessidade de uma realidade de respeito pelo valor em si mesmo. Valor que a dignidade pode proporcionar ao mundo de hoje.

A realidade da dignidade tem razão de ser em si mesma, porque ela é intrínseca à pessoa, faz parte da sua essência. Tal como o sofrimento, na medida em que toda a pessoa se confronta com ele, quer de forma direta ou indireta, quer pessoal quer no outro. Embora seja uma realidade subjetiva, o outro nunca deixa de ser alheio a essa problemática. A dignidade e sofrimento estão como que entranhados no próprio ser pessoa.

Os autores da filosofia atual reivindicam o papel fundamental da pessoa portadora de dignidade como: Max Scheler (que refere “a pessoa é uma unidade de ser concreta e essencial de atos... exteriores e íntimos. Atos emocionais e volitivos”); Nicolai Hartmann, e o personalismo¹⁴² de Jacques Maritain; e Emmanuel Mounier (1970), em que “a pessoa não é exclusivamente espírito, sim um espírito encarnado”, destacando o carácter relacional da pessoa na relação dialógica de um eu-tu.

¹³⁹ IDEM - *La Pascua de la Creación*. Madrid: BAC, 1996. p. 155-156.

¹⁴⁰ *Ibidem*.

¹⁴¹ MASIÁ CLAVEL, J. - *Bioética y antropología*. Madrid: UPC, 1998. p. 15.

¹⁴² Personalismo é toda a doutrina que reafirma o valor superior da pessoa em relação ao indivíduo, a coisa ou impessoal. Opõem-se ao individualismo e impersonalismo.

O próprio Maritain diz claramente que a pessoa implica já de si uma dignidade absoluta, pelo facto de ter uma relação direta com o absoluto¹⁴³. A dignidade é a excelência de superioridade que o ser humano tem em relação a tudo. A dignidade pertence por natureza própria a todos os homens. Porque o ser do homem possui ontologicamente dignidade. Esta dignidade intrínseca depende exclusivamente da sua condição de pessoa e não da sua conduta ou comportamento. A dignidade é o ser por excelência, pelo qual todas as pessoas devem ser vistas.

Em consequência da evolução do pensamento da sociedade, a dignidade como inerente à condição da pessoa humana passa a ser garantia de direito na Declaração dos Direitos Humanos proclamada pela resolução 217 A da ONU em 10 de Dezembro de 1948. Nesta declaração consta a luta pela liberdade e salvaguarda da dignidade de todos os homens: “todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos”. Os direitos universais da pessoa humana fundamentam-se na sua dignidade, reconhecendo a dignidade em todos os elementos da família humana.

Os direitos fundamentais estão fundamentados na dignidade e no valor da pessoa humana. O Art. 11, refere que a pessoa tem direito ao respeito da sua honra e reconhecimento da sua dignidade. Assim, os pactos realizados em 1966 reforçam a ideia da dignidade inerente a toda a família humana. O termo “dignidade” é igualmente central na Declaração Universal sobre o Genoma Humano e os Direitos Humanos, adaptada em 1997 pela UNESCO, e depois pela assembleia geral da ONU.

A partir desse momento, muitos países começaram a mencionar no texto das constituições a dignidade da pessoa humana como fundamento do estado e dos direitos individuais e sociais. O próprio Conselho da Europa em abril de 1997 reforça a necessidade da proteção dos direitos humanos e da dignidade do ser humano com respeito às aplicações da biologia e da medicina, procurando respeitar o ser humano como pessoa e reconhecendo que a pessoa é um ser de dignidade.

Para Valadier a dignidade de cada ser humano é estabelecida como ideal comum de todos os povos¹⁴⁴, porque se em Kant a dignidade dependia da esfera moral, agora a realidade da dignidade supõe toda uma antropologia integrada na realidade ontológica do ser humano. No entanto, o pensamento atual, nomeadamente a nível da medicina lançam muitas dúvidas sobre a natureza da dignidade. Contudo, Valadier e Verspieren

¹⁴³ Cf. PORRAS del CORRAL, M. P. - Persona y dignidad desde el derecho. In MASIÁ CLAVEL, Juan (Coord.) - *Ser humano, persona y dignidade*. Bilbao: UPC, 2005, p. 230.

¹⁴⁴ Cf. VALADIER, Paul - La persona en su dignidade. *Concilium*. 300. 2 (2003) p. 231-232.

demonstram que a origem se encontra na chamada unidade do género humano, que aparece na Declaração dos Direitos Humanos da ONU.

Na linha das incertezas sobre a natureza da dignidade destaca-se Fukuyama¹⁴⁵ quando se refere ao termo dignidade humana dizendo que se pode converter em puro pretexto. Pode ser utilizado sem nada definir nem explicar, ser utilizado apenas como discurso retórico ou como conteúdo formal. Este autor procura uma argumentação da dignidade humana sem formulações cristãs ou do tipo Kantiana. Põe de lado a argumentação cristã, de “*imago Dei*”, por se tratar de uma questão de fé e põe de lado a kantiana por não estar segura no contexto atual, na medida em que exige uma liberdade humana, que nem todos aceitam. Portanto, pretende desligar a dignidade humana do fator religioso e procurar o fator X, que seria a qualidade humana essencial que merece o grau mínimo de respeito.

Neste pretexto procura um fator X, que seja cientificamente demonstrável, aquilo que possa ser o mais geral e transversal dentro do género humano, o elemento que todos tenham e que faz com que o homem seja homem. Um fator X que seja a essência do ser homem, o significado mais básico da condição humana. Este fator X define-se pela complexidade do ser humano, porque é o ser mais complexo da ordem natural.

Contudo, Fukuyama esquece que, a realidade do ser humano não pode ser apenas vista no seu aspeto biológico, mas sim, do pensar, amar e criar, a “mínima suficiência constitutiva.”¹⁴⁶ E também, não é argumento definitivo do reconhecimento de uma dignidade superior.¹⁴⁷ E nesta lógica, seria uma traição à ciência e à humanidade desprestigiar o contributo da fundamentação cristã.

Na verdade, uma sociedade que põe tudo em causa é uma sociedade sem alicerces, e como tal, toda a construção bem alicerçada, mantém-se de pé, enquanto a construção sem alicerces desmorona. Porque, quando se relativiza tudo só pelo mero relativismo, não se faz caminho, não se tem sentido de futuro. Portanto, é de extrema importância a reflexão de vários pontos de vista, feitos com sinceridade, procurando dar sentido às coisas para fazer caminho na procura da dignidade, que é fundamental para a evolução da humanidade.

¹⁴⁵ Cf. FUKUYAMA, F. - *El fin del hombre*. Barcelona: Ediciones B, 2004. Fukuyama filósofo norte-americano, que realça a complexidade do homem como fundamento básico da dignidade.

¹⁴⁶ Cf. TORRALBA, F. - La raíz de la dignidade humana. In MASIÁ CLAVEL, J.M. - *Ser humano, persona y dignidade*. Bilbao: UPC Desclée de Brouwe, 2005, p. 246.

¹⁴⁷ Cf. *Ibidem*, p. 254.

É essencial compreender que era nas estruturas religiosas que se fundamentava o tradicional conceito da dignidade. Mas novos pensamentos e contextos fazem desaparecer o postulado do caráter sagrado da vida humana, que se baseava na compreensão do ser humano como criatura criada à “imagem e semelhança de Deus”. Até aquela dignidade que se fundamentava na liberdade, razão e no caráter pessoal do ser humano foi abalada, pois pergunta-se: É pessoa o embrião humano? Onde está a racionalidade dos enfermos mentais? Têm liberdade os moribundos? Tinha razão Schopenhauer quando questionava: “O conceito de dignidade só pode aplicar-se de forma irónica a um ser tão moralmente pecador e fisicamente frágil e débil como o homem? Talvez fosse melhor despedir-nos da ideia de uma dignidade como característica própria de todos os seres humanos e ficarmos, como na antiguidade, com uma conceção de dignidade como algo que um desenrola e produz para si mesmo e para os outros? Deixou de ser a dignidade um tema antropológico e teológico, reduzindo-se exclusivamente, e em suma, ao âmbito ético?”¹⁴⁸

A teologia fundamenta a dignidade no momento da criação do homem à imagem e semelhança de Deus. Mas, para a sociedade secularizada este “suposto dogmático inquestionável só faz sentido para o crente”. Porém, não será tanto assim, na medida, em que é uma resposta, entre outras, mas credível da experiência humana, para a investigação de aprofundamento da dignidade do homem.

No entanto, esta resposta poderá criar a dificuldade de um fundamento comum sobre o ser humano para todos. Pois, não podemos esquecer que nenhuma proposta ou ideia apresentada satisfaz a todos. Mas, todas devem ser bem-vindas como necessárias para uma aproximação à verdade e a uma referência comum. O que significa que o contributo, de cada um e de todos, feito com sinceridade e autenticidade, poderá permitir encontrar a referência comum ao progresso do homem. Assim, o esforço que a teologia pode fazer é procurar elaborar “uma hermenêutica teológica adequada”¹⁴⁹, de forma a dialogar com as outras ciências.

Daqui resulta que temos que partir da realidade antropológica, através das questões: como definimos o ser humano? O que é o ser humano? Mas estas questões remetem para outra: são os outros seres humanos? Isto leva a uma vulneração da dignidade. Daqui se deduz da existência de constantes mudanças a nível da antropologia.

¹⁴⁸ AMMISCHT-QUINN, Regina. - Es sagrada la dignidade? El ser humano, la máquina y el debate sobre la dignidade. *Concilium*. 300. 2 (2003) p. 222.

¹⁴⁹ *Ibidem*, p. 223.

A valorização, segundo Kant, da pessoa humana a partir da razão, da vontade livre, da linguagem da comunicação, torna-se contradição para as pessoas desprovidas ou que perderam essas qualidades. Assim, “um embrião, um deficiente mental ou um idoso acamado, são pessoas se não tem características próprias de dignidade e de pessoas? A demasiada valorização do racionalismo contribui para a desvalorização de algumas pessoas incapacitadas. O que nos leva a pergunta: o que devemos respeitar no homem? Onde está a dignidade do homem? Não se trata de respeitar em cada um a nossa comum humanidade?”¹⁵⁰

Nesta perspectiva, a nossa sociedade atual, com a nova concepção de dignidade quase que exclui os débeis, os que são deficientes, e dá ainda lugar a outras formas de exclusão. A imagem do ser humano que “outorga dignidade é a imagem do ser humano que sofre e não é perfeito, não por ele deveria interpretar-se erroneamente como uma glorificação do sofrimento. Existe uma clara linha de separação entre a diminuição do sofrimento, que não só é legítima como também necessária, por um lado, e evitar o sofrimento a qualquer preço, por outro.”¹⁵¹ O que é necessário é um equilíbrio para uma humanização. Porque “no centro da religião cristã está a cruz, símbolo de um amor que dá sentido à dor. Jesus não vem ao mundo para abolir o sofrimento, mas para assumi-lo e transformá-lo em veículo de salvação.”¹⁵²

Evidentemente que o sofrimento por si não faz sentido, é preciso combatê-lo. A ciência moderna procura esse combate contra o sofrimento, e para bem de muitas pessoas a ciência tem eliminado o sofrimento. Mas apesar do sofrimento não ter sentido é preciso dar-lhe sentido para que a vida tenha sentido, porque o sofrimento faz parte da vida. Dar sentido ao sofrimento é dar sentido à própria vida.

Na Bíblia o sofrimento teve sempre um sentido. O exemplo é o de Cristo (Jo 12,27) que procura dar sentido ao sofrimento para salvação da humanidade,¹⁵³ para que o nome de Deus seja glorificado. Também o ser humano é enobrecido quando existe sentido na sua vida mesmo quando este envolve o sofrimento. Portanto, requer-se torna-se necessário dar sentido a vida.

¹⁵⁰ Cf. VALADIER - *La persona en su dignidade. Concilium*. p. 235. Neste pensamento, julgo mais oportuno fundamentar a dignidade humana numa consciência pura responsável (básica, sem juízos de valor), que seria o tronco comum a toda a humanidade, na medida em que, pela consciência, me encontro comigo e com o outro, reconheço a minha dignidade e a do outro.

¹⁵¹ AMMISCHT-QUINN - *Es sagrada la dignidade?. Concilium*. p. 225.

¹⁵² PANGRAZZI, Arnaldo - *Porquê justamente a mim? Que fiz eu de mal? Porque permite Deus a dor?* 4ª Ed., Águeda: Paulinas Editora, 2008. p. 84.

¹⁵³ Cf. Revista *CONCILIUM*. 119 - *Sufrimento e fé cristã*. Editora vozes 1976/9. p. 986.

Podemos dizer que é o sentido e a causa justa que o homem projeta que torna o sofrimento digno (como foram exemplo de muitos mártires). De contrário, o sofrimento atropela a dignidade humana e encaminha para o não-homem, principalmente quando se reduz o próprio ser e o outro a coisas. O sofrimento quando tem sentido e causa nobre também torna o homem mais nobre e digno.

De contrário, nesta lógica do pensamento, o termo dignidade, na conjuntura atual da medicina e do próprio sofrimento, apresenta-se com uma utilização banal. Muitas vezes é aplicado nesse contexto sem se saber o que quer dizer, como justificação para a eutanásia, para fundamentar o fim à vida, ou para acabar com o sofrimento alegando a qualidade de vida, dando uma noção imprecisa de dignidade.

Daqui resulta, que a nível da medicina, o conceito dignidade, aparece assim relacionada com outros termos como: “a dignidade de vida”, “sacralidade de vida”, “qualidade de vida” e “morte digna”. Neste âmbito, a “dignidade” tem-se invocado, muitas vezes, para servir de fundamento a realidades opostas à pessoa, até numa fundamentação errónea do sofrimento, o que tem levantado alguns conflitos éticos.

A natureza deste problema reside em procurar juízos negativos e reivindicar juízos subjetivos (ex. “direito a morrer”, com ou sem sofrimento) que é uma forma contraditória à vida. Esta expressão “dignidade” é aqui sinal de outra lógica, pois não se trata do valor que deve ser reconhecido em toda a pessoa, mas designa uma capacidade de decidir por si, da chamada autonomia e independência, que perante a debilidade humana é apontada como “perda de dignidade”, para justificar a eutanásia. Resulta assim numa palavra enganosa e de mudança de sentido da tradição da dignidade. Esta palavra passa a designar tanto o bem do enfermo como para justificar a sua morte, invocando um juízo subjetivo.¹⁵⁴

Este subjetivismo leva a um juízo depreciativo da pessoa por sofrimento insuportável. A lógica da “dignidade da pessoa” passa a ser aquela imagem que o sujeito faz de si mesmo. Enquanto na perspetiva Kantiana em que a lei moral obriga e engrandece, aqui em vez de dignidade pretendem chamar-lhe autonomia ou vulnerabilidade.¹⁵⁵

¹⁵⁴ Cf. VESPIEREN, Patrick - La dignidade en los debates políticos y bioéticos. *Concilium*. 300. 2 (2003) 189-199. p. 197.

¹⁵⁵ Perguntamos como é que a vulnerabilidade, que caracteriza todos os seres vivos, pode ser o critério para garantir a dignidade humana, de onde procede o seu poder como obrigação moral? A “vulnerabilidade” surge de modo parecido ao carácter absoluto da liberdade. A dignidade humana na nossa cultura “implica reconhecer que aquela não só consiste na plena consecução da autonomia, mas nas potenciais interações

Numa clarificação deste pensamento o Tri-Council Working Group on Ethics do Canadá esclarece que a dignidade é uma característica fundamental do ser humano. “A noção de dignidade intrínseca é assumida como o valor último que não muda segundo o juízo moral e as circunstâncias ou o contexto. Como tal, não é uma qualidade condicional ou relacional; é independente de qualquer característica pessoal. A dignidade intrínseca é de valor ‘constante’.”¹⁵⁶ Porque, podemos dizer que as normas culturais sobre aquilo que é a dignidade podem mudar quando se refere ao valor moral, e a dignidade pode ser atribuída conforme os seus atos ou contexto social, mas a dignidade do ser pessoa é constante. A sua realidade substancial do ser pessoa é-lhe reconhecida como valor intrínseco. Assim, podemos dizer que a própria relação existencial do “eu-tu” reconhece a dignidade como realidade ontológica (faz parte do ser).

Acresce, que é imprescindível redescobrir o termo como especificidade humana e valor único da pessoa humana, onde o termo dignidade deve ser tido como argumento principal. O que significa que é a partir do reconhecimento da dignidade inerente em toda a família humana que se alcança a liberdade, a justiça e a paz. Porém tem que se partir de um princípio de que a dignidade tem que ser aceite por todos.

Hoje em dia a dignidade não pode deixar de ser reconhecida como fundamental nas relações humanas. Em que dignidade humana é inviolável, salvaguarda da dignidade da pessoa humana, de forma a garantir o respeito por toda a pessoa humana.¹⁵⁷

Assim, “o respeito é incondicional: não guarda relação com a utilidade da pessoa, com seus interesses ou com o seu grupo; nada tem a ver com o interesse que pode suportar, e uma liberdade capaz de enfrentar o sofrimento será ainda mais respeitável, também; não se perde com a idade, nem com a doença, e não depende já das aparências físicas ou psíquicas do sujeito.”¹⁵⁸ A dignidade é essência da pessoa, a ponto de não se poder falar da pessoa sem referenciar a sua dignidade.

Alonso Bedate, quando se refere ao embrião, refere a dignidade inerente e a dignidade conferida: “Se o embrião é considerado só como pertença em sentido de

entre os sujeitos.” (Cf. JUNKER_KENNY, M. - Necesita el concepto de dignidad humana una fundamentación teológica? *Concilium*. 300. 2 (2003) 241-252. p. 249).

¹⁵⁶ Cf. URIONABARRENETXEA, K. M. - La dignidade del enfermo terminal. In MASIÁ CLAVEL, J.M., *Ser humano, persona y dignidade*. Madrid: UPC Desclée de Brouwe 2005, pg. 172. O autor refere-se à dignidade básica e pessoal – A básica obriga a reconhecer todos os seres humanos como possuidores de um valor moral intrínseco e inalienável. Esta não pode ser eliminada nem perdida, independente das circunstâncias – por autonomia. A pessoal é a qualidade de ser uma pessoa honrosa e respeitável na sociedade, como reconhecimento público. Uma não pode existir sem a outra (referindo-se a Kant). p. 174-175. Por isso, defendo que a dignidade básica fundamenta-se, como referi atrás, na consciência pura.

¹⁵⁷ Cf. VESPIEREN - La dignidade en los debates políticos y bioéticos. *Concilium*. p. 197.

¹⁵⁸ VALADIER - La persona en su dignidade. *Concilium*. 300. p. 234.

possibilidade e capacidade para sustentar como raiz e substrato de um projeto de desenvolvimento e transformação temos que dizer que tem uma dignidade inerente. Porém, esta dignidade não é a da pessoa em modo atual e presente. Tem, sim, dignidade conferida.”¹⁵⁹ Confere-se dignidade antecipada por ser um ser em devir.

Portanto, podemos dizer que a dignidade se ramifica em dimensões: a dignidade intrínseca, que é da essência do ser humano; e a extrínseca que é dividida em dignidade ética ou comportamental, e a dignidade atribuída, que lhe é conferida, quer pelo posto que ocupa, quer por merecimento quer por atribuição¹⁶⁰. Distinguindo que as coisas e os seres vivos têm um preço, mas os homens possuem dignidade.

A dignidade começou a ser apreciada quando residia no reconhecimento do que era um ser humano. Mas com as transformações socioeconómicas e culturais, não podemos deixar de ter presente a ideia do “outro”? O que dá uma nova ideia do ser humano e da antropologia. O que pode levar a uma nova ideia de dignidade?¹⁶¹ Porque com as várias transformações da robótica e da biotecnologia, o homem passa a ter no seu corpo instrumentos da tecnologia, que para além de levantarem novas questões éticas, colocam a questão do homem e da sua humanidade, e colocam novamente a discussão da dignidade perante uma nova conceção antropológica. Por isso, devemos falar sempre da constante expansão do conceito de dignidade,¹⁶² que é necessária à evolução social, tendo sempre presente a valorização da pessoa humana.

Mormente, temos que constantemente dignificar a pessoa, e para isso, é necessário pôr fim à desgraça e ao sofrimento ou outro qualquer aspeto negativo que faz sofrer o ser humano e que pode ofuscar a sua dignidade. Porque “o sofrimento não possui só uma dignidade ética; possui mais uma relevância metafísica,”¹⁶³ em que o ser volta “transparente” da sua própria dignidade.

O sofrimento só pode dignificar com sentido, por isso é necessário conferir sentido ao sofrimento. Existe sempre a descoberta do perdão, da misericórdia e sentido da graça de Deus. Assim, o sofrimento pode ser instrumento de reconciliação consigo, com Deus e com os outros, e uma possibilidade de abertura para o serviço e comunhão¹⁶⁴. A que o

¹⁵⁹ Cf LACADENA, Juan-Ramón - *Biología y humanidad: hominización y humanización*. In MASÍÁ CLAVEL, J.M. - *Ser humano, persona y dignidade*. Madrid: UPC Desclée de Brouwe, 2005, p. 88.

¹⁶⁰ Cf. NEGTE, O. - *Lo irrepitible: câmbios en el concepto cultural de dignidade*. In *Concilium*. 300. 2 (2003) 203- 213. p. 209.

¹⁶¹ Cf. AMMICHT-QUINN - *Es sagrada la dignidade? El ser humano, la máquina y el debate sobre la dignidade*. In *Concilium*. p. 220.

¹⁶² Cf. *Ibidem*.

¹⁶³ FRANKL, Viktor E. - *El hombre dolente*. Barcelona: Editorial Herder, 1986. p. 255.

¹⁶⁴ LOURENÇO, J. - *O sofrimento no pensamento Bíblico*. p. 200.

sofrimento para ter sentido não pode ser um fim em si mesmo, mas sim meio, porque só tem sentido “por causa de”, de valores ou de alguém. É pois fundamental que sempre se atribua sentido ao sofrimento, o que conduzirá à bem-aventurança com os outros. De contrário é a destruição da dignidade da pessoa, pois o sofrimento é sem dúvida degradante.

Por outro lado o sofrimento precisa ainda de compreensão e integração para dar sentido à dignidade da vida humana, perceptível na expressão de Jesus Cristo: “ Agora estou muito perturbado, o que direi? Pai, livra-me desta hora? Mas, foi precisamente para esta hora que eu vim. Pai glorifica o teu nome” (Jo 12, 27). Se o sofrimento produz sentido produzirá vida e dignidade na pessoa humana, a maturidade interior necessária ao reconhecimento e vivência da dignidade. O próprio Cristo rejeita o sofrimento, apenas arrisca amar mesmo no sofrimento, pois no amor deu sentido à vida. Assim, no seguimento desta perspetiva, embora sem desconsiderar as limitações do ser humano, é necessário procurar dar rumo e sentido à própria vida.

O sentido de vida do homem encontra-se na relação com o outro. Pois, o homem “sendo totalmente ele mesmo, não existe somente por si mesmo. Quando se vê a ele mesmo percebe ao mesmo tempo o outro.”¹⁶⁵ É na experiência do outro que o homem se identifica e projeta a dignidade, a sua e a do outro.

Assim o valor e dignidade da vida humana deve ser motivo de reflexão profunda por parte de todos, desde a Igreja até às outras instituições e todas as ciências que devem estar ao serviço da pessoa humana. Tudo deve convergir para a pessoa e a sua dignidade e realização integral.

Valadier para melhor clarificar a visão moderna da dignidade, de fazer a experiência do outro, faz referência à passagem do Bom Samaritano (Lc 10, 25-37). O samaritano exerce a sua missão não porque pertence à sua comunidade religiosa ou solidariedade, mas por uma verdadeira compaixão humana. Por compaixão, o samaritano deu prova da sua dignidade e reconhece a dignidade do outro, que precisava de ser estabelecida, “ porque as suas feridas despertaram nele o respeito por uma humanidade desfigurada”¹⁶⁶ (referência ao rosto de Jesus desfigurado). Mas, que ele restabeleceu com a sua própria dignidade.

¹⁶⁵ AMMICHT-QUINN - Es sagrada la dignidade? El ser humano, la máquina y el debate sobre la dignidade. *Concilium*. p. 224.

¹⁶⁶ VALADIER - La persona en su dignidade. *Concilium*. p. 237.

O samaritano apresenta um dever de humanidade, na qual “manifesta a sua própria dignidade de homem, e ao mesmo tempo reconhece no ferido sem voz uma igual dignidade humana.”¹⁶⁷ Isto só é possível na caridade que é a imagem perfeita do criador. Nela o homem procura a perfeição. A caridade embora apareça como comportamento da pessoa surge de uma vontade livre de perfeição. O homem procura essa perfeição, porque tem ânsia de perfeição e nela faz brilhar a sua dignidade e a do outro. A solidariedade ou caridade cristã restitui ao homem, mesmo no meio do sofrimento, a sua dignidade.

Portanto, “a dignidade não é, pois, um atributo próprio da pessoa em sua singularidade; é uma relação, ou mais ainda se manifesta no gesto com o qual nos relacionamos com o outro para o considerar como homem, igualmente igual.”¹⁶⁸ O que requer que o ser humano deve ser separado das suas ações, pois só por si tem dignidade. Como o Bom Samaritano, nos honramos quando honramos os outros. É a identidade da nossa comum humanidade, pois “nada existe sem esta relação com os demais, e todos temos necessidade dos outros, e a temos em todos os âmbitos da existência, de modo particular nos nossos momentos de desamparo, solidão, abandono, e medo perante o sofrimento e da morte.”¹⁶⁹ Na experiência que os mais velhos nos contam a partilha e solidariedade aliviava o sofrimento e dignificava, enquanto hoje o sofrimento é isolado e exige-se apenas da medicina.

Segundo o meu pensamento podemos dizer que a consciência pura¹⁷⁰ do homem é a fundamentação para o reconhecimento da dignidade inerente ao próprio homem, no reconhecimento de si e dos outros, ela é o que me reporta conhecimento para a minha dignidade e a do outro, e abertura ao transcendente.

Devemos partir cada vez mais para uma visão positivista do homem, sabendo que também na dignidade deve haver evolução, mas sempre com alicerces bem definidos. Pois, “a atualidade da dignidade humana em nosso contexto cultural contemporâneo implica, por uma parte, que desmascaremos as fantasias de otimização como forma atual de domínio, e, por outra, que nos demos por satisfeitos com salvar a comunicação

¹⁶⁷ *Ibidem*, p. 239.

¹⁶⁸ *Ibidem*, p. 238.

¹⁶⁹ *Ibidem*.

¹⁷⁰ A Consciência pura é o termo, penso eu, que se deveria utilizar para designar a convergência da dignidade de todos os homens. Seria a consciência mínima ou básica responsável para reconhecer a sua dignidade e a dignidade do outro, sendo a base para uma consciência antropológica e ética (ex. a consciência pura da criança que experiencia abertura total ao reconhecimento da realidade do outro e liberta de preconceitos e sem juízos de valor, que nessa mesma experiência desenvolve a responsabilidade).

simétrica.”¹⁷¹ Assim, a fé cristã, ou a teologia cristã pretende contribuir para a fundamentação dos valores, através da função heurística da fé, de forma a dialogar com o progresso tecnológico, permitindo à teologia fortalecer a dignidade humana com a antropologia que a fundamenta.

Portanto, a fundamentação teológica da dignidade na semelhança com Deus é também uma expressão da experiência, que pode levar a outra realidade. A esta experiência se referia Kant como respeito pela humanidade em cada ser humano. A realidade da dignidade não é apenas a da revelação, mas é também da própria experiência humana, dos cristãos e dos não cristãos. Estas “experiências fundamentais estão por cima dos limites da fé.”¹⁷² E, na procura das verdades últimas poderá surgir o respeito pelo outro e um consenso sobre a dignidade. Toda a humanidade deve estar interessada no apuramento do conceito e *práxis* da dignidade.

A própria Igreja contribui para fundamentar a dignidade, quando diz no CCE que Deus criou o homem à sua imagem e semelhança (n. 1730), o qual por ser imagem de Deus tem dignidade como pessoa (CCE 357). Na instrução “*Dignitas Personae*” (2009) refere a dignidade como realidade ontológica a partir da qual remete o seu caráter ético e fundamento da ordem jurídica. A pessoa é pessoa durante toda a vida, incluindo mesmo o embrião humano.

O homem foi criado em referência ao arquétipo perfeito do homem novo: Cristo. A Igreja (pensamento cristão) dá e continua a dar o seu contributo à humanidade, sempre que continuar a propor a visão integral da pessoa humana e da sua dignidade. O homem como imagem de Deus revela-se como a chave última para entender a vida humana, convertendo-se em caráter sagrado de todo o ser humano, e confere ao homem a dignidade inalienável.

Contudo, a dignidade requer reflexão porque necessita de continuamente ser clarificada e atualizada. A própria evolução da biotecnologia e medicina na procura do alívio do sofrimento humano está no alcance da dignificação da vida humana. Assim também toda a experiência que vá no sentido de melhorar a vida humana está a dignificar essa vida.

A fé cristã e a ciência não são formas de reflexão para entrar em conflito, pelo contrário, são saberes complementares. A fé torna-se fechada, afunilada, se não aceitar a

¹⁷¹JUNKER KENNY - Necesita el concepto de dignidad humana una fundamentación teológica? *Concilium*. p. 249-250.

¹⁷²AMMICHT-QUINN - Es sagrada la dignidade?... *Concilium*. p. 226.

ciência, e a ciência insegura se não aceitar a fé, a reflexão teológica. Não pode haver presunção de saber, deve existir humildade, por respeito ao caminho que os outros fizeram para chegarmos a este ponto em que nos encontramos, a nível científico e pelos que vão avançar no caminho que fizemos. Toda a reflexão sincera ajuda no conhecimento do homem e na evolução da sua dignidade.

O caminho do conhecimento implica todas as reflexões das várias ciências. Sabendo que a reflexão humana vai mais além da realidade observável, vai mais além de qualquer limite. Pergunta-se pelo que vai para além dele, do ser supremo, que na reflexão cristã encontra na imagem de Deus a fundamentação da dignidade humana. “A dignidade da pessoa humana radica na criação à ‘imagem’ de Deus” (CCE, nº 1700), cristalizando a dignidade da pessoa, que em Cristo, Deus feito homem, em quem o homem é divinizado.

A própria teologia dá-nos a perspectiva da “nova criação” que, remetendo para S. Paulo, é realizada na configuração com Cristo: “permaneeci em mim”, como forma de ser a imagem de Cristo no mundo (2 Cor 5,17). A “nova criação” daqueles que pela graça batismal recebem o dom de Deus, que inseridos em Cristo, vivem como homens novos.

O homem novo criado segundo Deus (Ef 4, 24) é de renovação ontológica. Na “nova criação” recupera a sua humanidade e permanece a imagem de Cristo ressuscitado. O próprio Cristo revela o “novo ser humano”, o “ser escatológico”, porque abre novas perspectivas antropológicas em situações culturais diferenciadas. O homem como imagem de Deus revela-se como a chave última¹⁷³ para entender a vida, convertendo-se em carácter sagrado de todo o ser, e conferindo-lhe a dignidade inalienável.

Para finalizar este pensamento, em jeito de conclusão, não podemos deixar de referir as palavras de alerta da personagem que mais se destacou na promoção da dignidade da pessoa que foi João Paulo II, quando diz: “para o bem do futuro da sociedade e do progresso de uma sã democracia, urge, pois, redescobrir a existência de valores humanos e morais essenciais e congénitos, que derivam da própria verdade do ser humano, e exprimem e tutelam a dignidade da pessoa: valores que nenhum indivíduo, nenhuma maioria e nenhum Estado poderá jamais criar, modificar ou destruir, mas apenas os deverá reconhecer, respeitar e promover.”¹⁷⁴ Acrescento, principalmente a valorização da dignidade humana.

¹⁷³ HERRERO HERNÁNDEZ, F. J. - Horizonte antropológico de la “*Dignitas Personae*”. In GALINDO GARCIA, Á. (coord.) – *Cultura de vida desde “dignitas personae”*. Salamanca: UPSA, 2009, p. 65.

¹⁷⁴ JOÃO PAULO II - “*Evangelium Vitae*”, (Carta Encíclica de 25 de março de 1995) Braga: Editorial A.O., 1995, n. 71.

PARTE II - Aplicação Pedagógico-Didática

Capítulo III: - Relatório da Prática Letiva: Uma proposta de abordagem da UL 1 do 6º Ano - “A pessoa humana”.

A consequência prática de toda a reflexão realizada até ao momento permite ao professor um maior esclarecimento e argumentos sobre a matéria, de forma a ter as ferramentas necessárias para uma boa aplicação prática Pedagógico-Didática à realização do método ensino-aprendizagem.

3.1. Caracterização da turma.

O Agrupamento de escolas de Vallis Longus tem sede na escola Básica, 2º e 3º Ciclos de Valongo, localizada junto à Câmara Municipal da cidade de Valongo. O meio envolvente é citadino, sendo a grande maioria dos alunos desta cidade, mas com muitos alunos que vivem nas aldeias e freguesias vizinhas. A escola tem cerca de mil alunos desde o 5º ano ao 9º ano, com algumas turmas de educação de ensino especial e por isso com cursos profissionalizantes. Uma disciplina característica é o trabalho da ardósia (pedra característica da terra), que ao longo do ano desenvolve muitas exposições de trabalhos em ardósia.

A escola enquadra-se no meio em que esta inserida. Porque como defendem alguns autores modernos: a “escola deve preocupar-se com a aprendizagem do aprender como com acumulação de conhecimentos”¹⁷⁵. Assim, “a sociedade moderna necessita de escolas dotadas de professores especializados que estejam aptos a ensinar e a socializar as crianças, enquanto os adultos estão ocupados com o seu trabalho.”¹⁷⁶ Por isso, “a nossa sociedade atribui um estatuto profissional aos professores, enquanto profissionais e peritos, espera-se que sejam eficazes no sentido de auxiliarem os alunos a aprender competências e atitudes essenciais,”¹⁷⁷ nomeadamente a adquirir de valores para construir o seu carácter e autonomia.

Quanto às características da turma: é a turma do 6º H, do agrupamento de escolas de Valongo, constituída por vinte e sete alunos, onze rapazes e dezasseis raparigas, com idades compreendidas entre os onze e doze anos. A turma é constituída por alunos provenientes do Concelho de Valongo e se alguns pertencem a cidade, a maioria é

11. ¹⁷⁵ MARQUES, R. - *Mudar a escola. Novas práticas do ensino*. Lisboa: Livros horizonte, 1983. p.

¹⁷⁶ ARENDS - *Aprender a ensinar*. p 1.

¹⁷⁷ *Ibidem*.

proveniente do meio rural. Dezoito alunos (cinco rapazes e treze raparigas) estão inscritos na disciplina de EMRC. Tem uma aluna proveniente dos países de leste e outra da china. Uma larga maioria é oriunda de um meio sociocultural baixo e revela poucas expectativas em relação à escola.

A maior parte dos alunos vive na companhia dos pais, alguns apenas com a mãe. Alguns alunos apresentam substrato social médio, mas há outros com substrato social baixo, existindo alguns casos de ambos os pais se encontrarem desempregados. Quase todos os progenitores apresentam em média, um baixo nível escolar profissional, não existindo nenhum com o curso universitário. As suas famílias têm entre um e três filhos. Alguns necessitam de ajuda extracurricular, com acompanhamento diverso, sendo notórias as dificuldades nas disciplinas de matemática e português. Contudo, no contexto geral a turma tem capacidades médias, tendo uma aluna sido proposta para os alunos de mérito. Mas, é de notar algumas dificuldades de compreensão, défice intelectual/cognitivo, de concentração e atenção.

Muitos alunos ocupam os seus tempos livres em atividades lúdicas, como andar de bicicleta, ouvir música, brincar, ver televisão, passear.

O processo de ensino-aprendizagem ocorre e decorre no contexto de sala de aula, onde os alunos e professor interagem, e os alunos se relacionam com os outros alunos, num espaço e tempo de relação social que resulta num grupo a que chamamos turma. Esta constitui-se no contexto da sala de aula e nas relações que se desenvolvem nos vários intervenientes.

No contexto geral é uma turma que cresceu no seu processo de ensino-aprendizagem, assim como na assimilação de conhecimentos de valores ético-morais e religiosos, onde prevaleceu o seu crescimento como pessoas. Revelou grande capacidade de adaptação à diversidade de situações sociais controversas diferenciadas da nossa realidade letivo-formativo-profissional.

Por norma, os alunos não gostam de escrever muito, nem de tratar assuntos com algum grau de dificuldade e profundidade. E por isso recorri às novas tecnologias de forma a tornar mais apelativos os conteúdos. Daí alguma preocupação em apresentar algumas sessões com PowerPoint e até num micro filme, sobre a história dos direitos humanos.

Porém o interesse demonstrado pela temática foi muito positivo, o que de certa maneira revelou algum enquadramento com a sua idade. Pois, apesar de serem alunos pouco motivados, à exceção de algumas meninas, conseguimos motivar e cativar a sua

atenção e interesse, favorecendo a interatividade pelas temáticas expostas, tendo os alunos demonstrado sensibilidade nomeadamente pelo sofrimento dos refugiados e das crianças, em situações que observavam pela televisão. Apesar de alguma profundidade de conteúdos, houve empatia professor-aluno e aluno-professor e entre os alunos, o que favoreceu o processo ensino-aprendizagem.

Nunca houve qualquer falha de indisciplina ou problema de relacionamento na turma. Os alunos mostraram-se sempre interessados e interativos, procurando, por entre algum desentusiasmo, melhorar o seu desempenho e aquisição de conhecimentos.

3.2. Gestão do currículo.

Concretamente, quando falamos da gestão do currículo referimo-nos ao processo de ensino-aprendizagem, a uma análise pedagógica e didática, de forma crítica, da unidade letiva escolhida, neste caso: “A pessoa humana”. Falamos quer da sua planificação, quer do enquadramento e pertinência temática, como da sua estrutura orgânica, e dos instrumentos de avaliação do desenvolvimento das competências no percurso escolar dos alunos do 6º ano de escolaridade.

O programa da disciplina de EMRC, com o objetivo de aquisição e desenvolvimento das competências dos alunos, propõe tratar as seguintes áreas temáticas: relação humana; ética e valores; amor, amizade e sexualidade; questões sociais; ecologia e ambiente; direitos humanos; vocação e projeto de vida; relação fé-cultura; diálogo ecuménico e inter-religioso e mensagem cristã. Todas estas temáticas são exploradas ao longo dos vários níveis de escolaridade, estando a relação e dignidade da pessoa humana presente em todos os níveis.

a) Planificação anual e por período.

O programa do 6º ano, que iremos analisar, é rico em temática e de conteúdos claramente relacionados com a relação da pessoa e as questões sociais básicas como são a sua dignidade e direitos.

O docente de EMRC deve promover uma pedagogia da descoberta, método experiencial hermenêutico, promovendo o conhecimento e educação voltados para o desenvolvimento das competências, promovendo a aquisição de conhecimentos dos valores ético-morais, da realidade histórico-cultural e do cristianismo, sem ter a preocupação de evangelizar.

Tudo isto deve estar presente numa programação anual, que passo apresentar.

Gestão/Calendarização dos conteúdos programáticos do 6º Ano.

AULAS PREVISTAS							CONTEÚDOS		
1º PERÍODO	Set.	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	Aulas	UNIDADES	TEMAS
							18		
	21	22	23	24	25		1	Apresentação	Apresentação, materiais e regras.
	28	29	30	1	2		2		CrITÉrios de avaliação e ficha diagnóstica.
	5	6	7	8	9		3	A pessoa humana	Introdução: UL 1 - A pessoa humana. Quem é a pessoa?
	12	13	14	15	16		4		Dimensões da pessoa humana: biológica, social e espiritual.
	19	20	21	22	23		5		Nascemos para ser felizes: A autenticidade.
	26	27	28	29	30		6		Direitos e deveres da pessoa humana;
	2	3	4	5	6		7		Direitos da criança.
	9	10	11	12	13		8		Organizações de apoio à Pessoa.
	16	17	18	19	20		9		Deus estabelece com o homem uma relação pessoal.
	23	24	25	26	27		10		Ficha formativa - (Trabalho sobre o Natal).
	30	1	2	3	4		11	Advento	“Ser pessoa” é dar condições para que todos sejam “Pessoas”.
	7	F	9	10	11		12		Deus assume a natureza humana - Natal.
	14	15	16	17			13	Natal	Autoavaliação
2º PERÍODO	Janeiro	4	5	6	7	8	1	Jesus um homem para os outros	Introdução: UL 2 - Jesus, um homem para os outros. Quem é Jesus de Nazaré? O Messias prometido.
		11	12	13	14	15	2		Jesus, um marco na história (Arte e calendário).
		18	19	20	21	22	3		O Deus de Jesus: - A confiança no Deus bom; - Para Deus, todos somos importantes;
		25	26	27	28	29	4		- Viver centrados no amor ao próximo; - Acolher e perdoar;
	Fevereiro	1	2	3	4	5	5		- A religião que nasce de uma relação íntima e humilde com Deus; - É mais importante ser do que ter.
		8	C	10	11	12	6	Quaresma	A missão de Jesus: - A contestação dos poderosos; - Jesus é preso;
		15	16	17	18	19	7	(Trabalho sobre a Páscoa)	- Julgamento no tribunal Judaico e Romano.
	Março	22	23	24	25	26	8		A ressurreição, vitória da vida sobre a morte;
		29	1	2	3	4	9		- Tradições da Páscoa. Ficha de avaliação.
		7	8	9	10	11	10		Correção da ficha. Dar a vida aos outros.
14		15	16	17	18	11	Páscoa	Autoavaliação. Cont. Dar vida aos outros.	
3º PERÍODO	Abril	4	5	6	7	8	1	A partilha do pão	Introdução: UL 3 - A partilha do pão. A alimentação: - Refeição, experiência de encontro.
		11	12	13	14	15	2		O significado simbólico-religioso do alimento e da refeição.
		18	19	20	21	22	3		A produção e comércio dos alimentos.
		F	26	27	28	29	4		A fome e injusta distribuição dos bens.

Maio	2	3	4	5	6	5	(Trabalho de pesquisa Sobre uma instituição)	Instituições na luta contra a fome.
	9	10	11	12	13	6		O amor partilhado: - Solidariedade e voluntariado; - Partilha fraterna dos primeiros cristãos.
	16	17	18	19	20	7		A Última Ceia.
	23	24	25	26	27	8		Ser pão para os outros.
Junho	30	31	1	2	3	9		A diversidade de carismas no serviço. Ficha de avaliação.
	6	7	8	9	F	10		Correção da ficha – Autoavaliação.

(Em anexo I, está a programação anual completa.)

Passamos à apresentação da planificação de cada período.

Quadro da planificação do 1º Período

PLANO A MÉDIO PRAZO UL 1

UNIDADE TEMÁTICA	6º Ano – UL 1 – A pessoa humana	Nº DE AULAS	6 Aulas
-------------------------	---------------------------------	--------------------	---------

CONTEXTO EDUCATIVO	Turma com 18 alunos, heterogénea ao nível de participação. Dificuldade de pontualidade, pelo facto de não existir intervalo da aula anterior.
---------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

METAS CURRICULARES	Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história. Contributo da Igreja para a construção da comunidade.
---------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

ESQ. HERMENÊUTICO:	Definição do ser pessoa e a sua relação com os outros. As diferentes dimensões da pessoa humana. A pessoa vocacionada à felicidade e autenticidade. Os direitos e deveres da pessoa humana, nomeadamente da criança. Conhecer algumas organizações que promovem a dignidade da pessoa. A relação da pessoa com a transcendência e com os outros.
---------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Temas organizadores	Objetivos	Conteúdos
A questão: quem é a pessoa?	1- Reconhecer a importância da pessoa humana e da sua relação com os outros.	Definição do ser pessoa: quem é a pessoa? - Unicidade do ser pessoa; - Ser de relação com os outros.
Dimensões da pessoa humana: - Dimensão biológica; - Dimensão social; - Dimensão espiritual (dimensão intelectual).	2- Identificar as diferentes dimensões da pessoa humana.	Dimensões da pessoa humana: - Dimensão física: corpo, fisiologia; - Dimensão intelectual: inteligência, imaginação, razão; - Dimensão moral e volitiva: distinção entre bem e mal, escolha; vontade e compromisso; - Dimensão emocional: emoções e sentimentos; - Dimensão social: a relação com os outros; - Dimensão sexual: a sexualidade abrange a totalidade da pessoa (corpo, inteligência, emoção, vontade e afetividade): - A vida emocional deve levar à abertura aos outros, que são diferentes;

		<ul style="list-style-type: none"> - A linguagem do corpo ajuda-nos a comunicar com os outros. - Dimensão religiosa (Dimensão espiritual – interioridade e relação com o transcendente): <ul style="list-style-type: none"> - Filiação divina e primado da criação; - Capacidade de amar e perdoar; - Capacidade de se interrogar sobre a existência; - Capacidade criativa e de vivência da liberdade; - Capacidade de se abrir à transcendência.
<p>Nascemos para ser felizes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A autenticidade. 	<p>3- Valorizar do sentido da vida humana, à luz da mensagem cristã: a vocação à felicidade e autenticidade.</p>	<p>A pessoa criada para a felicidade, exige:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A rutura com o egoísmo e a vivência do amor permitem o crescimento saudável e a realização plena da pessoa; - É preciso amar: (Rec. 1 Jo 4, 7-21); - A autenticidade: fidelidade ao próprio projeto (vocação, aceitação de si mesmo, como caminho de realização e felicidade); - A vocação da pessoa é a felicidade (realização, bem-estar, produtividade, relação com os outros, ...): <ul style="list-style-type: none"> - Procurar a coerência entre o que é e o que se aparenta ser; - Ter vontade de ser verdadeiro e de procurar a verdade; - Aceitação de si mesmo (aceitação do outro).
<p>Direitos e deveres da Pessoa humana:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Direitos da criança 	<p>4- Identificar e conhecer os direitos e deveres da pessoa humana, nomeadamente da criança, a partir da noção de dignidade humana.</p>	<p>Noção de dignidade da pessoa humana. O ser pessoa é dotado de direitos e deveres, reconhecidos pela sociedade:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O que são direitos e deveres. A liberdade; - Declaração universal dos direitos dos homens (1948); - Convenção sobre os direitos da criança (1989).
<p>Organizações de apoio à Pessoa.</p>	<p>5- Conhecer organizações cristãs e civis de apoio à pessoa. Conhecer a mensagem cristã acerca dos direitos da criança.</p>	<p>Aparecimento de organizações para garantir os direitos.</p> <p>Organizações civis: UNICEF; APPACDM.</p> <p>Organizações da Igreja: Escolas católicas; Instituições de solidariedade.</p> <p>Ficha formativa.</p>
<p>Deus estabelece com o homem uma relação pessoal.</p> <p>“Ser pessoa” é dar condições para que todos sejam “pessoas”.</p>	<p>6- Valorizar a dignidade da pessoa. Perceber como o elemento fulcral da mensagem cristã é o caráter pessoal da relação de Deus com</p>	<p>Entrega e correção da ficha.</p> <p>Deus dos Cristãos estabelece uma relação pessoal com os homens. Relação que promove a dignidade para que todos sejam pessoas.</p>

	<p>cada ser humano.</p> <p>7- Promover as condições para que cada um viva como a pessoa que é.</p>	<p>Como “ser pessoa” e dar condições para que todos sejam “pessoas”:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estabelecer relações cordiais e verdadeiras; Escutar; Partilhar; Ser atento e amável; Comunicar bem; Respeitar os outros; Defender os direitos humanos; Cumprir os seus deveres.
Deus, em Jesus fez-se pessoa, assumindo a natureza humana – Natal.		<p>Jesus, filho de Deus que se fez pessoa - Natal:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O sentido cristão do Natal. <p>Autoavaliação.</p>

METODOLOGIAS A PRIVILEGIAR	Exposição dos temas. Trabalhos de grupo. Diálogo com os alunos.
-----------------------------------	-----------------------------------------------------------------

RECURSOS	Manual do aluno. Computador para apresentação de alguns vídeos e Ppts. Fotos (imagens). Poemas.
-----------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------

POSSÍVEL INTERDISCIPLINARIDADE	História, Ciências. Biologia.
---------------------------------------	-------------------------------

Quadro da planificação do 2º Período.

PLANO A MÉDIO PRAZO – UL 2

UNIDADE TEMÁTICA	6º Ano – UL 2 – Jesus um homem para os outros.	Nº DE AULAS	10 Aulas
-------------------------	------------------------------------------------	--------------------	----------

CONTEXTO EDUCATIVO	Partindo da vivência natalícia introduzir o tema Jesus de Nazaré como: marco histórico; enviado por Deus; revelador do Deus misericordioso.
---------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

METAS CURRICULARES	Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo Reconhecer a proposta do agir ético-cristão em situações vitais do quotidiano.
---------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

ESQ. HERMENÊUTICO:	Partindo da pessoa de Jesus, como o Messias prometido, que marcou a história, pela sua vida de missão e revelação do amor misericordioso de Deus. Acaba por ser condenado à morte. Contudo, pela ressurreição vence a morte e concede a vida aos outros. Algumas manifestações dos símbolos da Páscoa.
---------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Temas organizadores	Objetivos	Conteúdos
<p>Quem é Jesus de Nazaré?</p> <p>- O Messias prometido.</p> <p>Jesus: um marco na história (Arte e calendário).</p>	<p>1- Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã.</p>	<p>Quem é Jesus de Nazaré?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Jesus como o Messias (Cristo), o Filho de Deus. - O anúncio do Reino de Deus: a vitória de Justiça, Verdade e amor. <p>O nascimento de Jesus marcou a história:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A arte referente a Jesus; - O calendário ocidental tem como referência o nascimento de Jesus Cristo.

<p>O Deus de Jesus:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A confiança no Deus bom; - Para Deus todos somos importantes; - Viver centrados no amor ao próximo; - Acolher e perdoar; - Uma religião que nasce de uma relação íntima e humilde com Deus; - É mais importante ser do que ter. 	<p>2- Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã.</p>	<p>Jesus legamos uma nova maneira de entender Deus, como misericórdia pura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Confiança no Deus bom, que não abandona a pessoa (Lc 12, 22-32); - Contra a exclusão, a inclusão no amor de Deus: inclusão dos marginalizados, dos pobres, dos doentes (Lc 15,1-2); - A revolução do coração humano: viver centrado no amor ao próximo (próximo é todo o que precisa de mim, independentemente da sua origem ou identidade) (Lc 10,25-37); - O perdão de Deus e a necessidade de arrependimento (Lc 7, 36-50); - Uma religião que brota de uma relação com Deus no íntimo do ser e se manifesta na fraternidade, e não na religião de culto exterior (Lc 18, 9-14). <p>(lançar o desafio de um trabalho sobre as tradições da Páscoa)</p>
<p>A missão de Jesus:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A contestação dos poderosos; - Jesus é preso; - Julgamento no tribunal Judaico; - Julgamento no tribunal Romano. 	<p>3- Compreender, pela interpretação dos textos bíblicos, qual foi a missão de Jesus, o Filho de Deus.</p>	<p>A contestação dos poderosos. A paixão e morte de Jesus:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A Oração no Getsémani e a prisão (Mc 14, 32-50); - Jesus é julgado e condenado pelo tribunal judaico (Mc 14, 53-65); - Jesus é julgado e condenado à morte por Pilatos (Mc 15, 1-15); - Crucificação e morte de Jesus na cruz (Mc 15, 24-37)
<p>A ressurreição, vitória da vida sobre a morte;</p>	<p>4- Reconhecer a Ressurreição de Jesus como vitória da vida sobre a morte.</p>	<p>A ressurreição, Jesus é o Senhor, Jesus é o Filho de Deus:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Aparição aos discípulos (Jo 20, 18-23); - Deus quer a vida e não a morte (Jo 10,10).
<p>Tradições da Páscoa. Dar a vida aos outros.</p>	<p>5- Mobilizar o valor da vida na orientação do comportamento em situações do quotidiano.</p>	<p>Ficha formativa. Entrega e correção da ficha formativa.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Algumas tradições da Páscoa (Procissões, compasso) e símbolos da Páscoa. <p>O que fazer para viver com mais qualidade e dar vida aos outros?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Devo ser capaz de: respeitar; cuidar; ajudar; compreender; partilhar; amar. <p>Autoavaliação.</p>

Quadro de planificação do 3º período.

PLANO A MÉDIO PRAZO UL 3			
UNIDADE TEMÁTICA	6º Ano – UL 3 – A partilha do pão.	Nº DE AULAS	10 Aulas
CONTEXTO EDUCATIVO	Turma homogénea na participação. Com algum sentido do religioso. Partindo da vivência da Páscoa olhamos para os desafios sociais da experiência cristã.		

METAS CURRICULARES	Tomar consciência da responsabilidade da pessoa na comunidade e no mundo. Conhecer a simbologia cristã de forma a promover o bem comum e ação do cuidado do outro.
---------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

ESQ. HERMENÊUTICO:	Partindo da pessoa de Jesus e da sua ressurreição que vence a morte e concede a vida, procurar incutir nos alunos a experiência da partilha e solidariedade.
---------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Temas organizadores	Objetivos	Conteúdos
Alimentação: A refeição, experiência de encontro. ----- O significado simbólico-religioso do alimento e da refeição (o cordeiro).	1- Descobrir a importância da refeição para o convívio e partilha. - Descobrir a dimensão simbólica da refeição.	A alimentação: - A refeição; - A refeição como festa e experiência de encontro; - O ritual da preparação da refeição e sua expressão cultural. O significado simbólico-religioso do alimento e da refeição: - O pão, o azeite, o vinho, a água, o Cordeiro.
A produção e o comércio dos alimentos. ----- A fome e a injusta distribuição dos bens.	2- Reconhecer situações sociais nas quais esteja patente a injusta distribuição dos bens.	A produção e o comércio dos alimentos. A fome e a subnutrição. A pobreza, a distribuição injusta dos bens de primeira necessidade.
Instituições nacionais e internacionais que lutam contra a fome.	3- Identificar instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a eliminação da fome	As instituições nacionais e internacionais vocacionadas para acabar com a fome: - FAO (Organização da agricultura e alimentação); - Bancos alimentares contra a fome.
O amor partilhado: - Solidariedade e voluntariado; - Partilha fraterna dos primeiros cristãos.	4- Reconhecer o valor da solidariedade e voluntariado.	Solidariedade e voluntariado. Fraternidade, Amor partilhado. A vida em comum e a partilha de bens nas comunidades dos primeiros cristãos (Act 2, 42-47).
A Última Ceia.	5- Reconhecer nos relatos da Última Ceia, o seu significado essencial de comunhão para a mensagem cristã.	A Última Ceia, sinal de entrega de Jesus por amor (Mc 14, 12-25). Lava-pés, sinal do serviço de Jesus por amor (Jo 13, 3-7.13-17). Ficha de avaliação
Ser pão para os outros. ----- A diversidade de carismas no serviço.	6- Tomar consciência de que a partilha dos bens supõe a partilha de si.	Entrega e correção da ficha de avaliação. Ser pão para os outros: - A doação de si mesmo; - O amor partilhado pelos mais necessitados. A diversidade de carismas no serviço (1 Cor 12, 4-11). Exemplos cristãos de "pão para os outros":

		- Cáritas; Confer. S. Vicente de Paulo; Comunidade vida e paz. Autoavaliação (Palavra de despedida)
--	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------

b) Introdução à Unidade Letiva 1 - “A pessoa humana”.

A disciplina de EMRC, enquadrada no seu contexto escolar, difere da catequese. Esta desenvolve-se no seio da comunidade de crentes, com os seus objetivos específicos da vivência da sua fé, enquanto a disciplina de EMRC desenvolve os seus objetivos em contexto escolar, em sala de aula, com objetivos de natureza científica, cultural e humana, orientada por processos científicos e pedagógicos, similares e no confronto com outras disciplinas, outros saberes, com quem partilha o mesmo contexto escolar.

A implementação de metodologias, em cada unidade letiva, pode confundir-se com métodos e linguagem catequética.

A primeira unidade letiva do 6º ano, sobre “A pessoa humana” pretende esclarecer a realidade da pessoa como um ser de relação, tendo presente a ideia de que todos os seres humanos são iguais em dignidade. Nos conteúdos programáticos sublinha a natureza individual e irrepitível da pessoa, a sua distinção de ser de relação, quer com os outros quer com o transcendente. Reconhece por direito natural e convenção (Declaração Universal dos Direitos do Homem) que a pessoa é dotada de direitos e deveres partindo da noção da dignidade humana. Visa conhecer instituições, nomeadamente de cariz cristão, para a promoção da dignidade humana, fomentando a responsabilidade de cada pessoa, incluindo o cristão, pelo desenvolvimento do bem comum.

Nesta unidade letiva, partindo de uma profunda reflexão filosófica/teológica da antropologia, ficamos com o essencial do que é a pessoa humana e da sua incontornável dignidade que se (re)descobre como um ser livre, de relação e de responsabilidade.

Ao procurar fazer uma abordagem da unidade letiva sobre a pessoa humana, começo por tentar definir o conceito de pessoa. Na Enciclopédia Logos, na sua epistemologia, o termo pessoa deriva de “*persona*” e “*personare*” que representava o fortalecimento do som na concavidade da máscara utilizada no teatro romano. Este termo corresponde ao grego “*prósopon*”, que era a máscara que ocultava a face do ator com o objetivo de esconder a pessoa que representava (temos presente que a representação teve início na sátira) para se identificar com a que a queria representar, personagem mais

conhecida e destacada. A partir da qual se depreende a questão da dignidade da pessoa que se encontra por detrás da máscara, e o que ela representa.

Tomás Melendo, no seu livro “*Las dimensiones de la persona*”¹⁷⁸, reafirma a definição de pessoa de Boécio: “a Substância individual de natureza racional”, como sendo a definição mais aceite ao longo dos anos, numa realidade do ser pessoa dotado de inteligência. Mais tarde fazer uma passagem a Luis Clavell dando a noção de pessoa como “*animal liberum*”, como animal livre, onde a liberdade é uma realidade superior da pessoa: entendimento, vontade e realidade espiritual.

A realidade do significado ficou mais enriquecida com o pensamento filosófico-teológico cristão, desde as discussões do conceito de “pessoa” nos primeiros concílios da Igreja, como concílios de Niceia (325), Constantinopla I (381), Éfeso (431), Calcedónia (451) e Constantinopla II (553), com o intento de definir a natureza de Cristo e de Deus como uno e trino. Uno na sua natureza ou substância e trino nas “*hipóstases*” ou “pessoas”. Cristo possui duas naturezas, a divina e a humana, numa só pessoa. Aplicado às pessoas divinas, “*hipóstases*” significa substância completa, existente e subsistente por si mesma. No oriente tem mais força de expressão o termo “*ousia*” que significa o que há de comum entre os indivíduos da mesma espécie (essência ou natureza dessa espécie).

S. Agostinho põe em relevo a inteligência /racionalidade. O homem é pessoa por ser inteligente, dotado de memória e vontade, imagem de Deus uno e trino.

Em S. Tomás coloca-se a pessoa na ordem do ser. A pessoa é “*proteousia*”, substância primeira, de ordem racional. É o ente racional individualmente existente, indivíduo concreto. No pensamento tomista, a “*hipostase*” significa não somente a substância particular concreta, mas sobretudo a substância completa, que em si mesma subsiste, que existe por si, que não se comunica a um outro. A pessoa é o ser mais digno em toda a natureza, por ser precisamente natureza intelectual e ser dotada do mais nobre modo de existir, que é existir por si. “Matéria e alma intelectual constituem uma unidade de tal maneira que o ser de todo o composto é também o ser da mesma alma”¹⁷⁹.

Com Descartes projeta-se uma nova era de reflexão, passando da realidade ontológica para a filosofia da consciência, com a expressão: “*penso, logo existo*”. A pessoa, no pensamento de Descartes, é uma substância pensante. Passando a pessoa a ser vista mais do ponto de vista da consciência do que do ser.

¹⁷⁸ Cf. MELENDO, Tomás - *Las dimensiones de la persona*. Madrid: Ediciones Palabra, 1999. p. 13.

¹⁷⁹ TOMÁS DE AQUINO - *Suma teológica*. São Paulo: Loyola, 2002, v.2, p. 377.

Em Locke, encontramos uma distinção entre “homem” e “pessoa”, dando à pessoa o sentido moral. O que distingue o “ser pessoa” do “ser humano” é a “consciência e a memória”. Mas, Hume defende a passagem do “*cogito*” à “*rés cogitans*”. O “eu” não é substância pensante, mas pura sucessão de fenómenos psíquicos. Em Kant, encontra-se definida a ideia de pessoa no campo prático e moral, sendo pessoa significado de dignidade. O filósofo pensa a pessoa como um “para si”, um absoluto, como dignidade, afirmando que “o homem existe como fim em si mesmo e não puramente como meio”. A personalidade é origem última e o centro do puro dever e do respeito pela lei moral. Em Kant, “o homem só é pessoa quando é depositário da lei moral e dotado de autonomia; nisto se fundamenta a sua dignidade (...) porque, ao contrário dos outros seres, ele só pode ser comparado a si mesmo”¹⁸⁰.

Para Hegel, a moralidade e o direito são momentos do absoluto, deixando a pessoa de ser subsistente. Em que a pessoa sujeito de direito é o estado. Já no marxismo verificamos o domínio da coletividade. A história é um absoluto em detrimento da pessoa, do indivíduo. Está presente um pensamento esvaziado de ser.

Para M. Scheler, o homem é um ser espiritual numa corporeidade e a sua característica fundamental é a sua abertura ao mundo. O homem, enquanto ser espiritual, tem como propriedades a independência e a liberdade diante do determinismo orgânico. Não está submetido aos impulsos nem ao meio, mas sim aberto ao mundo. Só a pessoa é capaz de criar categorias abstratas, de autoconsciência, de vontade pessoal, de transcendência¹⁸¹.

Segundo o pensamento de E. Mounier (no seguimento de Kant), a pessoa é um fim em si mesma e não pode ser vista nem tratada como objeto. Não parte de um todo, não é um princípio abstrato, mas uma atividade vivida de autocriação, de comunicação e de adesão que se apreende e se conhece em seu ato, como movimento de personalização¹⁸².

A pessoa é o único ente “*em si*” que é também “*por si*” e “*para si*”: é o fim para si mesma. A pessoa não é somente ente no meio da realidade, mas também o único ser em relação ao qual a realidade adquire novos significados.

Contudo, é fundamental esclarecer a noção de corporeidade. Esta realidade é um lugar antropológico por excelência que caracteriza a existência humana. A experiência da

¹⁸⁰ FRATTALONE, R. - Pessoa. In *Dicionário de Bioética*. Dir. por LEONE, Salvino; PRIVITERA, Salvatore; CUNHA, Jorge T. Gaia: Editorial Perpétuo Socorro, 2001, p. 838.

¹⁸¹ Cf. ÁLVAREZ PÉREZ, Juan Carlos - Ser humano – persona: planeamiento del problema In Vários autores - *Ser humano, persona y dignidade. Dilemas éticos de la medicina atual*. Madrid: UPC, 2005, p. 30.

¹⁸² Cf. *Ibidem*, p. 31.

realização da pessoa no encontro pleno com o outro. Porque, “o homem como realidade empírica está integrado no imenso quadro da realidade natural que reúne a esfera do inorgânico e do orgânico, do ser vivo vegetal e animal. A tudo isto é que chamamos o ‘homem corpo’”¹⁸³. A corporeidade é a realidade que permite realização na relação com o outro, através de uma abertura e comunicação do “eu” com o “tu”, tornando possível o emergir do “nós”¹⁸⁴.

Ao falarmos de corporeidade é importante esclarecer que não tem nada a ver com a ideia platônica de corpo, da sua dualidade, onde o corpo aprisiona o espírito. Aristóteles procurou dar-nos a ideia do homem como animal racional. Nesta linha, Tomás de Aquino diz que a alma é constitutivo único do homem. “O ser humano enquanto se manifesta exprime-se e realiza-se corporalmente. Historicamente não existe pessoa que não seja um "eu" espiritual-corporal; a corporeidade é a visibilidade atuante do ser humano, único e indiviso”¹⁸⁵.

Toda a realidade relacional do homem passa pela mediação corporal, toda a comunicação é realizada pelo corpo, onde existe uma dinâmica relacional. Toda a sua vivência e experiência são da realização total corporal e espiritual. Toda a história e ação do homem passam necessariamente pelo corpo. Em toda a realidade humana está sempre presente o homem-corpo e o homem-espírito pois são inseparáveis. A pessoa é um todo no seu ser “eu”. A realidade da corporeidade transmite e comunica algo da sua interioridade, quer pela forma verbal, quer pelos próprios sentimentos. Assim, a corporeidade significa as dimensões e totalidade do homem, e também a singularidade de cada pessoa.

O ser pessoa constrói-se e realiza-se na corporeidade, de um dinamismo relacional. Isto é a pessoa não vive no corpo, mas é corpo que vive com expressão relacional, promovendo a comunicação humana. Revelando a sua singularidade, identidade, mas também a totalidade do ser pessoa, o homem por inteiro.

¹⁸³ BOF, G. - Noção de corporeidade. In *Dicionário de Bioética*. Dir. por LEONE, Salvino; PRIVITERA, Salvatore; CUNHA, Jorge Teixeira da. Gaia: Editorial Perpétuo Socorro, 2001, p. 206-207.

¹⁸⁴ Cf. PIANA, G. – Sexualidade. In *Dicionário de Bioética*. Dir. por LEONE, Salvino; PRIVITERA, Salvatore; CUNHA, Jorge T. Gaia: Editorial Perpétuo Socorro, 2001, p.1022.

¹⁸⁵ ROCCHETTA, Carlo - Corporeidade. Abordagem teológica. In *Dicionário interdisciplinar da pastoral da saúde*. Dir. por CINÁ, Giuseppe; LOCCI, Efisio; ROCCHETTA, Carlo; SANDRIN, Luciano (trad. Calisto Vendrame e Leocir Pessini). São Paulo: Paulus, 1999, p. 215.

O homem é necessariamente bom e criado para a liberdade, com acolhimento da graça oferecida por Deus. O homem é imagem e semelhança de Deus, por isso de relação íntima com o criador, que confere dignidade.

Como falamos anteriormente a corporeidade remetemos para um olhar da pessoa como ser de dignidade. Algo que está inerente à própria pessoa humana. A ser digno significa que a pessoa não é coisa, não é meio, não tem preço, é fim em si mesma. Emanuel Kant refere-se a isso dizendo que as coisas têm preço, porque são meios, o homem não é meio, mas fim, e por isso tem dignidade.

O termo dignidade vem do latim: “*dignitate*”, origem no “*dignu*”, honra, nobre. Muitas vezes atribuída à autoridade, ao modo digno de proceder, respeitabilidade, à consciência do próprio valor. Entendida como o meio refere-se ao comportamento, mas entendida como um fim é atribuída a um ser digno, ser racional e livre, como pessoa (Deus revestiu o homem com a sua nobreza, dignidade (*dignu* + *aetate*), reconhecimento diante da criação). Do grego digno (*ἀξιος*), revestido de honra (*ἀξίωμα*) e magestade (*σεμνότης*).

No entanto, “o termo ‘dignidade’ indica um atributo universalmente comum a todos os homens, sem cujo reconhecimento não poderá haver liberdade nem, muito menos, justiça ou paz, uma característica específica que nos coloca num grau superior em relação a todos os outros seres”¹⁸⁶.

Na definição de dignidade – ontológica e ética – são muitos os textos e situações que mencionam o conceito de dignidade humana. Porém não está claro o significado do termo dignidade. Por um lado refere-se à pessoa como algo de sagrado (Séneca) ou então é vista como superioridade. Portanto, “há distintas maneiras de entender a dignidade, desde aquela que procede da própria essência do ser, a que se pode chamar dignidade ontológica, e a dignidade que está enraizada nos atos, dignidade ética”¹⁸⁷. O facto de o ser pessoa tem dignidade, é um direito absoluto que não se pode renunciar. Os seus atos é que podem ser mais dignos ou indignos, que podem dignificar ou não o ser humano. Mas, em nada ferem o essencial da dignidade da pessoa. Dignidade refere-se à intimidade e liberdade.

Em todas as religiões o homem aparece com uma dignidade própria. No texto da Bíblia o homem recebeu uma dignidade própria, que ninguém lha pode tirar. É a criatura a

¹⁸⁶ ARDITA, M. G. – Dignidade humana. In *Dicionário de bioética*. Dir. por LEONE, Salvino; PRIVITERA, Salvatore; CUNHA, Jorge Teixeira da. Gaia: Editorial Perpétuo Socorro, 2001, p. 275.

¹⁸⁷ RIVAS FLORES, Francisco - Dependência e dignidade. In MASIÁ CLAVEL, Juan (Coord.), *Ser humano, persona y dignidad*. Madrid: UPC, Desclée de Braouwer, 2005, p. 135.

que Deus dirigiu a palavra. O homem foi criado à sua imagem e semelhança (Gn 1.26). Portanto a sua dignidade não advém do ato criador de Deus, mas de ser Imagem do próprio Deus. Como que revestido de dignidade.

A dignidade co-implica direitos fundamentais que se impõem e reconhecem como tal. Portanto, na sociedade contemporânea, todo o progresso procura fazer o homem sonhar com uma sociedade mais justa, e progresso económico procura acabar com a pobreza e erradicar a fome, mormente de acabar com o sofrimento, e ser promotora dos direitos e da dignidade humana. Mas, como em todos os progressos existem sempre os contras, existem e criam-se novas injustiças sociais.

A solidariedade é a melhor expressão do reconhecimento da dignidade humana. Porque na fraternidade se reconhece o outro como irmão, como igual em dignidade e igualdade de direitos. A caridade é uma forma de expressão do amor profundo de elevar e restaurar o outro a essa dignidade que muitas vezes é desfigurada pelas contrariedades das relações sociais.

c) Sequência do processo de ensino – aprendizagem e avaliação.

A definição do conceito de “competências” assenta na capacidade de mobilizar conhecimentos, atitudes, comportamentos e capacidades diante dos diferentes contextos de aprendizagem, através da resolução de problemáticas intelectuais ou práticas, e de tomadas de decisões em novas situações, com vista a atingir os objetivos pessoais, sociais e profissionais. Portanto, o aluno desenvolve a suas competências na aplicação ou uso dos saberes adquiridos no contexto da sala de aula, mas principalmente em contextos diversificados. Temos que distinguir as “competências gerais” e as competências específicas”, estas estão relacionadas com aquilo que é específico de cada disciplina e de cada aula, e aquelas relacionadas no contexto geral do sistema nacional de ensino.

A realidade da aula da disciplina de EMRC, com o novo programa, deixa de ser a de uma aula do “tradicional” ensino expositivo de conteúdos a serem memorizados. De um discurso unilateral (do professor para o aluno), transmutou-se para um método experiencial hermenêutico, onde o professor pretende que os alunos assimilem os conteúdos e conhecimentos através da descoberta, da realidade experiencial da vida, onde a exposição e o aluno representam a centralidade da atenção do professor. Este novo modelo acarreta a existência de um misto de partilha de conhecimentos.

Quadro da Planificação da unidade estudada.

PLANO A MÉDIO PRAZO UL 1

UNIDADE TEMÁTICA	6º Ano – UL 1 – A pessoa humana	Nº DE AULAS	6 Aulas
-------------------------	---------------------------------	--------------------	---------

CONTEXTO EDUCATIVO	Turma com 18 alunos, heterogénea ao nível de participação. Dificuldade de pontualidade, pelo facto de não existir intervalo da aula anterior.
---------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

METAS CURRICULARES	Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história. Contributo da Igreja para a construção da comunidade.
---------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

ESQ. HERMENÊUTICO:	Definição do ser pessoa e a sua relação com os outros. As diferentes dimensões da pessoa humana. A pessoa vocacionada à felicidade e autenticidade. Os direitos e deveres da pessoa humana, nomeadamente da criança. Conhecer algumas organizações que promovem a dignidade da pessoa. A relação da pessoa com a transcendência e com os outros.
---------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Temas organizadores	Objetivos	Conteúdos
A questão: quem é a pessoa?	1- Reconhecer a importância da pessoa humana e da sua relação com os outros.	Definição do ser pessoa: quem é a pessoa? - Unicidade do ser pessoa; - Ser de relação com os outros.
Dimensões da pessoa humana: - Dimensão biológica; - Dimensão social; - Dimensão espiritual (dimensão intelectual).	2- Identificar as diferentes dimensões da pessoa humana.	Dimensões da pessoa humana: - Dimensão física: corpo, fisiologia; - Dimensão intelectual: inteligência, imaginação, razão; - Dimensão moral e volitiva: distinção entre bem e mal, escolha; vontade e compromisso; - Dimensão emocional: emoções e sentimentos; - Dimensão social: a relação com os outros; - Dimensão sexual: a sexualidade abrange a totalidade da pessoa (corpo, inteligência, emoção, vontade e afetividade): - A vida emocional deve levar à abertura aos outros, que são diferentes; - A linguagem do corpo ajuda-nos a comunicar com os outros. - Dimensão religiosa (Dimensão espiritual – interioridade e relação com o transcendente): - Filiação divina e primado da criação; - Capacidade de amar e perdoar; - Capacidade de se interrogar sobre a existência; - Capacidade criativa e de vivência da liberdade; - Capacidade de se abrir à transcendência.
Nascemos para ser felizes: - A autenticidade.	3- Valorizar do sentido da vida humana, à luz da mensagem cristã: a vocação à felicidade e	A pessoa criada para a felicidade, exige: - A rutura com o egoísmo e a vivência do amor permitem o crescimento saudável e a realização plena da pessoa;

	autenticidade.	<ul style="list-style-type: none"> - É preciso amar: (Rec. 1 Jo 4, 7-21); - A autenticidade: fidelidade ao próprio projeto (vocação, aceitação de si mesmo, como caminho de realização e felicidade); - A vocação da pessoa é a felicidade (realização, bem-estar, produtividade, relação com os outros, ...): <ul style="list-style-type: none"> - Procurar a coerência entre o que é e o que se aparenta ser; - Ter vontade de ser verdadeiro e de procurar a verdade; - Aceitação de si mesmo (aceitação do outro).
Direitos e deveres da Pessoa humana: - Direitos da criança	4- Identificar e conhecer os direitos e deveres da pessoa humana, nomeadamente da criança, a partir da noção de dignidade humana.	<p>Noção de dignidade da pessoa humana. O ser pessoa é dotado de direitos e deveres, reconhecidos pela sociedade:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O que são direitos e deveres. A liberdade; - Declaração universal dos direitos dos homens (1948); - Convenção sobre os direitos da criança (1989).
Organizações de apoio à Pessoa.	5- Conhecer organizações cristãs e civis de apoio à pessoa. Conhecer a mensagem cristã acerca dos direitos da criança.	<p>Aparecimento de organizações para garantir os direitos.</p> <p>Organizações civis: UNICEF; APPACDM.</p> <p>Organizações da Igreja: Escolas católicas; Instituições de solidariedade.</p> <p>Ficha formativa.</p>
Deus estabelece com o homem uma relação pessoal. “Ser pessoa” é dar condições para que todos sejam “pessoas”.	6- Valorizar a dignidade da pessoa. Perceber como o elemento fulcral da mensagem cristã é o carácter pessoal da relação de Deus com cada ser humano.	<p>Entrega e correção da ficha.</p> <p>Deus dos Cristãos estabelece uma relação pessoal com os homens. Relação que promove a dignidade para que todos sejam pessoas.</p>
Deus, em Jesus fez-se pessoa, assumindo a natureza humana – Natal.	7- Promover as condições para que cada um viva como a pessoa que é.	<p>Como “ser pessoa” e dar condições para que todos sejam “pessoas”:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estabelecer relações cordiais e verdadeiras; - Escutar; Partilhar; Ser atento e amável; - Comunicar bem; Respeitar os outros; - Defender os direitos humanos; Cumprir os seus deveres. <p>Jesus, filho de Deus que se fez pessoa - Natal:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O sentido cristão do Natal. <p>Autoavaliação.</p>

Nesta unidade letiva o professor, por meio de recursos pedagógico-didáticos, deve ser capaz de ajudar o aluno a desenvolver os seus conhecimentos da abrangência do ser “pessoa humana” e da sua dignidade, como ser único e irrepetível, que se conhece a si

mesmo e na relação com o outro. O aluno, em aula¹⁸⁸, questiona-se sobre si, com ajuda dos conteúdos e critérios do pensamento antropológico filosófico-teológico.

Planificação da primeira aula.

PLANO DE AULA 1

ANO/TURMA	6º H	AULA N°	1	UNIDADE	UL 1 – A pessoa humana
------------------	------	----------------	---	----------------	------------------------

DATA HORA	7/10/2015 10.50-11.35	CONCEITOS NUCLEARES	Pessoa. Unidade. Ser de relação.	BREVE CONTEXTO EDUCATIVO	Turma agradável, embora heterogénea a nível de participação.
------------------	--------------------------	----------------------------	----------------------------------------	---------------------------------	--------------------------------------------------------------

OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM	Tp	AVALIAÇÃO
- Conhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros.	- Quem é a pessoa? - Definição do ser pessoa; - Uma unidade irrepetível; - Um ser em relação com os outros.	- Acolhimento dos alunos. - Chamada e verificação do material necessário. - Abertura da lição e registo do sumário no quadro, realizado por um aluno. E transcrição para o caderno diário. - Lançar a pergunta: Muitas vezes ouvimos dizer que somos pessoas. Que ideia temos do ser pessoa? (abrir o diálogo com alunos). Apontar algumas ideias no quadro.	5'	Avaliação formativa. Ter presente a pontualidade e assiduidade.
		- Visualização de Ppts sobre a pessoa. (de uma forma simples e prática, de forma a ajudar os alunos a conhecer melhor a realidade do ser pessoa). - Procurar uma definição de pessoa (de Boécio) com a visão cristã. (referência à origem do termo pessoa - p. 14).	5'	Participação e interesse pelo tema.
- Conhecer a especificidade do ser humano.	- Características que distingue a pessoa dos outros seres vivos: a racionalidade; a comunicação (ling.); a liberdade; os sentimentos; os direitos e deveres; dimensão moral e espiritual. - A dualidade: corpo e alma ou unidade:	- Leitura da Encíclica Deus caritas est. (diálogo sobre a ideia principal). - Atividade da p. 14.	10'	Capacidade e interpretação das imagens.
			5'	Capacidade de interpretação, conhecimento e compreensão dos conteúdos.
			10'	

¹⁸⁸ Flávia Vieira contextualiza: “a aula pode definir-se como um contexto de aprendizagem onde o professor e os alunos se reúnem para uma finalidade comum – a construção de novos saberes” (VIEIRA, Flávia. *Supervisão - Uma prática reflexiva de formação de professores*. Rio Tinto: Edições Asa 1993. p.34.). É um encontro pedagógico de partilha de saberes com a intenção de compreensão do método ensino/aprendizagem. O professor e os alunos desempenham papéis diferentes, um com a tarefa de ensinar e os outros de aprender. O professor, à medida que, vai aprofundando o seu conhecimento, vai construindo o seu currículo pessoal, que é distinto dos outros professores. A formação didática proporciona o encontro pedagógico próprio (Cf. *Ibidem*, p. 48).

- Identificar as dimensões da pessoa humana: a dimensão biológica.	corporal/espiritual. - As diferentes dimensões da pessoa (única e irrepitível): a) Biológica (herança genética, identidade sexual); b) Capacidade de comunicação e de relação para viver em comunidade.	- As dimensões da pessoa podem sintetizar-se em três: a biológica, a social e a espiritual. A biológica nos apresenta características únicas e irrepitíveis. - Síntese da ideia chave do tema ser pessoa, que os alunos transcrevem para o caderno (o ser humano está inserido na sociedade e nela faz a experiência de si e dos outros. Podemos dizer que somos seres únicos e irrepitíveis, um ser de relação, feita na totalidade do nosso ser corpo e espírito, com os outros e com Deus). - Despedida com o acompanhamento à porta.	5' 5'	
SUMÁRIO PROVÁVEL:	A pessoa humana como um ser de relação e comunicação para a comunhão.			
RECURSOS:	Manual do aluno. Projetor.			

Na segunda aula o professor procura transmitir conhecimentos ao aluno acerca das dimensões do ser pessoa, nomeadamente como ser de relação e comunicação. Reflete-se na sua natureza racional, emocional e espiritual, tendo presente a sua dimensão social, como um ser de relação com os outros. Evidencia-se o ser de dimensão espiritual, de relação com o transcendente, tendo presente uma visão cristã da vida, e a importância da vida humana inviolável, fundamentada na “pessoa” como “imagem e semelhança” de Deus.

Planificação da aula 2

PLANO DE AULA 2

ANO/TURMA	6º H	AULA Nº	2	UNIDADE	UL 1 – A pessoa humana
------------------	------	----------------	---	----------------	------------------------

DATA HORA	14/10/2015 10.50-11.35	CONCEITOS NUCLEARES	A dimensão biológica, social e espiritual. Interioridade. Transcendência	BREVE CONTEXTO EDUCATIVO	Turma com dificuldade de participação. Perante uma ideia do ser pessoa, dificuldade de participação.
------------------	---------------------------	----------------------------	--------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------

OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM	Tp	AVALIAÇÃO
		- Acolhimento dos alunos com a chamada. - Abertura da lição e registo do sumário no quadro, com transcrição para o caderno do aluno. - Verificação do material necessário. - Feedback da aula anterior através da participação orientada dos alunos.	5'	Prestar atenção à participação dos alunos.
- Identificar as diferentes dimensões da pessoa, a sua	- As dimensões da pessoa: biológica, a realidade da natureza; a social,	- (mostrar imagens de pessoas e outros seres vivos). Lançar a pergunta: o que sugerem estas imagens? - Visualizar algumas imagens sobre a realidade	5'	Qual a motivação e empenho dos alunos na interpretação das imagens.
			10'	Atenção à leitura

<p>integração social.</p> <p>- Valorizar a relação com o transcendente como exclusiva do ser humano.</p>	<p>a capacidade relacional/ organizativa. Afirmamo-nos pela família e pelos diferentes grupos sociais; temos direitos e deveres; comunicamos por diferentes linguagens; capacidade de criar comunhão; a intelectual, a linguagem e comunicação. A comunicação pelas artes.</p> <p>- Dimensão espiritual: interioridade e abertura à relação com o transcendente. Engloba toda a vida interior: pensamento, vontade, afetividade, consciência moral. Com especificidade a relação com o transcendente.</p>	<p>social, em Ppt, reveladoras da capacidade do homem na sua integração social, como fundamental ao seu crescimento na relação com os outros e consigo mesmo transpondo a vivência espiritual. Proporcionar aos alunos que falem de alguns aspetos sociais que mais lhe chamam à atenção.</p> <p>- Leitura do terceiro parágrafo da p. 18 do manual do aluno, realizada por um aluno. Diálogo com os alunos sobre as vantagens e cuidados a ter com os progressos científicos da sociedade</p> <p>- Explicar o aparecimento das línguas com a história do Kanimanbo, seguida de resposta ao questionário da p. 20).</p> <p>- O que entendemos por dimensão espiritual? A pessoa na relação com o transcendente conhece-se melhor como pessoa. Leitura do texto em caixa da p. 23 (GS 15), feita por um aluno.</p> <p>- Realizar a atividade da p. 23, de forma a perceber melhor a dimensão espiritual.</p> <p>- Síntese: a pessoa humana é por excelência um ser de relação, de abertura aos outros e ao transcendente. As suas capacidades de comunicação ou expressões artísticas permitem a sua realização.</p> <p>- Despedida dos alunos com o acompanhamento à porta da sala.</p>	<p>5'</p> <p>5'</p> <p>10'</p> <p>5'</p>	<p>do texto e trabalho. Capacidade de interpretação e compreensão dos conteúdos.</p> <p>Registo na caderneta do professor</p>
<p>SUMÁRIO PROVÁVEL:</p>		<p>As diferentes dimensões da pessoa humana.</p>		
<p>RECURSOS:</p>		<p>Manual do aluno. Fotos acerca da realidade social.</p>		

A terceira aula tem como objetivo ajudar o aluno a saber ser, sabendo que é chamado à felicidade. Portanto, deve valorizar a vida e a sua relação com os outros, desenvolvendo as suas capacidades de relação com os outros numa cooperação de solidariedade e cooperação e desenvolvendo a consciência na necessidade da partilha e enriquecimento mútuo, numa visão de que o outro é igual em dignidade.

Planificação da aula 3

PLANO DE AULA 3

ANO/TURMA	6º H	AULA Nº	3	UNIDADE	UL 1 – A pessoa humana
-----------	------	---------	---	---------	------------------------

DATA HORA	28-10-2015 10.50-11.35	CONCEITOS NUCLEARES	Felicidade. Autenticidade. Vocação.	BREVE CONTEXTO EDUCATIVO	Turma agradável, embora heterogénea a nível de participação. Explorar o desejo profundo do ser humano para a felicidade.
------------------	---------------------------	----------------------------	-------------------------------------------	---------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM	Tp	AVALIAÇÃO
- Promover a autenticidade como fidelidade ao projeto.	- A pessoa criada para a felicidade: A autenticidade; Aceitação de si mesmo, como caminho de realização e felicidade.	- Acolhimento dos alunos com a chamada. - Abertura da lição e registo do sumário no quadro. Transcrição para o caderno do aluno. - Verificação do material necessário. - Feedback da aula anterior através da participação orientada dos alunos. - Introduzir o tema: a pessoa criada para a felicidade. Realçar que a felicidade depende da autenticidade (ser coerente), do ser ela mesma. Autenticidade como caminho para a felicidade.	5'	Observação informal das atitudes e intervenções dos alunos, ao longo da aula.
- Valorização do sentido da vida humana, à luz da mensagem cristã: a vocação à felicidade.	- Procurar na vocação a própria felicidade, procurando ser verdadeiro, coerente e aceitar-se a si mesmo. E viver a experiência de ser filho amado de Deus.	- Leitura do “Conto do amor” p. 24 (por dois alunos). - Perguntar aos alunos o que lhe chamou mais atenção. Qual a mensagem que podemos retirar do conto? - Atividade da p. 25, como forma de verificar se os alunos perceberam os conteúdos.	5' 5' 10'	Intervenção educativa imediata, nomeadamente quanto ao comportamento e domínio da Língua Portuguesa.
		-Leitura do texto bíblico 1Jo, 4, 7-21, da p. 27 (realizada por 3 alunos). Num diálogo aberto, com os alunos, procurar que eles percebam a mensagem que o texto nos transmite. Pedir aos alunos que escolham a frase lhes chamou mais atenção. Realçar os valores presentes no texto. - Lançar a questão: Será importante para a nossa felicidade a nossa relação com Deus? (diálogo do Miguel e da Maria feito por dois alunos).	10'	Registo das observações na caderneta do professor.
		- Fazer com os alunos uma síntese no quadro que os alunos transcrevem para o caderno. - Terminar a aula com a visualização do PowerPoint: “pequenas e grandes coisas”. (plano b – leitura do texto do manual- “pequenas e grandes coisas”). - Despedida, acompanhamento à porta da sala.	5' 5'	
SUMÁRIO PROVÁVEL:	A vocação da pessoa: Nascemos para ser felizes.			
RECURSOS:	Manual do aluno. Caderno diário. Quadro. Imagens.			

Na aula quatro, no que diz respeito aos conteúdos acerca dos direitos e deveres da pessoa humana, o discente deve ser capaz de analisar e interpretar a sua realidade, entendendo a evolução dos conceitos de pessoa humana ao longo da história; os seus direitos fundamentais conquistados pela sociedade, sem esquecer o olhar crítico onde em

situações histórico-sociais a dignidade e os direitos da pessoa foram lesados. O professor deve ajudar o aluno a desenvolver uma consciência crítica acerca dos fenómenos sociais, nomeadamente em relação à opressão das liberdades e garantias dos direitos. Os acontecimentos passados devem ser interpretados e compreendidos como parte integrante do presente e garantia do amanhã, através de uma leitura hermenêutica cristã da existência.

Planificação da aula 4

PLANO DE AULA 4

ANO/TURMA	6º H	AULA Nº	4	UNIDADE	UL 1 – A pessoa humana
-----------	------	---------	---	---------	------------------------

DATA HORA	11-11-2015 10.50-11.35	CONCEITOS NUCLEARES	Valores. Direitos. Deveres	BREVE CONTEXTO EDUCATIVO	Turma agradável, embora heterogénea a nível de participação. Dificuldade na relação com o texto bíblico.
--------------	---------------------------	------------------------	----------------------------------	--------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------

OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM	Tp	AVALIAÇÃO
- Identificar os direitos e deveres da pessoa, a partir da noção da dignidade humana.	- O ser pessoa é dotado de direitos e deveres, reconhecidos pela sociedade. - O que são direitos e deveres. A liberdade (não significa fazer o que se quer, mas a existência das normas e respeito pelo bem comum).	- Acolhimento dos alunos com a chamada. - Abertura da lição e registo do sumário no quadro. Com transcrição para o caderno do aluno. - Verificação do material necessário. - Feedback da aula anterior através da participação orientada dos alunos.	5'	- Registrar os alunos que têm o caderno em dia.
- Conhecer os direitos da criança.	- Noção de dignidade humana. - A ONU - Organização garante de direitos (Decl. Universal dos direitos humanos, que promove a defesa da dignidade humana (1948)).	- Introduzir o tema: Os direitos e deveres da pessoa humana, num diálogo com os alunos com as perguntas: sabendo que cada um é dotado por direitos e deveres, o que entendemos por direitos? O que entendemos por deveres? - Motivação - visualização do filme sobre: “História dos direitos humanos”. (Plano b - Observação do mapa da história dos direitos e libertação - p. 30 e 31 do manual). - Lançar algumas questões: o que vos chamou mais à atenção no filme? - O que seria uma sociedade em que não fossem respeitados os direitos? - Lançar a pergunta: já ouviram falar da ONU? Que ideia é que têm acerca dessa organização?	5' 15' 10'	- Observar: a atenção, interesse do aluno e participação oral, ao longo da aula e intervenção educativa imediata, nomeadamente quanto ao comportamento e domínio da Língua Portuguesa.
		- Qual o contributo que tiveram os valores cristãos na evolução dos direitos humanos? - Sugerir trabalho (Folha A4 - escrito à mão) de investigação, para avaliação, sobre:	5' 5'	Registo das observações na caderneta do professor.

<p>- Conhecer organizações cristãs e civis de apoio à pessoa. Conhecer a mensagem cristã acerca dos direitos da criança</p>	<p>- Organizações de apoio à pessoa: Organizações civis: Unicef; APPACDM; Organizações da Igreja: Escolas católicas; Instituições de solidariedade.</p>	<p>crianças? - Ler Art. 71 (cidadãos portadores de deficiência), por um aluno. E recolher com os alunos as ideias principais. - Conhecer organizações de apoio à pessoa. - Qual o contributo da Igreja Católica na defesa da criança? - E na família? Leitura da AA 30. - No bem-estar? Leitura GS 26. - Na educação? Leitura GE 1. - Num diálogo aberto com os alunos, tentar perceber quais são as ideias principais destes textos. - Alguns exemplos de organizações da Igreja: Instituições de solidariedade; Casa da Misericórdia; Escolas católicas. O que fazem? (procurar sondar com os alunos o seu conhecimento acerca das instituições que conhecem, nomeadamente na comunidade onde vivem - Síntese (transcrição para o caderno do aluno) acerca do tema: “direitos humanos”- os direitos humanos fundam-se na dignidade da pessoa humana. Exige uma cultura de cidadania, no respeito pela dignidade da pessoa e no bem comum social. Na evolução dos direitos humanos muito contribuíram os valores cristãos. São importantes as associações (Igreja) para garantir os direitos. - Despedida, com acompanhamento à porta.</p>	<p>5’ 10’ 10’ 5’</p>	<p>Língua Portuguesa. Registo das observações na caderneta do professor.</p>
<p>SUMÁRIO PROVÁVEL:</p>	<p>Direitos das crianças. Associações de apoio à pessoa humana.</p>			
<p>RECURSOS:</p>	<p>Manual do aluno. Caderno diário. Quadro.</p>			

A aula seis tem como objetivo procurar suscitar no aluno a sua dimensão espiritual, através de uma consciência clara de que Deus procura uma relação pessoal com o homem. Numa perspetiva, de ajudar o aluno a ter uma abertura para o transcendente e para o outro como pessoa igual em dignidade. Tem ainda como objetivos: destacar a importância da ajuda ao outro a ser pessoa através de uma estrutura de valores humano-cristãos, numa atitude de respeito e dignificação do ser pessoa; procurar alicerces nos valores humanos e cristãos e quanto possível saber enquadrá-los no quotidiano (de forma a regular a sua conduta na relação e conhecimento de si e na relação com os outros, onde se poderá descobrir mais profundamente); e saber aplicar esses alicerces nas situações concretas do seu dia-a-dia, ajudando os outros a serem pessoas.

Planificação da aula 6.

PLANO DE AULA 6

ANO TURMA	6º H	AULA Nº	6	UNIDADE	UL 1 – A pessoa humana
------------------	------	----------------	---	----------------	------------------------

DATA HORA	9-12-2015 10.50-11.35	CONCEITOS NUCLEARES	Relação. Transcendente. Bem comum.	BREVE CONTEXTO EDUCATIVO	Turma com dificuldade de pontualidade, mas motivada a participar. A Vivência escolar do sentido de Natal ajuda a perceber a relação de Deus com o homem.
----------------------	--------------------------	--------------------------------	------------------------------------------	-----------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM	Tp	AVALIAÇÃO
- Valorizar a dignidade da pessoa humana na sua relação com o transcendente e com os outros. -Responsabilizar o ser humano para o bem comum.	- Deus dos Cristãos estabelece uma relação pessoal com os homens. Relação que promove a dignidade para que todos sejam pessoas. - Ser pessoa é dar condições para que todos sejam “pessoa”. O respeito pelos outros começa por se respeitar a si próprio. Todos devemos ser responsáveis por criar condições para a promoção do ser humano.	- Acolhimento dos alunos com a chamada. - Abertura da lição e registo do sumário no quadro, com transcrição para o caderno do aluno. - Verificação do material necessário (recolha dos trabalhos sobre associações). - Feedback da aula anterior através da participação orientada dos alunos. - Lançar o debate com os alunos, acerca da sua ideia de Deus, com a pergunta: Que ideia temos de Deus? - Atividade da p. 42. (de forma a consolidar a matéria). - Leitura do Salmo 139 (por 3 alunos). - Procurar um diálogo com os alunos acerca da mensagem principal do salmo. - Escrever no quadro uma conclusão das ideias principais para passarem para o caderno. - Atividade da p. 44 (fazer um postal). Motivação: Visualização do filme: “Cuerdas”. Realizar um diálogo com os alunos: o que chamou mais à atenção no filme? (procurar orientar o diálogo de forma a que os alunos fiquem com uma ideia clara de que todos devemos ter a vontade de que todos sejam pessoas). - Em forma de resumo da unidade letiva, distribuir o conto: “O valor do anel, o valor da pessoa”, em folha de papel para ser colocado no caderno do aluno. Seguidamente, leitura do mesmo por três alunos. - Focalizar as ideias principais, destacadas no texto, acerca da dignidade e valor da pessoa humana. - Despedida, com acompanhamento à porta da sala.	5’ 15’ 5’ 10’ 10’	Observar: a atenção, interesse do aluno e participação oral, ao longo da aula e intervenção educativa imediata, nomeadamente quanto ao comportamento e domínio da Língua Portuguesa. Registo das observações na caderneta do professor.
SUMÁRIO PROVÁVEL:	Deus estabelece uma relação com o homem. A pessoa deve criar condições para que todos sejam pessoas.			
RECURSOS:	Manual do aluno. Caderno diário. Quadro.			

- Avaliação das aulas.

Quanto à avaliação das aulas, ficam sintetizadas nos seguintes pontos:

A primeira aula iniciou conforme a planificação, com a apresentação do professor, com o acolhimento dos alunos, tendo existido alguma troca de conhecimentos sobre os alunos, e a transcrição do sumário no quadro.

Em seguida, apresentei a unidade a lecionar, fiz um pequeno resumo dos conteúdos a lecionar, e dei início à planificação da primeira aula.

A planificação da aula foi cumprida. Considero que os objetivos propostos para esta aula foram atingidos, a saber: o conceito da pessoa humana como ser único e irrepetível.

Depois de ter lançado a questão em sala de aula: O que entendemos por pessoa? Os alunos tomaram conhecimento de alguns conceitos sobre a pessoa humana, principalmente como ser de relação. Depois os alunos elaboraram uma definição do ser pessoa, a partir do manual. As frases foram transcritas no quadro e os alunos passaram para o caderno.

A respeito dos recursos utilizados, foram expostas algumas imagens, referentes ao manual, no sentido de levar os alunos à descoberta do conceito de ser pessoa. Expliquei que cada pessoa é ser único, mas salientei que é um ser de relação. Esclareci igualmente que a relação também nos ajuda a compreender melhor a identidade.

Conclui esta aula, através de uma síntese feita no diálogo com os alunos e transcrita no quadro sobre os conteúdos dados sobre a pessoa humana.

Os alunos participaram ativamente nas questões que lhes foram colocadas, compreenderam os conteúdos apresentados. Porque quando, no final, questionados sobre aquilo que aprenderam responderam de forma positiva dando a entender que efetivamente tinham assimilado os conteúdos propostos.

Tive sempre presente a preocupação de que todos os alunos participassem na aula. Para isso, ia questionando diferentes alunos sobre os conteúdos novos perguntando-lhes se estavam a compreender o que estava a ser lecionado. Contudo, em alguns casos foi necessário esclarecer melhor os assuntos com alguns exemplos. A planificação foi cumprida dentro do tempo previsto.

Saliento como aspeto a melhorar, o facto de, no contacto com os alunos, ter dificuldade em tratar todos os alunos pelo seu nome. Ficou contudo a expectativa de sanar este aspeto nas aulas seguintes. Outra faceta a melhorar foi o posicionamento em sala de aula, uma vez que a disposição dos alunos em sala é diferente do habitual.

A respeito da avaliação da 2ª aula saliento:

A segunda aula iniciou, conforme a planificação, com o acolhimento dos alunos e transcrição do sumário no quadro: “As dimensões da pessoa humana”. Seguidamente perguntei a um aluno sobre o que tínhamos falado na aula anterior, e quer pela sua resposta quer pelas respostas da ajuda dos colegas, os alunos revelaram que tinham assimilado e compreendido os conteúdos da aula anterior.

O recurso utilizado de imagens em PowerPoint abordou os seguintes conteúdos: as dimensões sociais e espirituais da pessoa. Permitiu estabelecer um diálogo interativo com os alunos, perguntando-lhes o que entendiam sobre: O que é viver em sociedade? Comecei a partir dos conhecimentos dos alunos, para depois poder aprofundar e dar a conhecer o ser humano com capacidade de comunicação. De seguida partimos para a leitura e interpretação do texto do manual.

Após a análise deste recurso estabeleci um diálogo interativo com os alunos, com o objetivo de verificar se os conteúdos apresentados foram apreendidos, nomeadamente se souberam identificar o ser humano com capacidade de linguagem. Seguidamente projetei a imagem de interioridade. Com este recurso, pretendi que os alunos compreendessem que o ser pessoa tem uma dimensão espiritual, com capacidade de abertura ao transcendente.

A planificação foi cumprida e os alunos participaram de uma forma ativa quando foram solicitados. Revelaram que tinham compreendido os conteúdos ao longo da aula, nomeadamente da pessoa como ser espiritual.

Aspetos a melhorar: considero que a aula foi demasiado expositiva, o que levou a que alguns alunos se distraíssem. Foi proposto que na aula seguinte se iriam inserir recursos mais dinâmicos para captar e motivar a atenção dos alunos.

A avaliação da 3ª aula resume-se com o seguinte:

A terceira aula iniciou, conforme a planificação, com o acolhimento dos alunos e transcrição do sumário no quadro. Seguidamente estabeleceu-se um breve diálogo interativo com os alunos, com o objetivo de situar a matéria da aula anterior e verificar se os conteúdos foram apreendidos. Os alunos revelaram ter compreendido e assimilado os conteúdos.

Os objetivos planificados para a aula foram: o ser pessoa é chamado à felicidade, o que depende da sua autenticidade; a força socializadora, através de relações sociais

fundadas nos valores humanos e cristãos, ajuda as pessoas a estarem conscientes da sua própria dignidade de pessoa, sendo acolhidas e reconhecidas.

Posteriormente deu-se início aos conteúdos propostos para esta aula, tendo como objetivo principal destacar a autenticidade do ser pessoa. Foram reafirmados os valores, tais como: carinho, amor, confiança, afeto, proteção, respeito, responsabilidade, solidariedade, entre outros, que são fundamentais para o desenvolvimento humano da pessoa, mormente da criança. Estabeleci um breve diálogo interativo com os alunos, com o objetivo de verificar se os conteúdos estavam a ser compreendidos.

Os alunos compreenderam a importância da vocação à felicidade, de viver em conjunto e de que precisamos sempre uns dos outros. Seguidamente, no manual do aluno, dois alunos leram o texto bíblico 1 Jo 4, 7-23 sobre o amor que devemos ter uns para com os outros. Em seguida procedeu-se ao comentário do texto. Foi evidenciado que estava presente uma função humanizadora, que contém virtudes humanas e cristãs.

No momento seguinte da aula, questionei os alunos sobre o que entenderam pelo desafio do texto: a importância da relação com os outros, de viver em sociedade e ser respeitado em sociedade.

Depois de uma breve síntese, realizada em conjunto, que foi transcrita no quadro e registada no caderno do aluno, a aula terminou com uma motivação em apresentação do PowerPoint: “Pequenas e grandes coisas”.

A planificação foi cumprida e os alunos participaram de uma forma ativa, mostrando-se muito interessados pelas atividades propostas. Verificou-se também, uma maior proximidade entre o professor e os alunos, na medida em que o professor os tratou cada um pelo seu nome.

Aspetos a melhorar: utilização de um discurso mais linear, com um fio condutor para que os alunos possam compreender melhor os conteúdos lecionados.

Quanto à avaliação da 4ª aula:

Na quarta aula os objetivos foram: conduzir os alunos a compreender que a pessoa é sujeito de direitos e deveres. Os conteúdos previstos para esta aula foram os seguintes: reconhecer a conquista dos direitos sociais, que tem como base a dignidade da pessoa humana.

O professor iniciou a aula saudando os alunos, questionando se correu bem a aula anterior, que era de Educação Física, e se ninguém se feriu. Após este acolhimento um aluno ofereceu-se para transcrever o sumário no quadro. Em seguida, foi estabelecido um

breve diálogo interativo com os alunos, onde se verificou que os conteúdos da aula anterior foram apreendidos. Após esta ligação com a aula anterior, o professor iniciou os conteúdos propostos para esta aula e projetou o filme: “A história dos direitos humanos”. Seguidamente estabeleceu um diálogo com os alunos sobre o mesmo filme, acerca da conquista dos direitos realizados pela sociedade.

O professor estabeleceu um debate com os alunos sobre o seu conhecimento a respeito da ONU e sobre os seus objetivos. Seguidamente, tendo como base o manual do aluno, os alunos leram um texto da pág. 32 sobre os objetivos da ONU. E de seguida comentaram o texto, tendo percebido a importância da cooperação entre as nações para garantir os direitos. A aula terminou com uma síntese no quadro, que os alunos transcreveram para o caderno. Foi lançada uma proposta de trabalho para casa: a realização de um texto sobre uma organização que luta pela promoção da pessoa humana.

Aspetos positivos a destacar: cumprimento da planificação; interesse e participação dos alunos nas atividades propostas; empatia do professor com os alunos e vice-versa.

Aspetos a melhorar: um discurso mais linear e sequencial sobre a história dos direitos.

Respeitante à avaliação da 5ª aula salienta-se:

Os objetivos desta aula foram: levar os alunos a “conhecer os direitos das crianças” e também “organizações que lutam pela promoção da pessoa”.

O professor iniciou a aula saudando os alunos, questionando-os se tinha corrido bem a aula anterior. Após este acolhimento, um aluno ofereceu-se para transcrever o sumário no quadro.

De seguida, indagou-se um aluno sobre o que se recordava da aula anterior, com o objetivo de verificar se os conteúdos lecionados na aula anterior foram apreendidos. Então iniciou-se um breve diálogo interativo com todos os alunos, mostrando-se muito participativos, revelando que os conteúdos foram compreendidos e assimilados.

Após esta ligação à aula anterior, o professor iniciou os conteúdos propostos para esta aula e estabeleceu-se o diálogo partindo da seguinte questão: Reconhecem que estão garantidos os direitos das crianças? Os alunos procuraram interagir e demonstraram muito interesse, revelando até algumas experiências de maus tratos a crianças.

Em seguida, procurou-se ler o texto do manual da p.35: “Balada de neve”, de Augusto Gil. Pretendeu-se que os alunos refletissem sobre a questão do sofrimento nas

crianças, e como é preciso fazer algo por elas, pois são inocentes, são as que mais sofrem por serem indefesas, sendo os seus muitas vezes esquecidos. Nessa sequência, foi aludida a necessidade de se garantirem os direitos da pessoa, mesmo os dos deficientes. Portanto, foi mencionado e dado a conhecer os direitos que todos os cidadãos têm, nomeadamente a viver com dignidade, e a não serem esquecidos pela família, nem pela sociedade.

Seguidamente falou-se das organizações que promovem a dignidade da pessoa humana. Pretendeu-se dar a conhecer aos alunos as organizações que zelam pelos direitos, e pelo bem-estar e educação da pessoa. Pois, todos os seres humanos com igual dignidade merecem a atenção de todos, merecem ser amados e respeitados e não ser esquecidos pelas instituições e pela sociedade.

Ao estado cabe a função de garantir o bem-estar de toda a pessoa, nomeadamente das crianças, mas existem organizações (ex.: UNICEF, APPCDM) que promovem o desenvolvimento da pessoa. O professor remeteu para o artigo 71 da Constituição da República Portuguesa, onde se foca a questão dos direitos dos deficientes, assim como para alguns documentos da Igreja católica.

Salienta-se a empatia dos alunos com o professor, o interesse e boa disposição dos alunos na atividades propostas. No entanto, subsistiram aspetos a melhorar, nomeadamente na aplicação do método experiencial hermenêutico¹⁸⁹. Contudo, a planificação foi cumprida.

A avaliação da sexta aula consistiu no seguinte:

Os objetivos planificados da aula, a saber: realçar que Deus estabelece uma relação pessoal com o homem e que este, nessa descoberta, por seu lado, procura criar condições para a dignidade da pessoa.

Ao iniciar a aula com a transcrição do sumário no quadro, procurei ter feedback dos alunos da aula anterior. Verifiquei que tinham assimilado os conteúdos.

Posteriormente deu-se início à lecionação dos conteúdos propostos para esta aula, tendo como objetivo principal destacar a relação de Deus com o homem. Seguidamente os alunos procederam à leitura do salmo 130, que está no manual e fizemos uma reflexão

¹⁸⁹ Método, etimologicamente, quer dizer “caminho para se chegar a um fim”. Representa a maneira de conduzir o pensamento ou ações para se alcançar um objetivo. O método é o que dá sentido de unidade a todos os passos de ensino e aprendizagem (cf. NÉRICI, I. G. - *Introdução à Didática Geral*. 16ª ed. S. Paulo: Editora Atlas s.a, 1991, p 192.). Método experiencial hermenêutico consiste em o professor, num diálogo aberto, partir da experiência dos alunos e conduzir o seu pensamento para a perceção dos conteúdos. de forma a tornar mais eficaz o processo ensino/aprendizagem.

sobre o texto. O professor procurou transmitir aos alunos que o Deus cristão é um Deus que procura a relação com a pessoa humana. Nesta relação o ser pessoa é chamado à felicidade.

Por outro lado, lembrou-se a força socializadora, resultado das relações sociais fundadas nos valores humanos e cristãos, torna as pessoas responsáveis de forma a criar condições para que todos sejam pessoas.

Posteriormente deu-se início à visualização do filme: “Cuerdas”, tendo como objetivo principal destacar a ajuda na promoção da pessoa. Foram referenciados os valores, tais como: carinho, amor, confiança, afeto, proteção, respeito, responsabilidade, solidariedade, entre outros, que são fundamentais para o desenvolvimento humano da pessoa, mormente da criança. Estabeleci um breve diálogo interativo com os alunos, com o objetivo de verificar se os conteúdos estavam a ser compreendidos.

Os alunos compreenderam a importância da solidariedade para criar condições para o bem comum. Foi realçada ainda a relevância de viver em conjunto e a realidade de que precisamos sempre uns dos outros, tendo presente uma função humanizadora e as virtudes humanas e cristãs.

Como síntese da Unidade Letiva Um: “A pessoa humana”, o professor apresentou o texto: “O valor do anel” (valor da dignidade da pessoa), reforçando a mensagem dos conteúdos transmitidos por este recurso do valor da pessoa humana, tendo como objetivo transmitir os valores essenciais para a vida, através de uma função humanizante e humanizadora.

d) Recursos ou documentos enriquecedores.

Concretamente, em relação aos recursos apresentados, procurei usar recursos pertinentes e motivadores de forma a serem eficazes na apresentação dos conteúdos, para uma percepção mais clara dos alunos sobre cada tema apresentado. Desses recursos utilizados para uma melhor compreensão dos conteúdos constou: o manual do aluno; dois filmes retirados da internet, para motivar e fomentar a compreensão dos alunos; o PowerPoint; imagens de revistas; o texto sobre o “valor do anel”. Em alguns casos, procurei reproduzir alguns textos em fotocópias e distribuir pelos alunos, para colocarem no caderno do aluno, de forma a facilitar e conservar a aprendizagem.

Todos os recursos estão devidamente esquematizados nas planificações atrás apresentadas e em Anexo II (Remeto para Anexos e Formato digital).

e) Instrumentos de avaliação.

Os instrumentos de avaliação usados consistiram na avaliação diária e contínua, na observação direta, formal e informal, da participação dos alunos nas aulas, que foram registradas na grelha de observação/registo diário do professor, o que de certa forma facilitou a avaliação final. Também recorri a instrumentos como: trabalhos de casa; trabalhos de grupo, do seu interesse e motivação; o seu desempenho e evolução, como o seu comportamento. No entanto no final realizaram uma ficha de avaliação formativa, que de certa forma facilitou na avaliação mais objetiva de cada aluno.

Matriz da ficha formativa da Unidade Letiva 1 do 6º Ano

Objetivos	Conteúdos	Estrutura da prova	Materiais a usar	Tipologia questões	Critérios de avaliação	Cotação
- Reconhecer a importância da pessoa humana e da sua relação com os outros.	1- Definição do ser pessoa: quem é a pessoa? - Unicidade do ser pessoa; - Ser de relação com os outros.	Grupo 1 1 Questão	Caneta azul ou preta	Respostas objetivas	Conhecimento e compreensão dos conteúdos específicos (termos, fatos, conceitos e princípios)	10 Valores (2 para cada corresp.)
- Identificar as diferentes dimensões da pessoa humana.	2- Dimensões da pessoa humana: - Dimensão física: corpo, fisiologia; - Dimensão intelectual: inteligência, imaginação, razão; - Dimensão moral e volitiva; - Dimensão social: a relação com os outros; - A linguagem do corpo ajuda-nos a comunicar com os outros. - Dimensão religiosa (Dimensão espiritual - transcendente): capacidade de se abrir à transcendência.	Grupo 2 1 Questão		Questões abertas Respostas de desenvolvimento Respostas objetivas, correspondência.	- Critério: respostas corretas e/ou incorretas; capacidade de raciocínio e de síntese nas respostas;	15 Valores

<p>- Valorizar o sentido da vida humana, à luz da mensagem cristã: a vocação à felicidade e autenticidade.</p>	<p>3- A pessoa criada para a felicidade, exige: - A rutura com o egoísmo e a vivência do amor permitem o crescimento saudável e a realização plena da pessoa. - É preciso amar: (Rec. 1 Jo. 4, 7-21). - A autenticidade: fidelidade ao próprio. - Procurar a coerência entre o que é e o que se aparenta ser; - Aceitação de si mesmo. (aceitação do outro).</p>	<p>Grupo 3 1 Questão</p>		<p>Respostas de desenvolvimento</p>	<p>Interpretação e aplicação - critérios: capacidade de confronto crítico e discernimento moral demonstrando domínio da língua materna.</p>	<p>25 Valores</p>
<p>- Identificar e conhecer os direitos e deveres da pessoa humana, nomeadamente da criança, a partir da noção de dignidade humana.</p>	<p>4- O ser pessoa é dotado de direitos e deveres, reconhecidos pela sociedade. - O que são direitos e deveres. A liberdade. - Declaração universal dos direitos dos homens (1948). - Convenção sobre os direitos da criança (1989).</p>	<p>Grupo 4 1 Questão</p>		<p>Resposta objetiva</p>		<p>20 Valores</p>
<p>- Conhecer organizações cristãs e civis de apoio à pessoa. Conhecer a mensagem cristã acerca dos direitos da criança.</p>	<p>5- O desempenho realizado pelas organizações civis: UNICEF; APPACDM. - Organizações da Igreja: Escolas católicas; Instituições de solidariedade. Para a garantia dos direitos da pessoa.</p>	<p>Grupo 5 1 Questão</p>		<p>Questões direcionadas. Respostas de desenvolvimento.</p>		<p>20 Valores</p>
					<p>Organização das ideias e apresentação escrita</p>	<p>10 Valores</p>

Ficha formativa de avaliação de conhecimentos da Unidade Letiva 1 do 6º Ano de escolaridade (corrigida):

Agrupamento de Escolas EB 2/3 de Vallis Longus

Ficha avaliação de EMRC – 6º H- 1º Período – 2 de Dezembro de 2015

Nome: _____ Ano: _____ Turma: _____ N° _____

Class.: _____

O Professor: _____ O Enc. Educação: _____

Caro aluno! Ao longo desta unidade letiva um descobriste o que é a pessoa humana, quer as suas dimensões, como ser de relação e com seus direitos e deveres. Ficaste a conhecer algumas organizações que defendem e promovem os direitos e a dignidade da vida humana. E que Deus estabelece uma relação pessoal com os homens.

Tendo presente estas ideias procura responder às questões que se seguem.

1 – Perante o que aprendeste sobre a pessoa humana preenche o texto que se segue, recorrendo ao banco de palavras do quadro.

Humano / Pessoa / duas / espírito
Espiritual / único / unidade / alma

Na Grécia antiga, pensava-se que o ser pessoa era composto por duas dimensões: o corpo e alma. Mas para o pensamento cristão, estas duas realidades - corporal e espiritual - são inseparáveis. O ser humano é compreendido como uma unidade corpo-espírito. Assim, cada pessoa é um ser irrepitível, único e insubstituível.

2 – Faz corresponder as dimensões da pessoa humana às frases que se seguem.

- | | | |
|-------------------------|----|---------------------------------------------------|
| 1 - Dimensão biológica. | _2 | a) Promove a minha relação com os outros. |
| | _3 | b) Distingue o ser pessoa dos outros seres vivos. |
| 2- Dimensão Social. | _1 | c) Identidade sexual. |
| | _3 | d) Proporciona a abertura e relação com o Deus. |
| 3- Dimensão Espiritual | _2 | e) Ajuda a construir a comunidade e associações. |
| | _3 | f) Capacidade de amar. |

3 – Explica, por palavras tuas, o sentido da frase: “cada pessoa vale pelo que é e não pelo que tem”.

O ser pessoa procura realizar-se de muitas formas, cada um escolhe a melhor forma de se sentir realizado. Porém, na sociedade em que vivemos, existe uma preocupação com o ter, centrando a sua riqueza ou valorização pessoal nas coisas, que embora necessárias, são secundárias ao ser humano. Mas, na verdade, a riqueza pessoal não se encontra nos bens, mas nos valores, na cultura, que cada pessoa procura ser e viver. O ser humano deve procurar a sua felicidade e realização na grandeza do seu ser. Deve existir um grande equilíbrio entre o interior da pessoa e o seu exterior. Procurar sempre enriquecer o seu interior.

4 – Aprendeste que o respeito pelos direitos humanos são fundamentais para a promoção da dignidade humana. Mas, muitas vezes esses direitos não foram respeitados, o que levou ao aparecimento de organizações de apoio à pessoa para garantir os seus direitos. Enumera quais os objetivos, que após a segunda guerra mundial, levaram à criação da ONU?

- 1 - __ Promover a paz ____.
- 2 - __ Proteger os direitos humanos ____.
- 3 - __ Fomentar o desenvolvimento económico e social ____.
- 4 - __ Estimular a autonomia dos povos e reforçar laços ente as nações ____.

5 – Elabora, por palavras tuas, um pequeno texto acerca dos objetivos da Unicef?

Os objetivos da UNICEF concretizam-se na defesa e salvaguarda dos direitos das crianças. Tendo por base o lema: “Para todas as crianças saúde, educação, igualdade e proteção”. Procurando garantir que os estados que assinaram a convenção sobre os direitos das crianças os apliquem. Alertar as consciências e as nações para a não discriminação das crianças, e o seu superior interesse, de forma a garantir os serviços básicos e igualdade de oportunidades, tendo presente a opinião das crianças e fazendo ouvir a sua voz. Procura garantir o direito à sobrevivência, ao desenvolvimento, à proteção e participação, no respeito pelo direito das crianças.

3.3. Reflexão crítica da Gestão do Currículo.

A Unidade Letiva um: “A pessoa humana” foi planificada para ser lecionada em seis aulas. A duração das aulas foram de apenas quarenta e cinco minutos, e como não havia intervalo, muitas vezes os alunos chegavam atrasados da aula anterior, e que para dificultar mais as coisas vinham da disciplina de educação física. Por este motivo, houve a necessidade de sintetizar alguns conteúdos, para não alargar mais o número de aulas previstas.

Nas aulas, tive sempre a preocupação, de seguir uma sequência lógica de planificação, proporcionando uma lecionação do processo ensino-aprendizagem com sentido, e um fio condutor.

Concretamente, em relação às aulas, iniciaram-se com a apresentação aos alunos da unidade didática, informando-os dos conteúdos que lhes iria transmitir sobre a Pessoa humana ao longo das seis aulas programadas.

No processo de ensino-aprendizagem, pretendeu-se atingir a meta B: “construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história”, que está contextualizada no domínio da “Religião e da experiência religiosa”, mas também tendo a contribuição da interdisciplinaridade, para que os alunos compreendessem melhor estes conteúdos (mas melhor se enquadrava no segundo período, em troca com a unidade dois).

Na primeira aula, foi importante que os alunos compreendessem o significado do ser pessoa, identificassem a sua importância, como ser único e irrepetível e capaz de relação, quer pessoal, quer com os outros e com o transcendente.

Podemos salientar que os alunos se sentiram interessados pelo tema, embora com algumas dificuldades de compreensão, mas participaram ativamente nas questões que lhes foram colocadas, procurando eles mesmos colocar outras questões para melhor serem esclarecidos. Desta forma, quando questionados sobre o que aprenderam responderam afirmativamente dando a entender que tinham compreendido e assimilado os conteúdos propostos.

Houve da parte do professor a preocupação para que todos os alunos participassem nas aulas, através de questões direcionadas a um aluno específico ou para a turma em geral, de forma a saber se os alunos compreendiam os conteúdos que estavam a ser lecionados.

Concretamente, em relação à planificação, pode-se dizer que foi cumprida dentro do tempo previsto.

Pertinência pedagógica:

Ao procurar lecionar esta unidade letiva é fundamental questionarmo-nos acerca da sua pertinência pedagógica, isto é se está enquadrada na realidade do aluno, se vai ao encontro das suas capacidades, idade, sabendo que está no início das grandes transformações físicas, mentais e emocionais. Constatou-se que esta unidade pode proporcionar um amadurecimento da personalidade. Mas, para que tudo isso se proporcione é necessário que os conteúdos e estratégias transmitidas em sala de aula, devam ir ao encontro da realidade do aluno, ir além da relação com os familiares e partir para uma abertura à relação com os amigos, de abertura ao outro, É fundamental também que esses conteúdos devam oferecer uma melhor compreensão da relação com o transcendente, o seu sentido espiritual, de forma a tornar a aula mais motivante e a proporcionar aprendizagens significativas.

Relativamente às características específicas dos alunos do 6º ano, em média com 11 anos de idade, foi possível notar em determinados alunos características psicológicas de alguma instabilidade, inquietude, com alguma insegurança, no seu percurso de descoberta de si mesmo e da relação com os outros.

O aluno do pensamento objetivo (operações concretas) passa para o pensamento mais abstrato (operações formais) dos 11 aos 16 anos (Psicologia Educacional). Nesta idade “uma outra mudança extremamente importante é a capacidade do adolescente para pensar sobre o seu próprio pensamento e sobre o pensamento dos outros. Esta nova

capacidade é designada pelo termo metacognição. Esta forma de autorreflexão permite um amplo alargamento da imaginação. As ideias podem ser experimentadas a nível mental. Adicionalmente, os adolescentes podem tomar consciência da forma como conhecem para além daquilo que conhecem.”¹⁹⁰ Subsequentemente, os adolescentes, mais conscientes de si começam a conceber as interrogações existenciais próprias, da capacidade de relação com os outros e com o transcendente. É o momento de começar a vincar a sua personalidade.

Mas questionamo-nos se será o momento mais pertinente para lecionar esta unidade letiva? E aplicando a forma como ela se desenvolve? Poderia dizer-se que sim, mas é meu ensejo propor um melhor enquadramento desta unidade letiva, no contexto e confronto com as outras disciplinas, procurando um melhor esclarecimento sobre este assunto, com o objetivo de um enriquecimento do percurso da reflexão antropológica.

Assim, de acordo com os saberes das várias disciplinas lecionadas no 6º ano, poderíamos enquadrar e compreender melhor o tema num diálogo interdisciplinar com os seus respetivos conteúdos:

-História e Geografia de Portugal¹⁹¹

Evoca a realidade das reformas provocadas pelo homem e descreve Portugal no séc. XIX e XX e Portugal hoje, com a exposição de todas as revoluções, a luta do proletariado, a 1ª república, o estado novo e o 25 de Abril de 1974 (na Europa, a luta pela liberdade).

- Português¹⁹²

Inclui atividades de interpretação de textos com um olhar para a pessoa (ex. Borbulhas” e “ Rosa, minha irmã rosa”), numa planificação curricular voltada para a descoberta do “eu” como ser pessoa, de um olhar para dentro, mas também de um olhar para o outro.

- Ciências¹⁹³

O conteúdo programático da disciplina de Ciências abrange:

Domínio I – Processos vitais comuns aos seres vivos

1.1. Importância da alimentação

1.2. Processo digestivo do ser humano

¹⁹⁰ Cf. SPRINTHALL, N. A.; SPRINTHALL, R. C. - *Psicologia Educacional*. Lisboa: Editora McGraw-Hill, 1993. p. 112.

¹⁹¹ Cf. Manual de História do aluno do 6º ano.

¹⁹² Cf. Manual de Português do aluno do 6º ano.

¹⁹³ Cf. Manual de Ciências do aluno do 6º ano.

1.3..... 1.4. 1.5.

1.6. Estrutura e funcionamento do sistema respiratório.... Cardiovascular....
Urinário.

3. Transmissão da vida: reprodução dos seres

Domínio II – Higiene e problemas sociais

Perante este panorama interdisciplinar penso que a disciplina de EMRC está enquadrada a nível de currículo escolar.

Acresce que a unidade letiva é a porta para uma consciência clara da dignidade da pessoa humana, que vai acompanhar todas as unidades letivas dos anos seguintes, nomeadamente a primeira unidade letiva do 9º ano (“A dignidade da pessoa humana”), de forma a compreender melhor a pessoa como um ser de relação.

Dentro desta pertinência curricular devemos questionar sobre a estrutura apresentada. Pois será que os conteúdos vão de encontro às inquietações reais dos alunos? Não precisa de um ajuste mais lógico para uma melhor compreensão por parte do aluno? Penso que poderá ser melhor ajustada à lógica do pensamento dos adolescentes. Assim, nesta proposta procuro fazer uma análise crítica construtiva da estrutura, para uma melhor adequação à realidade dos alunos e à própria totalidade do programa.

Proposta para a Unidade Letiva 1

6º Ano – Unidade Letiva 1 – A pessoa humana		
Metas	Objetivos	Conteúdos
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa humana	1. <i>[Identificar as diferentes dimensões da pessoa]</i>	<i>Quem é a pessoa?</i> <i>As dimensões da pessoa humana:</i> <ul style="list-style-type: none">- <i>Dimensão física: corporeidade, fisiologia;</i>- <i>Dimensão psíquica: intelectual, moral e volitiva;</i>- <i>Dimensão social: relação com os outros;</i><ul style="list-style-type: none">• <i>Dimensão afetiva: sentimental, emocional e sexual;</i>- <i>Dimensão espiritual: relação transcendental (eu-tu...);</i><ul style="list-style-type: none">• <i>Dimensão religiosa: relação vivencial (culto com o transcendente.</i>
	2. <i>[Reconhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros, valorizando a relação com o transcendente]</i>	<ul style="list-style-type: none">- <i>Uma unidade irrepetível.</i>- <i>Um ser em relação com os outros.</i>- <i>Um ser em relação com o transcendente.</i>- <i>Dimensão religiosa:</i><ul style="list-style-type: none">• <i>Capacidade de se interrogar sobre a existência [Espiritual];</i>• <i>Capacidade criativa e de vivência da liberdade;</i>• <i>Capacidade de se abrir à transcendência (e</i>

		<p><i>cristã</i>);</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Filiação divina e primado da criação</i>; • <i>Capacidade de amar e perdoar</i>.
G. <i>[Conhecer os valores humanos e evangélicos]</i> Identificar os valores evangélicos.	3. Promover a autenticidade como fidelidade ao próprio projeto [vocação]	<p>- A ruptura com o egoísmo e a vivência do amor permitem o crescimento saudável e a realização plena da pessoa;</p> <p>- É preciso amar: [1 Jo 4, 7-21. – <i>É um recurso</i>];</p> <p>- A autenticidade: fidelidade ao próprio projeto (vocação);</p> <p>- A vocação da pessoa é a felicidade (realização, bem-estar, produtividade, relação com os outros, ...):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Procurar a coerência entre o que é e o que se aparenta ser; • Ter vontade de ser verdadeiro e de procurar a verdade; • Aceitação de si mesmo (<i>aceitação do outro</i>).
	4. Identificar os direitos fundamentais da pessoa, <i>[e nomeadamente da criança]</i> , a partir da noção da dignidade humana.	<p>- <i>[Noção de dignidade humana]</i>;</p> <p>- O ser humano é dotado de direitos e deveres, reconhecidos pela sociedade:</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>[Rec. - A declaração universal dos direitos do homem];</i> • <i>[Rec. - A convenção sobre os direitos da criança.]</i>
I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo na construção da sociedade.	5. Conhecer organizações <i>[civis]</i> católicas que trabalham pela promoção da dignidade humana.	<p>- Organizações locais que lutam pela construção de um mundo onde todos tenham condições de existência dignas; <i>[Quais as organizações?]</i></p> <p>- A Igreja católica defende os direitos das crianças, entre outros <i>[que estão inseridos nos direitos:]</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • À família (Rec. <i>[Familiaris Consortio]</i>, 26); • Ao bem-comum (Rec. <i>[Gaudium et Spes]</i>, 26); • À educação (Rec. <i>[Gravissimum Educationis]</i>, 1); <p>- O contributo da Igreja Católica nos cuidados:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Assistenciais; - de saúde; - da educação.
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e catolicismo.	6. Perceber como o elemento fulcral da mensagem cristã é o caráter pessoal da relação de Deus com cada ser humano.	<p>- <i>[A experiência humana na procura de Deus. E a experiência humana de um Deus que procura o homem]</i>;</p> <p>- Deus estabelece com todos uma relação pessoal: <i>[Rec. SI 139 (138)]</i>;</p>
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	7. Promover as condições para que cada um viva como a pessoa que é.	<p>- Como “ser pessoa” e dar condições para que todos sejam “pessoas” <i>[Fomentar atitudes responsáveis humano/cristãs como:]</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Estabelecer relações cordiais e verdadeiras; • Escutar; - Partilhar; - Ser atento e amável; - Comunicar bem; • Respeitar os outros; • Defender os direitos humanos; - Cumprir os seus direitos; • <i>[solidariedade e caridade]</i>.

A nível de capacidade de aquisição de conhecimentos julgo que esta proposta é demasiado densa para o grupo etário. Por outro lado, o tema da pessoa e a sua dignidade irá ser desenvolvido no 9º ano. No entanto, lecionar este tema no 6º ano é de pertinência para abrir caminho a uma consciência do ser pessoa e da singular importância da sua

dignidade, temas para mais tarde serão reforçados. Assim, não deixa de ser pertinente lançar o desafio da sua dimensão espiritual.

Concretamente, com base na visão psicológica, poder-se-ia dizer que a idade ideal para abordar estes conhecimentos seria o grupo dos 11 a 12 anos. Pela minha experiência talvez tendesse mais para os 12 anos.

Assim, de acordo com a Psicologia o estágio operacional concreto, o terceiro estágio de desenvolvimento cognitivo de Piaget, situa-se aproximadamente entre os 7 e os 11 anos de idade. Nesse estágio a criança consegue agora raciocinar logicamente sobre eventos concretos e classificar objetos em diferentes conjunturas e revela habilidade de combinar relações de forma lógica¹⁹⁴.

No estágio a seguir, o estágio lógico-formal, dos 11 aos 15 anos de idade até à maturidade, o adolescente vai além do raciocínio baseado apenas em experiências concretas e raciocina de forma mais abstrata, idealista e lógica¹⁹⁵.

A autora Eleanor Neimark chama a atenção para o facto de “conceitos como os de amor, país, pais, mudarem de significado com a idade. Da mesma forma, incitar as crianças a dizerem (isto é, memorizarem) definições tão abstratas não significa que generalizam o que aprendem. Assim, é preferível que os professores esperem até ao início da puberdade e das operações formais para realmente começarem uma instrução que promova a formação de conceitos abstratos”¹⁹⁶.

3.4. Atividades de Enriquecimento Curricular e de integração na comunidade educativa.

As atividades de enriquecimento curricular são de extrema importância, para o conhecimento dos alunos e também para o aumento cultural do professor. É uma forma, muitas vezes lúdica, realizada com criatividade para proporcionar a motivação para um maior desenvolvimento das aprendizagens. Todavia, requer: uma boa planificação e uma exploração pedagógico-didática com qualidade.

a) Justificação.

Concretamente, todos sabem que o conhecimento do aluno deve envolver a parte prática, um conhecimento que vai para além da sala de aula, por isso se justifica a

¹⁹⁴ SANTROCK, J. - *Psicologia educacional*. 3ª ed. São Paulo: McGraw Hill, 2009. p. 42-43.

¹⁹⁵ *Ibidem*, p. 44.

¹⁹⁶ *Ibidem*, p. 111.

proposta e planificação no início do ano de Atividades de Enriquecimento Curricular, de forma a situar o aluno na sua circunstância e contexto sociocultural.

Dentre as atividades que estava previsto organizar estava incluída a Visita de estudo a Lisboa, apesar da minha pequena colaboração na organização, acabei por ser mais um participante ativo.

As atividades em que participei foram: Visita de estudo a Singeverga; a “caminho da páscoa”; visita de estudo a lisboa, com o título: “Descobrir o sagrado”; XIV Encontro dos alunos de EMRC. (ver anexo III ou formato digital)

Ficou a faltar uma atividade intercurricular, que poderia enriquecer mais o estágio.

b) Planificações.

As planificações estão bem apresentadas em anexo III (suporte digital). Aqui apenas apresento uma síntese das planificações.

Visita de Estudo a Lisboa (31 de março a 1 de abril):

Objetivos	Consolidar os conhecimentos adquiridos em aula; Confrontar aspetos similares e divergentes entre as religiões; Promover o diálogo e uma abertura de horizontes culturais e religiosos; Conhecer os espaços onde se desenvolvem as diferentes práticas religiosas; Promover o convívio dos alunos entre si e com os professores.
Metas do PE	Reforço da motivação para o processo de ensino/aprendizagem; melhorar as relações de convívio reduzindo a indisciplina.
Atividade (descrição)	Os alunos estarão numa sessão debate com o líder religioso da comunidade Islâmica e visitarão com ele a Mesquita; terão visita guiada ao Mosteiro dos Jerónimos; Terão ainda oportunidade de visitar a Sé de Lisboa, o Castelo de S. Jorge e fazer uma caminhada pela zona histórica de Lisboa e uma outra pelo Parque das Nações. Visitarão ainda o Templo Hindú e o Mosteiro de Mafra.
Recursos	Autocarro. Instalações do Colégio Marista.
Destinatários	Alunos do 8º ano.

Planificação do XIV Encontro regional dos alunos de EMRC (6 de maio):

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> - Combater o individualismo, próprio de uma geração pós-moderna, que se esconde atrás dos gadgets e que apresenta um défice nas relações humanas; - Cultivar as relações interpessoais num acontecimento que envolve, num mesmo espaço, cerca de 15 mil alunos, que comungam do mesmo sentir e sem complexos se afirma no mundo escolar; - Sensibilizar para os valores do convívio, da amizade e do sentido de responsabilidade; - Proporcionar aos alunos que se matriculam nesta disciplina um dia diferente que motive a continuidade escolar das aprendizagens.
Metas do PE	<ul style="list-style-type: none"> - Contribuir para a formação integral e integrada das crianças/alunos respeitando a diversidade de cada indivíduo, privilegiando o civismo, a criatividade e a autonomia, no sentido de educar para a cidadania e promover a inclusão. - Contribuir para a criação de ambientes de aprendizagem que considerem o aluno/criança como Pessoa com características físicas, emocionais e psicológicas únicas.
Atividade (descrição)	<p>Durante a manhã participação livre sob a orientação dos professores nas diferentes atividades ao dispor dos alunos (paintball, escala, rapel, insufláveis, demonstração com cães da PSP, triciclos, campos de voleibol e de futebol, animação de rua, autógrafos de um piloto de ralis, etc) e de tarde a atração, no palco principal, com um grupo musical de relevo mas que ao momento não se sabe quem serão.</p>
Recursos	Autocarro.
Destinatários	Alunos de EMRC (7º ano).

3.5. Balanço crítico do desempenho.

Concretamente toda a avaliação é um processo contínuo (sempre iniciado e as vezes sem termo à vista), que incide sobre o ensino-aprendizagem e as competências desenvolvidas definidas no currículo.

Mormente, quando estamos perante a avaliação referimo-nos à avaliação dos alunos, dos resultados que foram obtidos ao longo do processo ensino-aprendizagem.

Mas, também é pertinente fazer avaliação do trabalho desempenhado pelo professor. O que sem dúvida será um caminho para o seu sucesso.

A própria gestão participada da aula foi favorecendo o ensino-aprendizagem, e a apresentação dos trabalhos em aula de cada unidade letiva permitiu desenvolver as competências de cada aluno, assim como foi facilitadora do processo de partilha de aprendizagem por parte dos colegas.

No entanto, há que realçar as aprendizagens que foram realizadas com excelente espírito crítico por parte do professor, e que contribuíram em muito para abrir novos horizontes, que, estou certo, serão uma mais-valia no profissionalismo. Para além, do espírito crítico, esteve sempre presente o método experiencial hermenêutico, que permitiu que todas as dúvidas fossem tiradas. Assim, como uma adequada orientação ao desenvolvimento das aulas práticas.

Reconheço que foi um desafio muito interessante ao longo de todo o ano, que permitiu desenvolver aprendizagens e competências para a lecionação. Principalmente pela abordagem das matérias e conteúdos nos mais diversos pontos de vista, que ajudou imenso a ter uma perspetiva mais abrangente e esclarecedora da função do professor. E onde se procurou uma reflexão apurada, sempre com espírito crítico, para aprofundar os conhecimentos.

Concretamente, em relação à avaliação que se pode fazer no final do ano, à que salientar todo o apoio dado pelo orientador de estágio em todo desenvolvimento e evolução do ensino-aprendizagem, fruto da qualidade e do seu conhecimento científico. Assim, como é importante realçar a disposição de todo o grupo de núcleo numa constante procura humilde de aprender e partilhar as experiências de ensinar. Existiu um agradável ambiente de trabalho, com uma grande fundamentação crítica sobre toda a matéria dada.

Em relação às aulas dadas, acresce dizer, que posso fazer um balanço positivo, demonstrado na dinâmica do trabalho, no sentido crítico e assíduo, numa procura da diversidade de estratégias, para que os alunos pudessem aprender os conteúdos que se pretendia que adquirissem. No entanto este trabalho foi desenvolvido com algumas dificuldades, primeiro pelo facto de ser um programa novo, pelos novos manuais e por outro pela pequena quantidade de material de apoio.

As características da turma favoreceram a relação ensino-aprendizagem. Contudo, tiveram alguns atrasos ao início da aula, devido a não terem intervalo e a estarem condicionados a vir da aula de educação física, o que se tornou uma situação incontornável em matéria de pontualidade. Mas, sempre procuraram aproveitar o tempo

da melhor maneira possível, tendo-se destacado a interajuda entre todos, nomeadamente nos trabalhos de grupo. Embora, se notasse algum individualismo.

Na relação com os alunos, penso que a minha postura descontraída, com algum profissionalismo, ajudou a uma grande aproximação dos alunos e à sua participação em aula. Estes demonstraram claramente ter conhecimento da matéria dada e capacidade de assimilação de novos conteúdos.

No entanto, tenho que realçar que senti muitas dificuldades em transmitir a matéria de forma clara, compreensiva e motivadora para o aluno. Porque o conhecimento do docente deve ser o mais amplo possível quer pedagógica quer cientificamente nas unidades que lecionei. Seria necessário tornar as aulas mais motivadoras, despertando maior interesse nos alunos para as diversas temáticas.

Quanto à planificação das aulas, existiu sempre a preocupação de seguir as metas estabelecidas para cada aula, tendo plena consciência de que muitas vezes não foram alcançadas, por motivo de falta de pontualidade, por parte dos alunos, mas principalmente por falta de uma linguagem mais adequada a alunos do sexto ano. Procurei, através de estratégias diversificadas transmitir os conteúdos, havendo sempre dificuldade de adaptação à sua idade. No entanto, julgo que, através da apresentação dos textos do manual, alguns vídeos, PowerPoint, alguns trabalhos de grupo e trabalhos individuais para casa, os conteúdos foram apreendidos.

Quanto aos objetivos senti alguma dificuldade em que fossem alcançados por todos os alunos. Por um lado, por alguma dificuldade de alguns alunos, por outro pela minha dificuldade em utilizar uma linguagem acessível à sua idade.

É de salientar, no entanto, o grande profissionalismo e autoridade do professor orientador que se mostrou cooperante, no decorrer de todas as aulas, e que muito contribuiu para que as aulas decorressem com normalidade e os alunos fossem participativos. Assim como o grande contributo pelas dicas que foi dando nas reuniões de núcleo, que foram de extrema importância para o nosso progresso ensino-aprendizagem.

Saliento também a ação positiva dos colegas de núcleo de estágio que, em cada aula, muito contribuíram para a minha crescente evolução profissional e humana na relação com os alunos.

Destaco ainda a importância do nosso núcleo ter tido a oportunidade de assistir às aulas do professor orientador, profissional muito competente e com grande experiência, o que nos proporcionou imenso o conhecimento do saber estar em aula, do uso da

autoridade, da capacidade de motivação e a competência científica, o que constituiu um grande contributo para a nossa experiência e aprendizagem.

Em síntese, reconheço que foi um desafio muito interessante ao longo de todo o ano, que permitiu desenvolver aprendizagens e competências para as aulas. Principalmente pela abordagem das matéria e conteúdos nos mais diversos pontos de vista, que nos ajudou imenso a ter uma perspetiva mais abrangente e esclarecedora da função do professor. E onde se procurou uma reflexão apurada, sempre com espírito crítico, para aprofundar os conhecimentos.

Relativamente ao trabalho por mim realizado procurei empenhar-me ao máximo, com grande dedicação no trabalho desenrolado ao longo do seminário. Sei que poderia ter ido mais longe na fundamentação de alguns conceitos e propostas apresentadas. Apesar das dificuldade no desempenho, pelo fato de estar afastado há alguns anos do ensino, a caminhada foi-se concretizando e abri horizontes para começar de novo, porque a meta é sempre um eterno recomeço. Nomeadamente neste caminho de perfeição que é a profissionalização do docente.

Conclusão

Relativamente ao tema escolhido, a dignidade da pessoa humana no confronto com o sofrimento, numa procura do mistério da perseverança da dignidade, assenta na base da “imagem de Deus” que existe no homem. Contudo, sabemos que o sofrimento degrada essa “imagem”, a dignidade do ser humano. Por isso, apesar de ser um tema muitas vezes até já disseminado demais, é sempre um tema atual, que precisa de se adaptar e evoluir, em conformidade com a evolução do homem, o que é até justificado pelos grandes atentados e abusos que se colocam à dignidade.

Por isso, ao pretender com este trabalho solidificar as bases da dignidade da pessoa humana, de forma a estruturar uma base sólida da dignidade para todos os problemas que constantemente se colocam à pessoa humana e à sua dignidade, penso que consegui dar um passo em frente para que o homem tome consciência da sua dignidade, realidade sempre necessária e suscetível de atualização a cada geração.

O ser humano precisa de cada vez mais reavivar o sentido da dignidade humana, de encontrar solidez na conceção da dignidade da pessoa, e de respeitar a dignidade do próximo. Não chega muitas vezes que a dignidade esteja contemplada na Constituição, ou nos direitos humanos como atributo da pessoa humana, porque ela é mais do que atributo, pois faz parte da constituição, melhor, faz parte da essência da pessoa humana. A pessoa humana diferencia-se dos outros seres como pessoa inteligente, consciente, espiritual e de dignidade, que não é só inerente, mas também imanente.

A pessoa humana tem em si mesmo o desejo de viver, e se possível de forma plena, mesmo perante as contradições da sua própria vida como são o mal, a injustiça, a solidão, a dor, sofrimento e até a morte. Apesar do drama de finitude sabe, também, que muitas vezes esse viver e solução de complexidade passa por uma relação de solidariedade com outro, passa pelo amor. Por outro lado, dentro do desejo de viver e amar existe um desejo, como que insaciável, de conhecer. O homem empreende em si o desejo de saber mais, de uma busca da verdade, desejo de infinitude. A pessoa sente dentro de si o desejo de perfeição, de liberdade, de felicidade total (que também passa pelo perdão), com caráter de procura, e reconhecendo aí a sua dignidade. Também, todo o homem (independente de ser crente) reconhece que muito de si, pela sua experiência pessoal, recebeu como um dom, como graça (ex. existência). Realidade que é transcendente, que de certa forma lhe confere dignidade.

Todo o ser humano é dom do Criador, o próprio ser humano se reconhece como um dom em si mesmo e para os outros. Portanto, a dignidade parte do ser humano como

sujeito, como pessoa na sua dimensão imanente e transcendente e ainda como sujeito na sua dimensão biológica, psicológica e espiritual. Desta forma o ser humano é princípio de autonomia, de comunicação e transcendência.

A dignidade humana é assim reconhecida como um valor, que nasce do respeito que todo o ser humano merece pela simples condição de ser “pessoa” e não “coisa” (“res”). A dignidade é uma realidade inata à pessoa, o que torna inatos todos os direitos, atingindo assim uma consciência coletiva sobre os direitos.

Acresce a este fundamento, a visão cristã, em que a pessoa humana é vocacionada para a dignidade, pois é um ser original, único, irrepetível e amado por Deus, como um ser insubstituível. O homem é chamado a realizar-se na liberdade com uma consciência de Deus.

A própria Igreja, ao longo da história, tem sido uma constante promotora da dignidade da pessoa humana, procurando sempre a opção pelos mais pobres e desprotegidos da sociedade. Está sempre ao lado dos que mais sofrem, daqueles que vivem constantemente o sofrimento de vidas injustas ou fruto da realidade natural-social.

Finalmente, importa referir que a realidade da dignidade da pessoa humana no confronto com o sofrimento será superada graças à emergência social de uma nova visão antropológica. Esta desenvolveu-se segundo uma nova compreensão do ser humano, fruto das duas guerras mundiais e seguindo duas coordenadas essenciais: dignificar dos direitos do homem e da representatividade de uma teologia antropológica que considera o homem como imagem de Deus; enquadramento da criação do mundo dentro do plano salvífico, interpretando-a em chave cristológica¹⁹⁷. Esta perspectiva possibilitou a abertura a um caminho de esperança para uma nova visão da dignidade.

Neste sentido, a pessoa humana por si só traduz-se em dignidade, assim como o próprio sentido de relação que deve fazer com que o próprio homem se valorize a si e ao outro. A experiência de relação com o "tu" do outro deve levar ao reconhecimento dessa dignidade, da responsabilidade e respeitabilidade do eu-tu (referindo-se a Caim: Onde está teu irmão?¹⁹⁸). Mesmo os não crentes devem partir da experiência relacional para cristalizar o reconhecimento da pessoa como ser de dignidade. A pessoa é o único ser que se define e tem consciência da sua dignidade. Da autoconsciência é que sai a ideia de pessoa com valor, com dignidade. O conceito de pessoa aplica-se a todo o ser humano

¹⁹⁷ Cf. BUENO DE LA FUENTE, E. - De un Concilio pastoral a una Constitución pastoral. In AA VV., *Los nuevos escenarios de la Iglesia en la sociedad española: en el 40 aniversario de la constitución GS*, Instituto Social León XIII/ Fundación Pablo VI, Madrid, 2005. p.73-74.

¹⁹⁸ Gn 4,9.

vivo e por isso portador de dignidade, que o torna num valor único e incondicional que reconhecemos na existência de todo o indivíduo, independente de qualquer qualidade acessória, pois é pertença da própria realidade como pessoa. Porque é o valor essencial que tem que ser respeitado e salvaguardado, quer por crentes quer por não crentes.

Contudo, só à luz de Cristo, ser perfeito, se pode compreender completamente o homem na sua dignidade. É este o grande contributo do cristianismo para dar ao homem contemporâneo: uma nova e maior visão sobre a dignidade. Oferecendo ao homem, uma nova e constante renovada reflexão sobre dignidade, que mesmo perante os novos desafios e barreiras que se colocam à pessoa humana, fruto das revoluções e transformações continuadas da técnica, saberá dar uma resposta concreta, adequada e atualizada na promoção da vida e dignidade humana. Porque a renovação da consciência à luz da pessoa de Cristo transmite a razão de ser da pessoa humana na sua dignidade.

Vemos na nossa sociedade cada vez mais o desejo do poder e domínio sobre os outros, o que põe em causa a dignidade do ser pessoa. Por isso, uma dignidade sem a referência à imagem de Deus sai sempre fragilizada. A verdadeira dignidade só é cristalizada com a ideia clara de que a pessoa humana se deduz da razão (que eu substituiria por consciência) e da revelação de Cristo, sendo Deus sua origem, fundamento e sua meta. Esta conceção exige ao homem respeito absoluto entre si e entre os outros, porque criado à “imagem de Deus”. É da consciência de abertura a si, ao outro e ao transcendente que o homem reafirma a dignidade.

Daqui resulta também a nível da reflexão cristã que, o homem possui uma dignidade interna que nasce na “imagem de Deus” (dignidade que não é conquistada, mas dom), e uma dignidade externa, dignidade coletiva, que é necessário conquistar mostrando a importância de lutar por ideais e valores. O ser humano como criatura não produz vida por si mesmo, ela depende de um outro, o ser finito aspira ao infinito, ao transcendente. A realidade do homem como ser espiritual transcende a sua espaço-temporalidade orientando-se para Deus. Remeter para a comunhão com Deus, a partir do qual se compreende o mistério da natureza e do homem, fundamento da plenitude do ser humano e da sua dignidade.

Portanto, é fundamental que os alunos do sexto ano descubram os valores acerca da pessoa humana e da sua dignidade, que vai sendo referida ao longo dos anos escolares, de modo especial e aprofundada na primeira unidade do 9º ano. Portanto, a primeira unidade letiva do 6º ano “A pessoa humana” tem como objetivo educar o aluno para a valorização da sua dignidade, para organizar a sua vida à volta de valores que o

dignifiquem e o tornem mais humano, e incentivar a agir em conformidade com essa hierarquia de valores. A nível pedagógico é estruturante para a realidade da sua consciência e do seu ser.

Com efeito, é importante que os alunos saiam da escola cada vez mais bem preparados, quer profissional quer eticamente, de forma, a que sejam pessoas bem integradas socialmente. Portanto, a escola tem que estar atenta a formar profissionais, nesta sociedade educativa cada vez mais exigente, também com um nível de consciência ética mais exigente.

Sinteticamente nesta etapa da lecionação da Unidade Letiva um do 6º ano: “A pessoa humana”, muitas foram as expectativas acerca do processo ensino-aprendizagem, que foi bastante enriquecedor e até de extrema importância em todo o meu crescimento no conhecimento de conteúdos e metodologias educativas. Permitiu uma preparação mais assertiva nas respostas às exigências do ensino nos dias de hoje, perante uma sociedade em constante mudança, que muita influência tem sobre os alunos, o que torna necessário capacitá-los a desenvolverem um espírito crítico, se possível numa visão humanista-cristã.

Ao fim do ano letivo posso garantir que foi muito gratificante e positivo, assim como este trabalho de investigação de aprofundamento antropológico-teológico e pedagógico-didático, que inicialmente pretendia soluções, mas ficou-se por um passo em frente na reflexão, que ampliou os meus conhecimentos ao nível científico e teológico, e por certo ajudará outros. Permitiu aprofundar a experiência da lecionação dos conteúdos, da utilização de estratégias, recursos e metodologias pedagógico-didáticas mais adequadas, como forte contributo ao enriquecimento do processo ensino-aprendizagem.

Em suma, ao longo desta experiência, fui constatando muitas limitações. No entanto, muitas foram superadas, ficando com plena consciência que tenho capacidades para superar outras com a experiência que fui adquirindo. Contudo, tenho que sublinhar, que tudo foi possível, como tudo será possível, graças ao meu espírito de determinação e sacrifício, e também à colaboração dos orientadores da Prática do Ensino Supervisionada, e ao espírito de grupo dinamizado entre os colegas que em muito ajudou a clarificar a dignidade da pessoa humana. Porque todos reconhecem a necessidade constante de repensar a dignidade.

Porto, 10 de Julho de 2017

Assinatura: _____

(Cândido Plácido da Costa)

BIBLIOGRAFIA

I - Fontes

BÍBLIA SAGRADA - Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica, 2002.

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ - *Programa de Educação Moral Religiosa Católica*. Lisboa: SNEC, 2014.

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ - *Manual do 6º Ano de EMRC, “Estou contigo!”*. Lisboa: SNEC, 2015.

II - Magistério da Igreja

BENTO XVI - “*Caritas in Veritate*”, *Carta Encíclica* (29 de junho de 2009). Braga: Editorial A.O., 2009.

_____, - “*Deus Caritas Est*”. Lisboa: Paulinas Editora, 2006.

_____, - Discurso do Papa aos professores de religião católica nas escolas italianas, (25 de Abril de 2009). Libreria Editrice Vaticana. [consulta 15 Mar. 2017]. Disponível em https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/april/documents/hf_ben-xvi_spe_20090425_insegnanti-religione.html.

CONCÍLIO VATICANO II - Braga: Editorial A.O., 1979¹⁰.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA - *Educação: Direito e Dever – Missão Nobre ao serviço de todos*. Lisboa, 2002.

_____, - *Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo para a formação da personalidade*. Lisboa, 2006.

_____, - *A Escola em Portugal – Educação integral da pessoa humana*. Lisboa, 2008.

_____, - *EMRC – A Comunidade unida no serviço à Educação*, in *Revista Lumen*, 3, 2013.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA - *Educar para o diálogo intercultural na escola católica*. Lisboa, 2013.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ – *Instrução “Dignitas Personae”*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 8 set. 2008.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ – *Instrução “Donum Vitae”*, 22,2,1987, AAS 80 (1988),70-102.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1999.

JOÃO XXIII - *Discurso na abertura solene do Concílio Vaticano II*, in AAS 54 (1962), 793.

JOÃO PAULO II - “*Salvifici Doloris*”, *Carta Apostólica sobre sentido cristão do sofrimento humano*. Roma, 11 de Fevereiro de 1984.

_____, - “*Evangelium Vitae*”, *Carta Encíclica sobre o valor e o carácter inviolável da vida humana* (25 de março de 1995) Braga: Editorial A.O., 1995.

_____, - “*Veritatis Splendor*”, *Carta Encíclica*. Roma, 6 de agosto de 1993.

_____, - “*Laborem Exercens*”, *Carta Encíclica*. 5ª ed., Braga: Editorial A.O., 1987.

_____, - Discurso no XVI Congresso Internacional do Ensino Católico (OIEC), 5 de Março de 1994. [consulta 10 Mar. 2017]. Disponível em www.https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches.index.html.

PAPA FRANCISCO - “*Amoris Laetitia*”, *Exortação Apostólica*. 2016.

_____, - “*Evangelii Gaudium*”, *Exortação Apostólica*. 2013.

_____, - “*Laudato Si*” *sobre o cuidado da casa comum*. Lisboa: Paulus Editora, 2015.

_____, - “*Lumen Fidei*”, *A Luz da Fé*. Lisboa: Paulus Editora, 2013.

PAULO VI - *Lettera Enciclica De propagatione humane vitae* (Tit. Humanae Vitae tradendae), 25,7, 1968, AAS 60 (1068, 481-503).

III - Estudos:

1 – Livros

ABBAGNANO, Nicola - *História da Filosofia*. 4º ed. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

AGOSTINHO DE HIPONA – *Confissões*. 13ª ed. Braga: Edições Livraria A. I., 1999.

ALARCÃO, Isabel (org.) - *Formação Reflexiva de Professores - Estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora, 1996.

ÁLVAREZ PEREZ, J.C. - Ser humano-pessoa: planteamiento del problema. In MASIÁ CLAVEL, J.M. - *Ser humano, persona y dignidade*. Madrid: PUPC, Desclée de Brouwe, 2005, p. 17- 43.

- AMOR, Emília - *Didática do Português – Fundamentos e metodologia*. 4ª ed. Lisboa: Texto editora, 1997.
- AQUILINO, J. G. - Ética na Escola. A diferença que faz diferença. In AQUILINO, J. G. (Org.) - *Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e prática*. São Paulo: Summus, 1998.
- ARENDS, Richard I. - *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill, 2008⁷.
- ARDITA, M. G. – Dignidade humana. In *Dicionário de bioética*. Dir. por LEONE, Salvino; PRIVITERA, Salvatore; CUNHA, Jorge T. Gaia: Editorial Perpétuo Socorro, 2001, p. 275-278.
- ARISTÓTELES - *Ética a Nicómaco*. Porto: Universitárias Lusófonas, 2012.
- AUER, Johann - El mundo, creación de Dios. In AUER Johann e RATZINGER, Joseph (Dir.). 2ª ed. Tomo III. Barcelona: Editorial Herder, 1985.
- BERNABÉ, C. - El Génesis: Libro de orígenes y fundamentos. In GOMEZ- ACEBO, I., (Ed.) - *Relectura del Génesis*. Bilbao: DDB, 1999.
- BOF, G. - Noção de corporeidade. In *Dicionário de Bioética*. Dir. por LEONE, Salvino; PRIVITERA, Salvatore; CUNHA, Jorge Teixeira da. Gaia: Editorial Perpétuo Socorro, 2001, p. 206-207.
- BOFF, L. - *A Trindade, a sociedade e a libertação*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- _____, - *Virtudes para um mundo possível. Hospitalidade: direito e dever de todos*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BORNKAMM, G. - *Jesus de Nazaret*. 4ª ed. Salamanca: Sígueme, 1990.
- BREDELLA, Lothar - *Introdução à didática da literatura*. Lisboa: publicações Dom Quixote, Univ. Moderna, 1989.
- BROWN, R. - *El Evangelio según Juan I-XIII*. Madrid: Cristiandad, 1979.
- CAMACHO, J. M. F. - *Marcos: texto y comentario*. Córdoba: El Almendro, 1994.
- CANDAU, V. M. - Educação Escolar e Cultura(s): multiculturalismo, universalismo e currículo. In CANDAU, V. M. (Org.) - *Didática: questões contemporâneas*. Rio de Janeiro: Ed. Forma & Ação, 2009, p. 47-60.
- _____, - *Reinventar a Escola*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CARREIRA DAS NEVES, J. - *Escritos de São João*. Lisboa: UCP, 2004.
- CARVALHO A. D. (Dir.) - *Interculturalidade, educação e encontro de pessoas e povos*. Porto: Afrontamento, 2013.

- CARNEIRO, R. - Educação e comunidades revivificadas: uma visão da escola socializadora do novo século. In DELORS, J. - *Educação, um tesouro para o século XXI*. Brasília: Cortez, 1996, p. 221-224.
- _____, - Europa: O desafio da diversidade e do acolhimento. In GIL, I. C. (Coord.) - *Identidade Europeia; Identidades na Europa*, Lisboa: UCP, 2009.
- CERESKO, A. - *Introdução ao Antigo Testamento numa perspectiva libertadora*. São Paulo: Paulus, 1996.
- CIARI, Bruno - *As novas técnicas didáticas*. Lisboa: Editorial estampa, 1978.
- CODA, P. - *Dios Uno y Trino. Revelación, Experiencia y Teología del Dios de los Cristianos*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 2010.
- COUTO, António J. R. - *Aliança no Sinai, como núcleo lógico-teológico central do Antigo Testamento*. Valadares, 1990.
- _____, - *Como uma dádiva. Caminhos de antropologia Bíblica*. Lisboa: UCP, 2005².
- _____, - *O livro do Génesis*. Santa Maria da Feira: Letras e Coisas, 2013.
- _____, - *Pentateuco. Caminho da vida Agraciada*. Lisboa: UCP, 2005².
- CUÉLLAR, A. I. - Perspetiva na gestão de conflitos. In GONZÁLEZ-PÉREZ, J.; POZO, M. J. (Dir.) - *Educar para a não violência*, Bookout, 2015², p. 120-157.
- DELORS, J. - *Educação, um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da comissão internacional sobre Educação para o séc. XXI*. Brasília: Cortez, 1996.
- DESCARTES, R. - *O Discurso do Método*. Lisboa: Edições 70, 2016.
- DIAS, José Ribeiro - *A realização do ser humano. Para a história das ideias em educação e pedagogia*. Lisboa: Didática editora, 2000.
- DIAZ, Javier - *Dignidad humana y bioética*. Madrid: Publicaciones Universidad Pontificia de comillas, 2008.
- DICIONÁRIO de bioética. Dir. por LEONE, Salvino; PRIVITERA, Salvatore; CUNHA, Jorge T. Gaia: Editorial Perpétuo Socorro, 2001.
- DICIONÁRIO Interdisciplinar da pastoral da saúde. Dir. por CINÁ, Giuseppe; LOCCI, Efisio; ROCCHETTA, Carlo; SANDRIN, Luciano [Trad. Calisto Vendrame e Leocir Pessini], São Paulo: Paulus, 1999.
- DICIONÁRIO Teológico Interdisciplinar. Coord. Pacomio. Salamanca: Sigueme, 1982. 3 vol.
- DICTIONNAIRE de Spiritualité. Paris: Beauchesne (tome XVI) 1994.

- DOMINGUES, B. - *A Pessoa: entre o mundo e Deus*. Porto, 1988.
- _____, - *Complexidade do eu, do tu e do outro*. Porto, 2007.
- DUQUE, O. F.; DUQUE J. M. - *Educar para a diferença*. Braga: Alcalá, 2005.
- EICHRODT, W. - *Teología del Antiguo Testamento* vol. I, Madrid: Cristiandad, 1975.
- _____, - *Teología del Antiguo Testamento*, vol. II, Madrid: Cristiandad, 1975.
- ENTRALGO, Pedro Laín - *O que é o homem, Evolução e sentido da vida*. Lisboa: Edições Nobel, 2002.
- FINURAS, P. - *Humanus: pessoas iguais, culturas diferentes*. Lisboa: Sílabo, 2012.
- FLECHA, Jose-Raman - *La Fuente de la Vida*. Salamanca: Ed. Sigueme, 1999.
- _____, - *Moral de la persona*. Madrid: B.A.C. 2002.
- FLICK, M.; ALSZEGHY, Z. - *Antropología Teológica*. 3ª ed. Salamanca: Ediciones sigueme, 1972.
- FELGUEIRAS, M. L. - A Difícil e Frágil Emergência de um Ensino Privado não Confessional em Portugal (final do século XX e primeira metade do século XX). In PINTASSILGO, J, (Org.) - *Laicidade, Religiões e Educação na Europa do Sul no Século XX*. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2013.
- FONTES, P. - Educação, Religião e Laicidade em Portugal na Época Contemporânea: o Debate Acerca da “Educação Religiosa” na Escola Pública. In PINTASSILGO, J. (Org.) - *Laicidade, Religiões e Educação na Europa do Sul no Século XX*. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2013.
- FOHRER, G. - *Estruturas Teológicas fundamentais do Antiguo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- FRANKL, Viktor E. - *El hombre dolente*. Barcelona: Editorial Herder, 1986.
- _____, - *El hombre en busca de sentido*. Barcelona: Editorial Herder, 1991.
- FRATTALONE, R. - Pessoa. In *Dicionário de Bioética*. Dir. por LEONE, Salvino; PRIVITERA, Salvatore; CUNHA, Jorge T. Gaia: Editorial Perpétuo Socorro, 2001, p. 837-844.
- FUKUYAMA, Francis - *El fin del hombre*. Barcelona: Ediciones B, 2004.
- FUSTER, i Camp.; IGNASI, X. - *Sufrimiento humano: verdade y sentido*. Barcelona: Editorial balmes, 2005.
- GALIMARD, P. - *A criança dos 6 anos aos 15 anos*. Lisboa: Moraes, 1978⁶.

- GESCHÉ Adolphe - *Deus para pensar I. El mal – El hombre*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1995.
- GNILKA, J. - *El evangelio según San Marcos. Mc 1,1–8,26*, vol. I. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2005.
- GONZÁLEZ-PÉREZ, J.; M. J. POZO - *Educar para a não violência*. Bookout, 2015².
- HERRERO HERNÁNDEZ, Francisco - Horizonte antropológico de la “*Dignitas Personae*”. In GALINDO GARCIA, Ángel (coord.), - *Cultura de vida desde “dignitas personae”*. Salamanca: UPSA, 2009, p. 63-74.
- KANT, E. - *Fundamentação da Metafísica dos Costumes (1785)*, Edições 70, 2011.
- _____, - *Crítica da Razão Prática*. S. Paulo: Edições brasil editora, 1959.
- KASPER, W. - *Jesus, el Cristo*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1984.
- KORNHAUSER, A. - Criar Oportunidades. In DELORS, J. - *Educação, um tesouro para o século XXI*. São Paulo: Cortez, 1998, p. 233-239.
- LACADENA, Juan-Ramón - *Biología y humanidae: hominización y humanización*. In MASIÁ CLAVEL, J.M. - *Ser humano, persona y dignidade*. Madrid: UPC Desclée de Brouwe, 2005, p. 91-133.
- LADARIA, Luis F. - *Antropologia Teologica*. Estrela: Editorial Verbo divino, 1993.
- LAENG, Mauro - *Dicionário de pedagogia*. Pub. Dom Quixote.
- LANDSHEERE, Viviane - *Educação e formação* (tradutor: Mário Pinto). Porto: Adições ASA, 1994.
- LATOURELLE, R. - *Teologia da Revelação*. São Paulo: Paulinas, 1973⁴.
- LEÒN-DUFOUR, X. - *Leitura do Evangelho Segundo João I*. São Paulo: Loyola, 1996.
- LEVINAS, Emmanuel - *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, Lda, 2008.
- LIMA, A. - *Bioética e Antropologia*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2004.
- LITTLETON, Karen - *Technology, Pedagogy and Education*, Research into teaching with the whole-class interactive Technologies emergente themes. The Open University. London: Milton Keynes, 2010.
- LORDA, Juan Luis - *Antropología, del concilio vaticano II a Juan Paulo II*. Madrid: Ediciones Palabra, 1996.
- LOURENÇO, João D. - *O sofrimento no pensamento Bíblico, ‘releituras hermenêuticas? De Isaías 53*. Lisboa: Univ. Cat. Editora, 2006.

- LUCAS, J. de Sahagún - *Dios, horizonte del hombre*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1994.
- LUSTIGER, J. M. - *Tornai-vos dignos da condição humana*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- MAGALHÃES, A. M. - Pensar as diferenças. Contributos para a educação inclusiva. In RODRIGUES, D. (Org.) - *Educação inclusiva dos conceitos às práticas de formação*. Lisboa: Instituto Piaget, 2012², p. 29-43.
- MARQUES, R. - *Ensinar valores: teorias e modelos*. Porto: Porto Editora, 1998.
- _____, - *Mudar a escola. Novas práticas do ensino*. Lisboa: Livros horizonte, 1983.
- _____, - *Saber educar, guia do professor*. Lisboa: Editorial presença, 2011.
- MARTINAZZO, C. J. - O desafio ético para uma educação intercultural. In CARVALHO, A. D. (Org.) - *Interculturalidade, educação e encontro de pessoas e povos*. Porto: Afrontamento, 2013, p. 67-74.
- MASIÁ CLAVEL, Juan - *Bioética y antropología*. Madrid: UPC, 1998.
- MAZULA, B. - Interculturalidade e Direitos Humanos. In CARVALHO, A. D. (Org.) - *Interculturalidade, educação e encontro de pessoas e povos*. Porto: Afrontamento, 2013, p. 45-51.
- MELENDO, Tomás - *Las dimensiones de la persona*. Madrid: Ediciones palabra, 1999.
- _____, - *Dignidad humana y bioética*. Pamplona: Ed. EUNSA, 1999.
- MOLTMANN, Jürgen - *La Dignidad humana*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1979.
- _____, *O Homem, mistério a desvendar*. São Paulo: Edições Paulistas, 1976.
- MORIN, E.; CYRULNIK, B. - *Diálogo sobre a natureza humana*. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.
- MOUNIER, E. - *O Personalismo*. Lisboa: Ed. Texto & Grafia, 2010.
- MOURA, Laércio - *A dignidade da pessoa e os direitos humanos. O ser num mundo em transformação*. Rio Janeiro: Edições Loyola, 2002.
- MUNÓZ SEDANO, A. - *Educación intercultural: teoría y practica*. Madrid: Escuela Española, 1997.
- NÉRICI, Imídeo G. - *Introdução à Didática Geral*. 16^a ed. São Paulo: Editora Atlas s.a, 1991.
- NUNES, E. L. - Para além do humanismo. Lévinas em diálogo com Heidegger. In BECKET C. (Coord.) - *Lévinas entre nós*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2006, p. 39-50.

- PACHECO, José A. - *Currículo: teoria e práxis*. Porto editora, 1996.
- PEÑAMARIA DE LLANO, A. - *El Dios de los cristianos*. Madrid: Sociedad de Education Atenas, 1990.
- PANGRAZZI, Arnaldo - *Porquê justamente a mim? Que fiz eu de mal? Porque permite Deus a dor?* 4ª ed. Águeda: Paulinas Editora 2008.
- PANNENBERG, Wolfhart - *Antropología en Perspectiva Teológica* (Trad. por Miguel Garcia-Baró). Salamanca: Ediciones Sígueme, 1993.
- PERES, A. N. - *Educação intercultural: utopia ou realidade?* Porto: Profedições, 1999.
- PERRET-CLERMONT, A. N. - *Integração social. Aprendizagem e integração social na adolescência e juventude*. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.
- PIAGET, J. - *A psicologia da inteligência*. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.
- PIKASA, Xabier - *Antropología Bíblica*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1993.
- _____, - *O Evangelho. Leitura de Marcos*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1996.
- PLANCHARD, Emile - *A pedagogia contemporânea*. 8ª ed. Coimbra: Coimbra editora, 1982.
- POLKINGHORNE, John - *Ciencia y teologia. Una introdución*. Santander: Sal terrae, 2000.
- PORRAS del CORRAL, M. P. - Persona y dignidad desde el derecho. In MASIÁ CLAVEL, Juan (Coord.) - *Ser humano, persona y dignidad*. Bilbao: UPC, 2005, p. 199 - 244.
- RAHNER, Karl - *Escritos de Teologia II*. Madrid: Ediciones Cristiandad. S.A., 2002.
- RATZINGER, Cardeal – *Verdade. Valores. Poder*. Braga: Editorial franciscana, 2006.
- _____, - *Deus e o mundo*. Coimbra: Tenacitas, 2006.
- RICOEUR, P. - *Leituras 3: Nas Fronteiras da Filosofia*. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.
- _____, - *Percurso do Reconhecimento*. São Paulo: Loyola, 2006.
- _____, - *Le mal: Un défi à la philosophie et à la théologie*. Labor et fides, 2004.
- _____, - *O si-mesmo como um outro*. Campinas: Papyrus, 1991.
- RIVAS FLORES, Francisco - Dependência e dignidade. In MASIÁ CLAVEL, Juan (Coord) - *Ser humano, persona y dignidad*. Madrid: UPC, Desclée de Braouwer, 2005, p. 133-166.

- ROCCHETTA, Carlo - Corporeidade. Abordagem teológica. In *Dicionário interdisciplinar da pastoral da saúde*. Dir. por CINÁ, Giuseppe; LOCCI, Efisio; ROCCHETTA, Carlo; SANDRIN, Luciano [Trad. Calisto Vendrame e Leocir Pessini]. São Paulo: Paulus, 1999.
- ROLDÃO, M. C. - *Gestão Curricular: Fundamentos e Práticas* (Ministério da Educação Departamento da Educação Básica). Lisboa, 1999.
- RUIZ DE LA PEÑA, J. L. - *El don de Dios, Antropología teológica especial*. 3ª ed. Santander: Editorial Sal Terrae, 1991.
- _____, - *Imagen de Dios. Antropología Teológica Fundamental*. 2ª ed. Santander: Sal Terrae, 1988.
- _____, - *La Pascua de la Creación*. Madrid: B.A.C., 1996.
- _____, - *Teología de la creación*. 6ª ed. Bilbao: Editorial Sal Terrae, 1988.
- SACKS, J. - *A Dignidade da Diferença. Como evitar o choque das civilizações*. Lisboa: Gradiva, 2006.
- SAMPAIO, D. - *Da Família, da escola: e umas quantas coisas mais*. Lisboa: Caminho, 2011.
- SANTOS, B. S. - *Reconhecer para libertar: Os Caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Porto: Afrontamento, 2004.
- SANTROCK, J. - *Psicologia educacional*. 3ª ed. São Paulo: McGraw Hill, 2009.
- SAYÉS, J. A. - *Antropología y Moral*. Madrid: Ediciones Palabra, 1997.
- SCHNACKENBURG, R. - *El Evangelio según San Juan I*. Barcelona: Herder, 1980.
- SCHOKEL, A. L. - *Trinta Salmos – Poesia y Oración*. Madrid: Cristiandad, 1986.
- SERRALHEIRO, D. - *O acto educativo, religioso e moral*. Lisboa: SNEC, 1996.
- SEVERINO, A. J. - Interculturalidade, educação e encontro de pessoas e povos. In CARVALHO, A. D. (Org.) - *Interculturalidade, educação e encontro de pessoas e povos*. Porto: Afrontamento, 2013, p. 33-44.
- SICRE, J. L. - *Introducción al Antiguo Testamento*. Estella: EVD, 1997.
- SILVA, Pedro - A ação Educativa – um caso particular: o dos pais difíceis de envolver no processo educativo escolar dos seus filhos. In DON DAVIES, Ramiro Marques, Pedro Silva - *Os Professores e as suas famílias, colaboração possível*. Lisboa: Livros horizonte, 1988, p. 61-76.

- SPRINTHALL, Norman A.; SPRINTHALL, Richard C. - *Psicologia Educacional*. Lisboa: Editora McGraw-Hill, 1993.
- TAVARES ET ALARCÃO - *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina, 1992.
- TEDESCO, Juan Carlos - *O novo pacto educativo*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leitão, 2000.
- TOMÁS AQUINO - *Suma teológica (vol. 2)*. São Paulo: Loyola, 2002.
- TORRALBA, F. - *Qué es la dignidade humana? En torno a Peter Singer....* Barcelona: Herder, 2005.
- _____, - La raiz de la dignidade humana. Apostillas filosóficas a Francis Fukuyama. In MASIÁ CLAVEL, J.M. - *Ser humano, persona y dignidade*. Madrid: UPC Desclée de Brouwe, 2005, p.245-262
- URIONABARRENETXEA, K. M. - La dignidade del enfermo terminal. In MASIÁ CLAVEL, J.M. - *Ser humano, persona y dignidade*. Madrid: UPC Desclée de Brouwe, 2005, p. 167-199.
- VAZ, A. - *Em vez de «história de Adão e Eva»: O sentido último da vida projetado nas origens*. Marco de Canaveses: Carmelo, 2011.
- VAZ, H. L. - *Antropologia Filosófica*, São Paulo: Loyola, 2011.
- VERÍSSIMO, A. - *A intriga ética. Ensaio sobre a antropologia e a ética levinasianas*. Guimarães: Cidade Berço, 2001.
- VIDAL, Marciano - *Moral de La Persona y Bioetica Teologica (Moral de Actitudes, II-1.ª Parte)*. 8ª ed. Madrid: Editorial PS, 1991. p. 107.....<<<
- VIEIRA, Flávia - *Supervisão - Uma prática reflexiva de formação de professores*. Rio tinto: Edições Asa, 1993.
- VILAÇA, J. I.; CARMONA V. - Os contextos pedagógicos e educativos da EMRC. In CABRAL A. M. A. (Coord.) - *Educação Moral e Religiosa Católica: Um valioso contributo para a formação da personalidade*. Lisboa: SNEC, 2006.
- VON RAD, G. - *Teología del Antiguo Testamento I*. Salamanca: Sígueme, 1975.
- WOLBERT, Werner - “Dignidad humana”, *NDMC*, p. 146 - 149.
- ZUBIRI, Xavier - *El Hombre y Dios*. 7ª ed. Madrid: Alianza Editorial, 2003.

2 – Artigos

- ALFARO, J. - A Terra Prometida: Sacramento da Libertação do Êxodo. In *Estudos Bíblicos* 13 (1987) 9-20.
- ALMENDRA, L. M. - “Quem é o meu próximo?” In *Communio* (26 /2/2009) 145-156.
- ALVES, H. - Imagens de Deus no Antigo Testamento. In *Bíblica*. 7 (1998) 35-83.
- _____, - O Deus dos Pobres – A pobreza no contexto bíblico. In XII Semana Bíblica Nacional - *Os Pobres na Bíblia e na Vida de Hoje* (1990) 33-71.
- _____, - O Rosto de Deus criador. In *Génesis - Do sonho à esperança da Terra Prometida*, IX Semana Bíblica Nacional (1987) 31-77.
- AMBRÓSIO, J. - Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Católica. In *Fórum de EMRC*. Lisboa: SNEC (2005) 151-161.
- AMMISCHT-QUINN, Regina - Es sagrada la dignidade? El ser humano, la máquina y el debate sobre la dignidade. In *Concilium - El debate sobre la dignidade humana*. 300: 2. Pamplona: Editorial verbo divino (2003) 215-228.
- BIANCHI, E. - O Estatuto dos sem-dignidade no Antigo Testamento. In *Concilium* 10 (1979) 8-17.
- BUENO DE LA FUENTE, E. - De un Concilio pastoral a una Constitución pastoral. In AA VV., *Los nuevos escenarios de la Iglesia en la sociedad española: en el 40 aniversario de la constitución GS*, Instituto Social León XIII/ Fundación Pablo VI, Madrid, 2005.
- CANDAU, V.M. - Diferenças Culturais, Cotidiano Escolar e Práticas Pedagógicas. In *Currículo sem Fronteiras* 11 (Jul/Dez 2011) 235-250. [consulta 12 jun. 2016]. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol11iss2articles/candau.pdf>> 240-255.
- CARVALHO, J. C. - A Figura Bíblica de Caim – Um Deus violento ou a violência de Deus. In *Humanística e Teologia*. 31:2 (2010) 187-201.
- _____, - Igualdade em Cristo. In *Humanística e Teologia*. 31:1 (2010) 165-192.
- CLINES, David J.A. - El Dios de Job. In *Concilium - El Dios de Job*, 307:4. Pamplona: Editorial verbo divino (2004) 551-565.
- DUQUE, J. - Do sentimento de si ao sentimento do outro. In *Theologica* 46 (2011) 15-29.
- EKENEWS - European fórum news; notiziorio trimestrale del fórum europeo per L'insegnemen della religione, 2014.

- FOSSION, A. - Que formação cristã para o corpo docente? Que competências ter em vista? In *Pastoral Catequética* 27 (2013) 81-97.
- GONZÁLEZ, Angel - Jó, o enfermo. In *Concilium* 119, Editora vozes (1976/9).
- HABEL, Norman - El veredicto sobre/de Dios al final de Job. In *Concilium - El Dios de Job*. 307:4. Pamplona: Editorial verbo divino (2004) 537-549.
- HÄRING, Hermann - Quién es el responsable? In *Concilium - El Dios de Job*. 307: 4. Pamplona: Editorial verbo divino (2004) 583-600.
- JUNKER_KENNY, Maureen - Necesita el concepto de dignidad humana una fundamentación teológica? In *Concilium - El debate sobre la dignidade humana*. 300:2. Pamplona: Editorial verbo divino (2003) 241-252.
- KAMP, Albert - Com causa o sin ella. Imágenes de Dios y el hombre en Job 1-3. In *Concilium - El Dios de Job*. 307: 4. Pamplona: editorial verbo divino (2004) 517-526.
- LANDIM, R. F. - Do eu penso cartesiano ao eu penso Kantiano. In *Studia Kantiana* 1 (1998) 263-289.
- MOITA, F. - A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual. In *Pastoral Catequética* 26 (2013) 53-74.
- MONTEIRO, A. - Da Humanidade ao Homem. In *Génesis. Do sonho à Esperança da Terra Prometida*. Fátima: Difusora Bíblica (1987) 79-113.
- _____, - Os problemas éticos na cultura e sociedades contemporâneas. In *Semanas de Estudos Teológicos da Universidade Católica Portuguesa. Questão Ética e Fé Cristã*. Lisboa: Editorial Verbo (1988) 15-38.
- MOREIRA, C. M. - *Para uma Legitimação Cultural do Ensino da Religião* (Lisboa, 2012). [consulta 3 de Abr. 2015]. Disponível em: <<http://www.clr.mj.pt/sections/documentos-e-publicacoes/publicacao-do-plr-2011/publicacao-do-plr>>.
- NEGT, Oskar - Lo irrepitible: câmbios en el concepto cultural de dignidade. In *Concilium - El debate sobre la dignidade humana*. 300:2. Pamplona: Editorial verbo divino (2003) 203- 213.
- OSWALD, W. - A dignidade intrínseca e a extrínseca. In *revista portuguesa de bioética*, 11 (julho de 2010) 191-199.
- PAULO FREIRE (in www. Educare.pt).
- PIANA, G. - “Doctrina social de la Iglesia”, *NDTM*, p. 402-434.
- PINTO, Paulo - *Religião na escola. Educar para a cidadania*, tripov, 2002.

- RAHNER, K. - Dignidade e liberdade do homem. In *Escritos de teologia*, oc. II, 2002, 245-246.
- _____, - Compimento transcendente e immanente del mondo. In “*Nuovi Saggi*”. Roma: Paoline (1969) 679-
- REVISTA CONCILIUM - Sofrimento e fé cristã, 119, Editora vozes, 1976/9
- SACRAMENTUM *Mundi: enciclopédia teológica*. Barcelona: Herder, Vol-V.1976.
- SERRÃO, D. - A dignidade humana no mundo pós-moderno. In *revista portuguesa de bioética*, 11 (julho de 2010) 191-199.
- SGRECCIA, Elio - La instruzione della Congregazione per la Dottrina della fede “*Dignitas Personae*”, significato e valore del richiamo alla dignità. In *Camillianum* (Rev. dell’instituto internazionale di teologia pastorale sanitaria), (2009) 413-430.
- SILVA, José Afonso da - A dignidade da pessoa humana como valor supremo da democracia. In *Revista de Direito Administrativo*, v. 212, (abr./jun.1998) 84-94.
- TAMAYO-ACOSTA, Juan José - Dignidad y liberación: perspectiva teológica y política. In *Concilium - El debate sobre la dignidade humana*. 300: 2. Pamplona: Editorial verbo divino (2003) 253-264.
- TEIXEIRA, João A. - “Terá sentido sofrer?” In *Communio*, 2003.
- VALADIER, Paul - La persona en su dignidad, In *Concilium - El debate sobre la dignidade humana*. 300: 2. Pamplona: Editorial verbo divino, (2003) 231-239.
- VARANDA, I. - A inclusão do diferente. Na esteira do Ano Europeu da pessoa com deficiência. In *Theologica* 39 (2004/1) 85-97.
- VERHACK, E. - As perspectivas da educação cristã na Europa. In *Pastoral Catequética* 27 (2013) 55-80.
- VESPIEREN, Patrick - La dignidade en los debates políticos y bioéticos. In *Concilium - El debate sobre la dignidade humana*. 300:2. Pamplona: Editorial verbo divino, (2003) 189-199.
- VIOLA, F - Dignidadà umana. In *enciclopedia filosófica* 3, p. 2864.

ANEXOS

I – Planificação anual.

II – Recursos de apoio às aulas.

III – Planificação de atividades extracurriculares